



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**

ROSÂNGELA ALVES BARBOSA DE OLIVEIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ESTUDO DA LINGUAGEM DOS HABITANTES
DE TEIXEIRA DE FREITAS (BA) FILHOS DE MIGRANTES MINEIROS**

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)

ROSÂNGELA ALVES BARBOSA DE OLIVEIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ESTUDO DA LINGUAGEM DOS HABITANTES
DE TEIXEIRA DE FREITAS (BA) FILHOS DE MIGRANTES MINEIROS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Linguísticos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus X*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB. Dados fornecidos pelo próprio autor.

B238v

Barbosa-de-Oliveira, Rosângela Alves

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ESTUDO DA LINGUAGEM DOS HABITANTES DE TEIXEIRA DE FREITAS (BA) FILHOS DE MIGRANTES MINEIROS / Rosângela Alves Barbosa de Oliveira. Teixeira de Freitas, 2025.

183 p : il.

Orientador(a): Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Contém referências e apêndices.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL, Campus X. Teixeira de Freitas. 2025.


1.Sociolinguística variacionista. 2.Dialetologia. 3.Variação semântico-lexical. 4.Teixeira de Freitas - BA.

CDD: 417


FOLHA DE APROVAÇÃO
"VARIÇÃO LINGÜÍSTICA: ESTUDO DA LINGUAGEM DOS HABITANTES DE TEIXEIRA DE FREITAS (BA) FILHOS DE MIGRANTES MINEIROS"

ROSÂNGELA ALVES BARBOSA DE OLIVEIRA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 14 de fevereiro de 2025, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA**
Data: 15/02/2025 11:31:04-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA
Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa
Universidade de São Paulo

Documento assinado digitalmente
 **TICIANE RODRIGUES NUNES**
Data: 14/02/2025 23:18:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) TICIANE RODRIGUES NUNES
Uece - UECE

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA BERGAMINI**
Data: 14/02/2025 18:23:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) CLAUDIA BERGAMINI
Usp - USP
Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa tão significativa da minha vida, sinto-me tomada por um imenso sentimento de gratidão. Este mestrado não foi apenas um desafio acadêmico, mas uma jornada repleta de aprendizados, superações e, acima de tudo, de apoio incondicional. Assim, é com o coração cheio que dedico este espaço para agradecer àqueles que tornaram essa conquista possível.

Acima de tudo, agradeço a Deus, que sempre iluminou meu caminho. Sua presença constante me deu forças nos momentos difíceis e clareza nas decisões que precisei tomar. Cada passo desta jornada foi guiado por Sua mão, por isso sou eternamente grata pelas bênçãos que recebi ao longo do percurso. A fé foi meu alicerce, e saber que havia um propósito maior motivou-me a continuar, mesmo quando os desafios pareciam insuperáveis.

Aos meus pais, Alvimar e Elizabeth, meu eterno agradecimento. Vocês sempre foram meu suporte, oferecendo amor, apoio e incentivo incondicional. Desde o início desta etapa acadêmica, vocês acreditaram em minha capacidade de vencer todos os obstáculos e chegar ao fim do processo. Por meio de seus ensinamentos e valores, aprendi a importância da perseverança e do trabalho duro; assim, é com orgulho que compartilho essa conquista com vocês.

Ao meu marido, Geraldo Antônio, meu parceiro e incentivador, agradeço por estar ao meu lado em todas as fases dessa jornada. Sua paciência, compreensão e amor foram fundamentais para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos. Juntos, enfrentamos os contratempos dessa trajetória, e sua presença foi um constante lembrete de que, com amor e união, somos capazes de superar os obstáculos. Obrigada por acreditar em mim e por ser meu suporte emocional, especialmente nas horas mais desafiadoras.

Ao meu irmão, Dr. Rodney, meu maior incentivador, agradeço por sua amizade, suas cobranças, seu apoio e crença no meu potencial. Agradeço por suas palavras de encorajamento e por sempre estar disposto a ouvir meus desabafos.

Agradeço à Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus X), que me proporcionou um ambiente de aprendizado enriquecedor e desafiador.

Aos professores, expresso um sincero agradecimento pela dedicação, pelo conhecimento compartilhado e pelo incentivo. Cada aula, cada debate e cada orientação foram

essenciais para ampliar minha visão crítica e aprofundar meu entendimento sobre os temas que estudei.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, cuja orientação foi crucial para a realização deste trabalho. Sua paciência e suas orientações foram importantes em cada etapa do processo. A confiança que depositou em mim motivou-me a superar desafios encontrados. Sou grata por todo o apoio e pelos conselhos que me ajudaram a moldar minha pesquisa.

Gostaria de dedicar um agradecimento muito especial às professoras Dr.^a Ticiane Rodrigues Nunes e Dr.^a Cláudia Bergamini, membros da banca examinadora. Apreciar suas análises críticas e sugestões foi uma experiência enriquecedora e desafiadora. A generosidade com que compartilharam seus conhecimentos e suas perspectivas ajudaram-me a aprimorar meu trabalho e a expandir meus horizontes acadêmicos. Saibam que cada uma de vocês contribuiu de maneira significativa para essa conquista, e por isso serei eternamente grato.

Reforço, por fim, meus sinceros agradecimentos a todos. Cada um de vocês teve um papel marcante e insubstituível em minha vida e na minha formação durante o mestrado; sinto-me privilegiada por tê-los ao meu lado nesta etapa tão importante.

“A Linguística não é uma ciência previsível, e eu prefiro deixar o futuro acontecer em seu devido tempo. O que irá determinar o futuro serão os resultados dos estudos em variação linguística, se eles provarem ser uma rota positiva e cumulativa para responder nossas questões fundamentais sobre a natureza da linguagem e das pessoas que a utilizam.”

(William Labov)

RESUMO

OLIVEIRA, Rosângela Alves Barbosa de. **Variação linguística: estudo da linguagem dos habitantes de Teixeira de Freitas (BA) filhos de migrantes mineiros**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2024.

O presente estudo tem o objetivo de investigar como se processa a variação linguística na fala dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros. O *locus* da pesquisa (Teixeira de Freitas) foi escolhido por tratar-se de uma cidade-polo na microrregião Extremo Sul da Bahia, mas principalmente por ser uma cidade baiana constituída por uma população de origens diversificadas, sendo parte dela oriunda de cidades mineiras. O aparato teórico-metodológico baseia-se nos preceitos da Sociolinguística Variacionista — tendo como principal referente o linguista estadunidense William Labov — e da Dialectologia, com enfoque primordial nos estudos dialetológicos do canadense Jack Chambers e do inglês Peter Trudgill. O *corpus* da pesquisa constitui-se de entrevistas realizadas com 20 (vinte) informantes, divididos em 4 (quatro) células, sendo a principal constituída por filhos de migrantes mineiros residentes em Teixeira de Freitas; a secundária, formada por migrantes mineiros habitantes nessa mesma cidade, e as outras duas (grupo de controle), compostas, respectivamente, por teixeirenses filhos de baianos e por seus genitores: baianos residentes no referido município. A seleção desses informantes considera características socioculturais, como idade, gênero, nível educacional e classe social, que influenciam a utilização e a percepção da língua em diferentes comunidades. A principal célula, neste estudo, é aquela constituída por indivíduos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros que migraram para essa cidade há 10 ou mais anos. Cada célula foi submetida a um questionário semântico-lexical de 30 questões, das quais 10 foram selecionadas para que seus resultados fossem analisados. O escopo da aplicação de um QSL era identificar, em aspecto semântico-lexical, indícios de variação diatópica e, porventura, de variação diastrática na fala dos informantes principais. A contagem de frequência percentual dos dados foi realizada manualmente, e a conclusão dos resultados decorreu da comparação das variantes linguísticas predominantemente apresentadas entre as células, bem como da frequência de ocorrência dessas variantes nas respostas dos informantes que constituem a célula principal. A pesquisa revela as dinâmicas de variação linguística em contexto migratório,

contribuindo, de alguma forma, com a Sociolinguística e a Dialectologia, além de destacar a importância de se compreender a lógica da variação linguística no contexto teixeirense.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Dialectologia. Variação. Semântico-lexical. Teixeira de Freitas, BA.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rosângela Alves Barbosa de. **Linguistic variation: a study of the language of the inhabitants of Teixeira de Freitas (BA) who are children of miners.** Dissertation (Master's in Linguistic Studies) – Graduate Program in Language Studies (PPGL) at the State University of Bahia (UNEB), 2024.

The present study aims to investigate how linguistic variation occurs in the speech of the inhabitants of Teixeira de Freitas who are children of migrants from Minas Gerais. The locus of the research (Teixeira de Freitas) was chosen because it is a central city in the microregion of Extreme South Bahia, but primarily because it is a Bahian city composed of a population of diverse origins, with part of it coming from cities in Minas Gerais. The theoretical and methodological framework is based on the principles of Variationist Sociolinguistics—mainly referencing the American linguist William Labov—and Dialectology, with a primary focus on the dialectological studies of Canadian Jack Chambers and Englishman Peter Trudgill. The research corpus consists of interviews conducted with 20 (twenty) informants, divided into 4 (four) groups, with the main group consisting of children of migrants from Minas Gerais residing in Teixeira de Freitas; the secondary group formed by migrants from Minas Gerais living in the same city; and the other two groups (control group), respectively composed of Teixeirenses who are children of Bahian parents and their parents: Bahians residing in the mentioned municipality. The selection of these informants considers sociocultural characteristics such as age, gender, educational level, and social class, which influence the use and perception of language in different communities. The main group in this study is made up of individuals from Teixeira de Freitas who are children of migrants from Minas Gerais who moved to this city 10 or more years ago. Each group was subjected to a semantic-lexical questionnaire consisting of 30 questions, of which 10 were selected for result analysis. The purpose of applying a semantic-lexical questionnaire was to identify, in semantic-lexical aspects, indications of diatopic variation and possibly diastratic variation in the speech of the main informants. The frequency count of the data was conducted manually, and the conclusion of the results derived from the comparison of the predominantly presented linguistic variants among the groups, as well as the occurrence frequency of these variants in the responses of the informants constituting the main group. The research reveals the dynamics of linguistic variation in a migratory context, contributing in some way to Sociolinguistics and Dialectology,

while also highlighting the importance of understanding the logic of linguistic variation in the context of Teixeira de Freitas.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Dialectology. Variation. Semantic-lexical. Teixeira de Freitas, BA.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1 – Fábrica da Suzano Papel e Celulose em Mucuri, Bahia. | 14 |
| Imagem 2 – Vista aérea da cidade de Teixeira de Freitas – BA (atual) | 17 |
| Imagem 3 – Exemplo de variação semântico-lexical no português brasileiro, conforme região. | 39 |
| Imagem 4 – Critérios para análise das variações diatópica e diastrática..... | 59 |
| Imagem 5 – Códigos de identificação dos informantes principais, exemplos de descrição.... | 64 |
| Imagem 6 – Códigos de identificação dos informantes secundários, exemplos de descrição. | |
| Imagem 7 – Códigos de identificação dos informantes principais, exemplos de descrição.... | 64 |
| Imagem 9 – Códigos de identificação dos informantes secundários, exemplos de descrição. | 65 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1 – Mesorregião Sul da Bahia. | 10 |
| Mapa 2 – Mapa do Extremo Sul da Bahia, com destaque amarelo a Teixeira de Freitas. | 11 |
| Mapa 3 – População de Teixeira de Freitas, BA. | 12 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Nomenclaturas de ordem sociolinguística. | 20 |
| Quadro 2 - Algumas variações da Língua portuguesa de acordo com o país em que é falada (exemplos de variação diatópica). | 31 |
| Quadro 3 - Diferenças lexicais entre o português brasileiro falado em Minas Gerais e o falado na Bahia (exemplos de variação diatópica). | 32 |
| Quadro 4 - Lexias e expressões lexicais extraídas de falas espontâneas de teixeirenses e seus significados. | 51 |
| Quadro 5 - Dados dos informantes principais da pesquisa (habitantes de Teixeira de Freitas descentes de mineiros). | 65 |
| Quadro 6 - Etapas do desenvolvimento do vocabulário. | 66 |
| Quadro 7 - Dados dos informantes secundários da pesquisa (mineiros residentes em Teixeira de Freitas, genitores de filhos teixeirenses ou de mineiros residentes em Teixeira de Freitas desde a infância). | 67 |
| Quadro 8 - Dados dos informantes que compõem o grupo de controle (bairanos teixeirenses descentes de bairanos). | 69 |
| Quadro 9 - Dados dos informantes secundários da pesquisa (bairanos residentes em Teixeira de Freitas, genitores de filhos teixeirenses). | 69 |
| Quadro 10 - Lexias e perguntas que compõem o QSL da pesquisa. | 70 |
| Quadro 11 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a Questão 1 e para a subpergunta 1.1 do QSL. | 75 |
| Quadro 12 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a subpergunta 1.2 da Questão 1 do QSL. | 76 |
| Quadro 13 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a subpergunta 1.3 da Questão 1 do QSL. | 77 |
| Quadro 14 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 02 e para a subpergunta 2.1 do QSL. | 78 |
| Quadro 15 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL. | 79 |
| Quadro 16 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e para a subpergunta 3.1 do QSL. | 81 |
| Quadro 17 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL. | 83 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 18 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL. | 85 |
| Quadro 19 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL. | 86 |
| Quadro 20 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL. | 88 |
| Quadro 21 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL. | 89 |
| Quadro 22 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL. | 91 |
| Quadro 23 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 6.2, 6.3 e 6.4 da Questão 6 do QSL. | 93 |
| Quadro 24 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL. | 95 |
| Quadro 25 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 7.2 da Questão 7 do QSL. | 97 |
| Quadro 26 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL. | 98 |
| Quadro 27 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL. | 100 |
| Quadro 28 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL. | 101 |
| Quadro 29 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 9.2 e 9.3 da Questão..... | 102 |
| Quadro 30 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL. | 104 |
| Quadro 31 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL. | 105 |
| Quadro 32 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL. | 108 |
| Quadro 33 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL. | 109 |
| Quadro 34 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL. | 110 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 35 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL. | 111 |
| Quadro 36 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL. | 112 |
| Quadro 37 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL. | 113 |
| Quadro 38 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL. | 114 |
| Quadro 39 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL. | 114 |
| Quadro 40 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL. | 115 |
| Quadro 41 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL. | 116 |
| Quadro 42 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL. | 117 |
| Quadro 43 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 6.2 e 6.3 da Questão 6 do QSL. | 117 |
| Quadro 44 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL. | 118 |
| Quadro 45 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 7.2 e 7.3 da Questão 7 do QSL. | 119 |
| Quadro 46 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL. | 120 |
| Quadro 47 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 8.2 e 8.3 da Questão 5 do QSL. | 121 |
| Quadro 48 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL. | 122 |
| Quadro 49 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL. | 123 |
| Quadro 50 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL. | 124 |
| Quadro 51 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL. | 125 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 52 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL. | 127 |
| Quadro 53 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL. | 128 |
| Quadro 54 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL. | 129 |
| Quadro 55 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL. | 129 |
| Quadro 56 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL. | 130 |
| Quadro 57 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL. | 131 |
| Quadro 58 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL. | 131 |
| Quadro 59 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL. | 132 |
| Quadro 60 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL. | 133 |
| Quadro 61 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL. | 134 |
| Quadro 62 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL. | 135 |
| Quadro 63 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL. | 136 |
| Quadro 64 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL. | 136 |
| Quadro 65 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL. | 137 |
| Quadro 66 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL. | 138 |
| Quadro 67 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL. | 139 |
| Quadro 68 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL. | 139 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 69 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL. | 140 |
| Quadro 70 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL. | 141 |
| Quadro 71 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL. | 141 |
| Quadro 72 - Representação, em quadro, da identificação das variantes que os FMs apresentaram às questões de 1 a 10 do QSL, sob a estratificação sexo | 148 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 1 e 1.1 do QSL..... | 75 |
| Tabela 2 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL..... | 78 |
| Tabela 3 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 2 e a subpergunta 2.1 do QSL. | 79 |
| Tabela 4 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 2.2 e 2.3 do QSL..... | 80 |
| Tabela 5 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 3 e a subpergunta 3.1 do QSL. | 82 |
| Tabela 6 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL..... | 84 |
| Tabela 7 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 4 e a subpergunta 4.1 do QSL | 85 |
| Tabela 8 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL..... | 87 |
| Tabela 9 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 5 e a subpergunta 5.1 do QSL | 89 |
| Tabela 10 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 5.2 e 5.3 do QSL..... | 90 |
| Tabela 11 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 6 e a subpergunta 6.1 do QSL. | 93 |
| Tabela 12 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 6.2, 6.3 e 6.4 da Questão 6 do QSL..... | 94 |
| Tabela 13 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 7 e a subpergunta 7.1 do QSL. | 96 |
| Tabela 14 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 7.2 da Questão 7 do QSL..... | 98 |
| Tabela 15 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 8 e a subpergunta 8.1 do QSL | 99 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 16 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL..... | 100 |
| Tabela 17 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 9 e a subpergunta 9.1 do QSL. | 102 |
| Tabela 18 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL..... | 103 |
| Tabela 19 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 10 e a subpergunta 10.1 do QSL. | 104 |
| Tabela 20 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL..... | 106 |
| Tabela 21 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 1 do QSL..... | 108 |
| Tabela 22 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL..... | 109 |
| Tabela 23 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 2 do QSL..... | 110 |
| Tabela 24 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL..... | 111 |
| Tabela 25 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 3 do QSL..... | 112 |
| Tabela 26 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 2 do QSL..... | 113 |
| Tabela 27 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 4 do QSL..... | 114 |
| Tabela 28 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL..... | 115 |
| Tabela 29 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 5 do QSL..... | 115 |
| Tabela 30 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL..... | 116 |
| Tabela 31 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 6 do QSL..... | 117 |
| Tabela 32 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 6 do QSL..... | 118 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 33 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 7 do QSL..... | 119 |
| Tabela 34 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 7.2 e 7.3 da Questão 7 do QSL..... | 119 |
| Tabela 35 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 8 do QSL..... | 120 |
| Tabela 36 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL..... | 121 |
| Tabela 37 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 9 do QSL..... | 122 |
| Tabela 38 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL..... | 123 |
| Tabela 39 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 10 do QSL..... | 124 |
| Tabela 40 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL..... | 125 |
| Tabela 41 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 1 do QSL..... | 128 |
| Tabela 42 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 2 do QSL..... | 128 |
| Tabela 43 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 3 do QSL..... | 129 |
| Tabela 44 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 4 do QSL..... | 130 |
| Tabela 45 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 5 do QSL..... | 130 |
| Tabela 46 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 6 do QSL..... | 131 |
| Tabela 47 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 7 do QSL..... | 132 |
| Tabela 48 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 8 do QSL..... | 132 |
| Tabela 49 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 9 do QSL..... | 133 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 50 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 10 do QSL..... | 134 |
| Tabela 51 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 1 do QSL..... | 135 |
| Tabela 52 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 2 do QSL..... | 136 |
| Tabela 53 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 3 do QSL..... | 137 |
| Tabela 54 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 4 do QSL..... | 137 |
| Tabela 55 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 5 do QSL..... | 138 |
| Tabela 56 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 6 do QSL..... | 139 |
| Tabela 57 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 7 do QSL..... | 139 |
| Tabela 58 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 8 do QSL..... | 140 |
| Tabela 59 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 9 do QSL..... | 141 |
| Tabela 60 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 10 do QSL..... | 142 |
| Tabela 61 - Representação paralela dos dados gerais conforme a predominância das frequências percentuais de ocorrência, por célula. | 143 |
| Tabela 62 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos informantes da célula principal | 147 |
| Tabela 63 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos FMs, sob a estratificação sexo: feminino. | 148 |
| Tabela 64 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos FMs, sob a estratificação sexo: masculino. | 148 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|---|
| BA | Bahia |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| FM | Filhos de mineiros |
| FMF | Filhos de mineiros, de sexo feminino |
| FMM | Filhos de mineiros, de sexo masculino |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| BGT | Baiano genitor(a) de teixeirense |
| BGT-F | Baiano genitor(a) de teixeirense, de sexo feminino |
| BGT-M | Baiano genitor(a) de teixeirense, de sexo masculino |
| MG | Minas Gerais |
| MRTF | Mineiros residentes em Teixeira de Freitas |
| MRTF-F | Mineiros residentes em Teixeira de Freitas, de sexo feminino |
| MRTF-M | Mineiros residentes em Teixeira de Freitas, de sexo masculino |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| QSL | Questionário semântico-lexical |
| TFB | Teixeirenses filhos de baianos |
| TFB-F | Teixeirenses filhos de baianos, de sexo feminino |
| TFB-M | Teixeirenses filhos de baianos, de sexo masculino |
| UF | Unidade federativa |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 4 |
| 1 O LÓCUS DA PESQUISA: TEIXEIRA DE FREITAS – BA | 10 |
| 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 18 |
| 2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A DIALETOLOGIA | 18 |
| 2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA | 23 |
| 2.2.1 <i>A variação diatópica</i> | 30 |
| 2.2.2 <i>A variação diastrática</i> | 34 |
| 2.2.3 <i>O léxico e a variação semântico-lexical</i> | 36 |
| 2.3 A DIALETOLOGIA | 39 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 45 |
| 3.1 A ESCOLHA DO TEMA, A HIPÓTESE E A FAMILIARIZAÇÃO COM TEÓRICOS E PUBLICAÇÕES EXISTENTES..... | 45 |
| 3.2 A SELEÇÃO DOS INFORMANTES E O MÉTODO DE CONTATO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA | 48 |
| 3.3 A ESCOLHA DO LÉXICO COMO MOSTRA DE VARIAÇÃO | 50 |
| 3.4 AS FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES..... | 52 |
| 3.5 OS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS | 55 |
| 3.6 A ANÁLISE DOS DADOS..... | 60 |
| 3.7 O TIPO DE PESQUISA E OS PRECEITOS ÉTICOS | 61 |
| 4 OS INFORMANTES E O QUESTIONÁRIO | 64 |
| 4.1 DESCRIÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA | 64 |
| 4.2 O QUESTIONÁRIO | 70 |
| 5 PROJEÇÃO E ANÁLISE QUALIQUANTITAVA DOS DADOS | 74 |
| 5.1 CÉLULA PRINCIPAL: HABITANTES DE TEIXEIRA DE FREITAS FILHOS DE MINEIROS | 74 |
| 5.2 CÉLULA SECUNDÁRIA: MINEIROS RESIDENTES EM TEIXEIRA DE FREITAS | 107 |
| 5.3 GRUPO DE CONTROLE | 126 |
| 5.4 COMPARAÇÃO E BALANÇO GERAL DOS DADOS | 142 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 150 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO | 153 |
| APÊNDICE I | 162 |
| APÊNDICE II | 164 |
| APÊNDICE III | 166 |

| | |
|--------------------------|------------|
| APÊNDICE IV | 168 |
| APÊNDICE V | 170 |

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo, a língua, é dinâmico e, assim sendo, varia por influência de diversos fatores, dentre os quais se mencionam o aspecto histórico e o geográfico, bem como os condicionadores socioculturais: faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, classe socioeconômica, rede social, acesso às mídias, etc. Dito isso, compreende-se que, enquanto língua, o português é heterogêneo, marcado, em alguns aspectos, inclusive, por micro-heterogeneidades que, agrupadas, compõem a estrutura social da língua que engloba as diferentes variantes do português presentes neste amplo território. Dito isso, o princípio da variação linguística é factual e deve ser conhecido, pois ajuda a compreender as singularidades inerentes aos diferentes grupos que compõem a sociedade como um todo, sabendo que esse é um sistema complexo e, inevitavelmente, articulado com as especificidades dos indivíduos que habitam esse meio e nele se relacionam por intermédio da interação verbal.

Partindo desse contexto, o presente estudo dirige um olhar investigativo à cidade interiorana de Teixeira de Freitas, situada no Extremo Sul da Bahia, município que tem atraído, desde o período de sua formação, pessoas de outras regiões do país, principalmente indivíduos originários dos estados com os quais a zona Sul da Bahia faz fronteira: Minas Gerais e Espírito Santo. Por esse motivo, a população de Teixeira de Freitas é bastante diversificada em aspectos de origem, de sorte que facilmente se podem encontrar, nas ruas, nas escolas e nos estabelecimentos comerciais, por exemplo, mineiros e capixabas que migraram para esse município, há anos ou mais recentemente, em busca de trabalho ou de empreendedorismo, alguns motivados até pela proximidade de Teixeira de Freitas com cidades litorâneas do Extremo Sul baiano, como Alcobaça, Prado, Caravelas, Mucuri e Nova Viçosa.

É diante dessa conjuntura inerente à população supracitada e ao conhecimento da existência de variações linguísticas no português, considerando os fundamentos da Sociolinguística e da Dialetoлогия, que se realiza este estudo acerca das singularidades do português falado pelos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros que migraram para essa cidade.

A questão motivadora desta pesquisa resume-se em investigar como se manifesta — em aspecto linguístico-variacionista, bem como sob o ponto de vista semântico-lexical — o rol

lexical dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, em determinados contextos semânticos possibilitados por questões de natureza onomasiológica¹.

Nesse viés, o objetivo geral do estudo é averiguar como se processa a variabilidade linguística na fala desses indivíduos que, por seu histórico de vida, têm contato linguístico frequente tanto com falantes baianos quanto com falantes nativos do estado de Minas Gerais.

Nesse contexto, são objetivos específicos do estudo: identificar lexias que representem a variação linguística na fala de teixeirenses procedentes de migrantes mineiros, residentes em Teixeira de Freitas – BA; investigar se a utilização dessas variantes linguísticas resulta da influência do contato dos indivíduos com seus genitores mineiros ou da interação com a comunidade nativa de Teixeira de Freitas; contribuir para que os moradores de Teixeira de Freitas descendentes mineiros ampliem seus conhecimentos sobre as variações linguísticas que caracterizam e definem seu modo de falar.

Nesse aspecto, a pesquisa investiga, na fala desses sujeitos, traços que estejam ligados à variação diatópica (regional), a qual, não raramente, atua como fenômeno interferente na prática verbal oral de grupos sociais de diferentes proporções em aspecto geográfico. Isso significa que o fator regional pode suscitar variações na língua falada pelos habitantes de países diferentes que tenham em comum a mesma língua oficial, como é caso das variações da língua portuguesa na fala de moçambicanos, de cabo-verdenses, de angolanos, de brasileiros e, dentre outros, de portugueses; mas também pode ocasionar variações na língua falada por comunidades que constituem as regiões de um único país, a exemplo das variantes do português na fala de brasileiros originários do Sul do Brasil, ou do Nordeste, ou do Sudeste, etc.

Tomar conhecimento das particularidades linguísticas de cada comunidade de falantes e associá-las ao entendimento individual dessas populações é um passo importante para se reconhecer não só a identidade linguística predominante em cada uma, como também a cultura, os valores, as ideologias e até o nível de instrução escolar dos falantes, além de suas relações com outras comunidades próximas. Nesse amplo contexto, a presente pesquisa dedica-se à exploração da linguagem dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros residentes nessa cidade baiana, buscando identificar, na fala daqueles indivíduos, como se manifesta o fenômeno da variação da linguagem.

¹ O termo “onomasiológico” refere-se ao estudo da relação entre conceitos e suas denominações, analisando como diferentes expressões linguísticas representam a mesma ideia. A onomasiologia investiga a escolha de palavras para designar conceitos, considerando variações regionais, sociais e contextuais. Esse estudo é crucial para entender como a linguagem se adapta a diferentes contextos culturais e sociais, além de revelar percepções dos falantes sobre o mundo. Em resumo, a onomasiologia explora a dinâmica entre linguagem e significado, refletindo a diversidade da experiência humana.

Segundo Costa (1996), diferenças linguísticas são notadas em todas as línguas, até mesmo em comunidades pequenas, estando essas mudanças relacionadas aos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático ou semântico. Partindo desse fato, considera-se que, assim como em diversas outras variações do português falado no mundo, o português falado no Brasil — especialmente no registro informal — não é único ou padronizado, pois existem as variações, a exemplo da diatópica, a qual é percebida quando se comparam os falares das populações de cada região do país. Todavia, esse dinâmico processo de diversidade não se restringe a essas comunidades maiores (habitantes da região Sul, do Norte, do Sudeste, etc.), posto que, até mesmo dentro de uma única unidade federativa (a exemplo da Bahia, neste caso), comunidades menores podem revelar traços linguísticos específicos, distinguindo-se do português falado nas demais localidades circunvizinhas, ainda que de maneira sutil, o que tem relação com fatores que, direta ou indiretamente, atuam sobre si na condição de influenciadores.

Nesse contexto, analisam-se os fatores linguísticos que promovem variações de modo a definir linguisticamente os falantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, considerando-se o referido município como um centro urbano que, apesar de mais “jovem” (39 anos) que as cidades circunvizinhas — Alcobaça (251 anos) e Caravelas (169 anos), por exemplo —, consolidou-se como a principal e mais populosa urbe do Extremo Sul baiano.

Cerqueira Neto (2014) esclarece que a área em que Teixeira de Freitas se localiza (Extremo Sul da Bahia) é geograficamente privilegiada, posto que faz a transição entre as regiões Sudeste e Nordeste do país, fazendo parte de um importante trecho da BR-101, o que torna o município um lugar de fácil acessibilidade e, de certo modo também por esse motivo, habitado por uma população de origens diversificadas.

As migrações para a localidade em que hoje é Teixeira de Freitas começaram aproximadamente nos anos 50, estimuladas pelo potencial local em extração e comercialização de madeira de lei. Com o tempo, o comércio madeireiro expandiu-se, fazendo com que a comunidade crescesse, de modo a atrair para si a migração de comerciantes, pecuaristas e agricultores de outras regiões. Com a implantação da BR-101, posteriormente, a população local expandiu-se, transformando-se, então, no maior polo habitacional, comercial e industrial da região Extremo Sul da Bahia.

Baseado nesse histórico, o presente estudo tem como foco de investigação a linguagem, em aspecto semântico-lexical, dos habitantes de Teixeira de Freitas procedentes de mineiros que outrora saíram de seu estado de origem, Minas Gerais, para estabelecer moradia nesse município baiano. Nesse viés, propõe-se averiguar se esses falantes comportam influências da

relação migratória em aspectos linguísticos, fato que justifica a relação desta pesquisa com teorias de natureza sociolinguística e dialetológica, tendo em conta, principalmente, a fala cotidiana desses sujeitos, no que diz respeito ao fenômeno da variação linguística.

Assim sendo, destaca-se o interesse em saber se esses fatores contribuem para determinar marcas linguísticas próprias no português popular dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, de forma a distinguir-se das variantes manifestas no falar dos indivíduos nativos do referido município baiano. Nessa conjuntura, importa destacar que é por meio de particularidades semelhantes às que ocorrem na formação dos dialetos que se comprova a asserção de que a língua de um mesmo país apresenta-se de maneira não uniforme, ainda que seja compreendida por todos os falantes. (Romano Neto; Kimie; Silva, 2009)

Dessa forma, este estudo traz uma investigação no sentido de apurar como as influências geográficas interferem na linguagem da referida comunidade, a qual, por residir no Extremo Sul da Bahia, tem convivência e constante contato linguístico com indivíduos provenientes dos estados que fazem fronteira com essa unidade federativa. Esta pesquisa, então, justifica-se pela necessidade de compreender se essas interferências linguísticas exercem ou não influência na fala dessa específica comunidade de habitação teixeirense. Também colabora para o desejo de se realizar esta pesquisa o caráter de ineditismo do estudo — conforme será evidenciado a seguir — ao tratar, especificamente, de uma investigação acerca dos traços linguísticos que ora definem a linguagem verbal coloquial dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros. Nesse sentido, a pesquisa oferece grande contribuição para que se tenha mais conhecimento acerca do perfil dos falantes que habitam essa região e do modo como os fenômenos sociolinguísticos atuam sobre eles, na sua singularidade.

Doravante, apresenta-se o estado da arte inerente ao tema sobre o qual este estudo se realiza. Desse modo, a fim de comprovar o ineditismo desta pesquisa, foi realizada uma busca criteriosa nos seguintes sites de publicação acadêmica: BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), Google Acadêmico, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Inicialmente, as palavras-chaves “Sociolinguística”, “Teixeira de Freitas”, “mineiros” e “semântico-lexical” foram inseridas, mas não geraram quaisquer resultados nas referidas plataformas. Em seguida, foi feita uma nova busca com apenas duas palavras-chaves (“Sociolinguística” e “Teixeira de Freitas”) e o intervalo de datas de 2020 a 2024, resultando em uma única publicação nas plataformas BDTD e Google Acadêmico, ambas, porém, com o mesmo título. Uma nova busca foi, então, realizada, mantendo as mesmas palavras-chave e ampliando o período para 2019 a 2024. A partir disso, um novo resultado surgiu, desta vez, no

site da Capes. Abaixo, estão descritas as referências encontradas pelas supracitadas plataformas:

- BDTD** SILVA, Deilma Barbosa Santos. **O léxico da feira livre**: um estudo baseado em um corpus de fala espontânea. Carmo, Crysna Bomjardim da Silva. 2024. 146 fls. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL. Departamento de Educação (DEDC). Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, Bahia, 2024.
- Catálogo de Teses e Dissertações da Capes** CRISTAL, Josinea Amparo Rocha. **A variação na realização do /I/ inicial na fala de estudantes de Teixeira de Freitas/BA**. 2019 88 fls. Mestrado em Estudo de Linguagens. Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNEB
- Google Acadêmico** SILVA, Deilma Barbosa Santos. **O léxico da feira livre**: um estudo baseado em um *corpus* de fala espontânea. Carmo, Crysna Bomjardim da Silva. 2024. 146 fls. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL. Departamento de Educação (DEDC). Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, Bahia, 2024.
- SciELO** Sem resultado de busca.

A dissertação encontrada no site da Capes, “A variação na realização do /I/ inicial na fala de estudantes de Teixeira de Freitas/BA”, (Cristal, 2019), analisa a nasalização em palavras que começam com a vogal "i" em sílabas abertas, utilizando dados de estudantes da EJA em Teixeira de Freitas, BA. A pesquisa, com abordagem qualiquantitativa, identifica quatro fatores que influenciam essa variação fonológica. O estudo é fundamentado na Teoria da Variação e Mudança, logo não se assemelha à pesquisa que aqui se propõe, coincidindo apenas na abordagem do fenômeno da variação linguística, de modo geral, e no *locus* da pesquisa.

Os sites BDTD e Google Acadêmico apontaram como resultados da busca a mesma publicação: “O léxico da feira livre: um estudo baseado em um *corpus* de fala espontânea”, (Silva, 2024). Essa pesquisa investiga o léxico do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas, Bahia, ressaltando sua relevância cultural e linguística. Tal dissertação, utilizando a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, propõe um Modelo Cognitivo Idealizado que considera gênero e classe social. Os resultados destacam a estrutura lexical da comunidade, com ênfase em unidades de medida e a participação feminina nas classes menos favorecidas. Trata-se, portanto, de um estudo bastante diferente do que aqui se propõe, coincidindo apenas em pontos muito genéricos: a abordagem sociolinguística, o nível lexical e o *locus* da pesquisa.

Confirma-se, assim, o ineditismo da pesquisa que aqui se realiza.

Considerando tudo isso, o presente trabalho estrutura-se da seguinte maneira: na **introdução**, faz-se a apresentação dos objetivos geral e específicos deste estudo, bem como anuncia-se a linha de pesquisa que se optou seguir dentro dos estudos linguísticos; evidencia-se o motivo pelo qual se optou pelo lócus sobre o qual o estudo se realiza e pelo tema sobre o qual se desenvolve; também se expõe a pergunta norteadora do estudo. Além disso, apresenta-se, brevemente, a revisão de literatura, que objetiva verificar e comprovar o caráter de ineditismo desta pesquisa. No **primeiro capítulo**, realiza-se a contextualização histórico-sociológica e geográfica da cidade de Teixeira de Freitas (BA), localidade na qual residem os sujeitos cuja linguagem é investigada. No **segundo capítulo**, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentam este estudo, a saber a Sociolinguística Variacionista e a Dialetologia, bem como citam-se alguns pesquisadores e algumas produções científicas brasileiras cujas temáticas direcionam-se a essas linhas dos estudos linguísticos.

No **terceiro capítulo**, faz-se a exposição dos procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa, explanando-se o desenvolvimento desta, as ações em campo, bem como os indivíduos pesquisados e o perfil destes. No **quarto capítulo**, disserta-se, de forma detalhada, sobre os informantes da pesquisa e, ainda, apresentam-se as lexias ou variantes linguísticas a serem investigadas. Nessa parte, também se expõe a elaboração do questionário sociolinguístico por meio do qual se pretende coletar lexias para a análise da variação linguística.

No **quinto capítulo**, realiza-se a análise qualiquantitativa dos dados coletados, apresentando as lexias proferidas pelos informantes em resposta ao questionário semântico-lexical e organizando a distinção das variantes linguísticas detectadas, para, em seguida, aferir se tais variações decorrem de influência da linguagem parental ou da linguagem da comunidade baiana nativa de Teixeira de Freitas. Feito isso, executa-se a quantificação das variantes predominantes, de acordo com o inquérito, e verifica-se o resultado dessa quantificação por meio de uma análise comparativa dos dados predominantes em cada célula² de informantes.

Apresentam-se, no **sexto capítulo**, as considerações finais, com os resultados do estudo; e, por último, encontram-se o **referencial bibliográfico** e os **apêndices**.

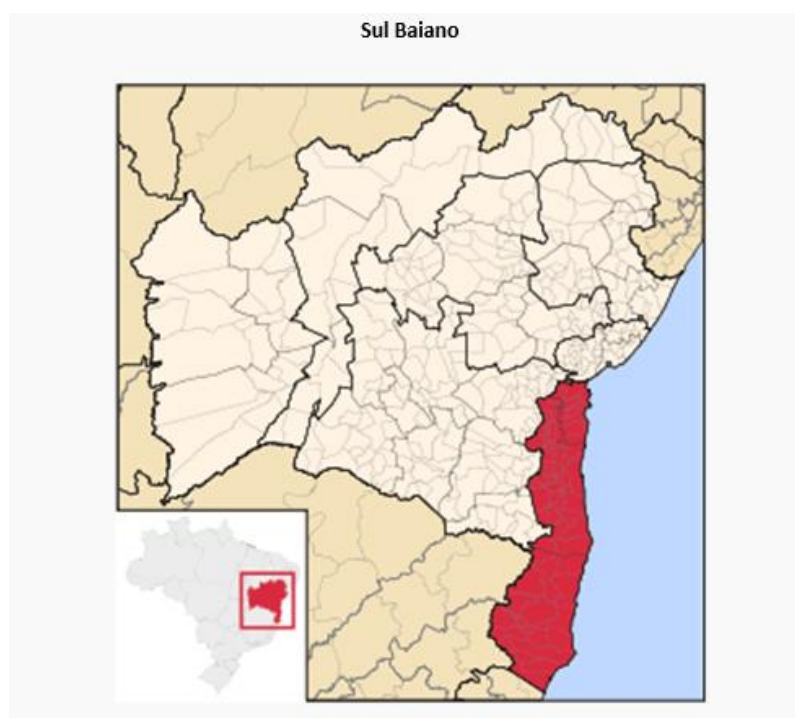
Seguindo a estrutura traçada, portanto, o próximo capítulo faz uma apresentação descritiva de Teixeira de Freitas (BA), *locus* deste estudo sociolinguístico-dialetológico.

² A nomenclatura “célula(s)” é utilizada nos estudos sociolinguísticos para designar grupos selecionados de indivíduos que oferecem dados sobre o uso da língua em contextos sociais específicos.

1 O LÓCUS DA PESQUISA: TEIXEIRA DE FREITAS – BA

A cidade de Teixeira de Freitas localiza-se na mesorregião Sul da Bahia³, integrando um bloco de municípios que constituem a microrregião de Porto Seguro⁴, situando-se mais especificamente em uma área geográfica conhecida como Extremo Sul da Bahia, onde se localizam também as cidades litorâneas de Alcobaça, Prado, Caravelas, Mucuri e Nova Viçosa, nacionalmente conhecidas por serem pontos turísticos dessa região brasileira.

Mapa 1 – Mesorregião Sul da Bahia.



Fonte: MUNICÍPIOS e regiões da Bahia. Scribd, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/105943629/Municipios-e-regioes-da-Bahia>>. Acesso em: 8 set. 2024.

Em 2022, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a área ocupada pelo município de Teixeira de Freitas era de 1.165,622 km², o que, hierarquicamente, coloca essa cidade na posição 145 de 417 entre os municípios da Bahia, e no posicionamento 1.262 de 5.570 municípios brasileiros. O adjetivo gentílico utilizado para se referir aos indivíduos nascidos em Teixeira de Freitas (BA), segundo o IBGE, é “teixeirense”.

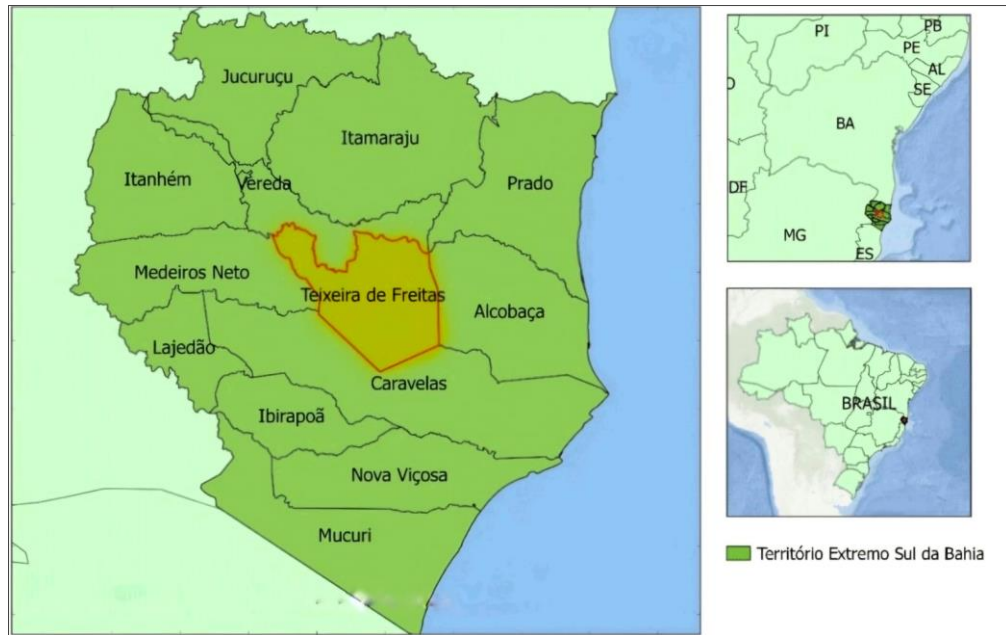
³ MUNICÍPIOS e regiões da Bahia. Scribd, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/105943629/Municipios-e-regioes-da-Bahia>>. Acesso em: 8 set. 2024.

⁴ MUNICÍPIOS e regiões da Bahia. Scribd, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/105943629/Municipios-e-regioes-da-Bahia>>. Acesso em: 8 set. 2024.

Conforme Novaes (2019, p. 43),

A cidade é a principal da sua microrregião, que é composta de 13 municípios (Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas, Vereda). Teixeira de Freitas conta o maior PIB da microrregião que, em 2016, foi no quantitativo de R\$ 2.255.519,00 (dois milhões duzentos e cinquenta e cinco mil quinhentos e dezenove reais), conforme dados do IBGE [...].

Mapa 2 – Mapa do Extremo Sul da Bahia, com destaque amarelo a Teixeira de Freitas.



Fonte: Revista Brasileira de Geografia Física, v. 13, n. 04, p.1587-1609. 2020⁵ (Adaptado pela autora)

Referindo-se ao contexto histórico da cidade, Lima (2016, p. 71) explica que,

Antes de se tornar município, Teixeira de Freitas era um povoado, pertencente aos municípios de Alcobaça e Caravelas. Seu processo de povoamento iniciou-se com um pequeno agrupamento de ex-escravos, que ocuparam o espaço da Praça Castro Alves, conhecida popularmente como Praça dos Leões. O pequeno e simples vilarejo Teixeira de Freitas, que recebera diversos nomes, até a década de 1970 era apenas referência para poucos moradores e habitantes das redondezas. [...] Somente no ano de 1957, o povoado conhecido no período por “Povoado São José do Itanhém” (substituto da denominação “Arrepiado”), que era considerado um dos mais importantes aglomerados urbanos e polos de desenvolvimento da Bahia, passou a ser chamado Teixeira de Freitas, por meio do ofício nº 91 da Prefeitura Municipal de Alcobaça, uma homenagem póstuma do prefeito de Alcobaça Manoel Euclides Medeiros ao professor de estatística, fundador do Instituto Nacional de Estatística (cujo nome foi modificado, em 1938, para Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) e licenciado em Direito sr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

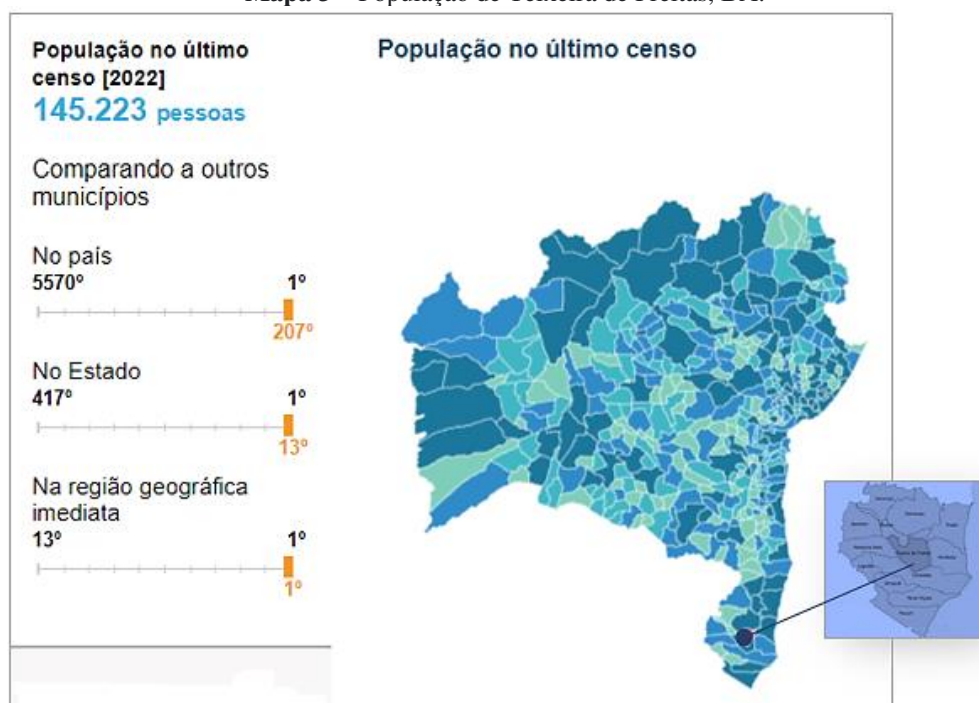
⁵ Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/343225494_Vulnerabilidade_Ambiental_do_Municipio_de_Teixeira_de_Freitas-BA>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Com o passar dos anos, Teixeira de Freitas ganhou destaque como cidade-polo do Extremo Sul baiano pelo fato de conter recursos de que os municípios da microrregião de que faz parte não dispõem: faculdades privadas e universidades (estadual e federal), atacadões, shoppings, lojas especializadas em conserto de aparelhos eletrônicos, aeroporto, várias centrais de ambulatórios médicos especializados, uma policlínica e um hospital de atendimento à população regional, uma central de corpo de bombeiros e uma de SAC (Serviço de Atendimento ao Cidadão), diversas concessionárias de automóveis (Volkswagen, Chevrolet, Fiat, Honda, Jeep, Hyundai, Toyota e Nissan), uma variedade de farmácias e ópticas, lojas de roupas e acessórios de uso pessoal, bem como de móveis e eletrodomésticos, um mercado municipal, diversos pontos de lazer e de degustação de alimentos, etc.

Devido a esse potencial meio de acesso a itens de consumo, serviços gerais, estudo e lazer, Teixeira de Freitas exerce notória influência sobre os municípios vizinhos, o que frequentemente leva as populações do entorno a recorrerem a essa cidade-polo, por exemplo, em busca de atendimento médico especializado, realização de exames laboratoriais específicos, aquisição de produtos de consumo diversificados, educação básica em colégios privados, graduações e pós-graduações em instituições de ensino superior, dentre outras coisas.

Mapa 3 – População de Teixeira de Freitas, BA.



Fonte: Página do IBGE no portal gov.br⁶ (Adaptado pela autora).

⁶ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/teixeira-de-freitas/panorama>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Muitas vezes referenciada unicamente pelo primeiro nome, “Teixeira” é um meio urbano que, embora conte com apenas 39 anos de emancipação, consolidou-se como a principal urbe da região Extremo Sul da Bahia, apresentando, em 2022, segundo o IBGE, uma estimativa populacional de 145.223 habitantes, dentre os quais, além da população legitimamente baiana, encontram-se indivíduos de outras origens: capixaba, paulista, gaúcha e, dentre outras, mineiros oriundos de diferentes cidades do estado de Minas Gerais, inclusive da capital Belo Horizonte. Embora não se tenha encontrado nenhum estudo científico ou mapeamento oficial da população que comprove essa diversidade de naturalidades, a convivência e a interação com as pessoas que habitam a cidade levam a essa conclusão; haja vista que, em conversas informais, muitos moradores alegam ser originários de outros estados.

Essa diversidade de origens na composição dos habitantes de Teixeira de Freitas explica-se pelo fato de o município estar localizado numa área geográfica da Bahia muito próxima às divisas com os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, bem como por ser uma região com forte potencial para o desenvolvimento de comércios e negócios, o que tem atraído, ao longo dos anos, pessoas dispostas a empreender. Além disso, existe nessa região, mais especificamente na cidade de Mucuri, uma unidade da Suzano Papel e Celulose, empresa multinacional que — como o próprio nome diz — atua no ramo de papel e celulose, atraindo pessoas de várias localidades do país para o Extremo Sul baiano, por motivo de trabalho ou à procura de emprego.

De acordo com publicação realizada, em 2017, pela Revista eletrônica “BA de Valor (BV)”, “a Suzano Papel e Celulose é a segunda maior produtora de celulose de eucalipto do mundo e a maior fabricante de papéis de imprimir e escrever da América Latina.”⁷ Fundada no ano de 1992, a unidade de Mucuri deu início às operações da Suzano no Nordeste. A fábrica, nessa região, tem capacidade produtiva anual superior a 1,7 milhão de toneladas de celulose, 60 mil toneladas de *tissue*⁸ e 250 mil toneladas de papel.

O potencial empregatício da fábrica, no Extremo Sul baiano, torna-se evidente na observação dos vários ônibus terceirizados pela empresa que, diariamente, saem de Teixeira de Freitas — nos períodos matutino, vespertino e noturno —, lotados de funcionários com destino tanto à fábrica de papel e celulose — em Mucuri, cidade vizinha — quanto às florestas de

⁷ Disponível em: <<https://badevalor.com.br/suzano-inicia-operacao-de-nova-ete-na-unidade-mucuri/>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

⁸ O termo designa papéis leves e suaves, com capacidade de absorver líquidos, além de ter flexibilidade e resistência à tração. É o tipo de papel utilizado na fabricação industrial de papel higiênico, papel toalha e lençinhos descartáveis. EXPLORE o que é, tipos e principais usos do Papel Tissue. Blog Klabin, 2024. Disponível em: <<https://blog.klabin.com.br/-/papel-tissue>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

eucalipto da própria Suzano na região. Isso sem contar com empregados terceirizados que residem em Teixeira de Freitas, trabalham na Suzano e para lá se deslocam em outros meios de transportes. Segundo informação disponível no *site* da empresa, “são mais de 7,5 mil pessoas, entre profissionais do time Suzano e de empresas terceirizadas que, em conjunto, contribuem para o desenvolvimento das comunidades vizinhas.”⁹

Imagem 1 – Fábrica da Suzano Papel e Celulose em Mucuri, Bahia.



Fonte: Página do portal digital BA de Valor¹⁰.

Para sustentar o negócio de celulose na região, a empresa conta com “mais de 254,7 mil hectares de plantação de eucalipto”¹¹. Além disso, a unidade de Mucury dispõe de mais de 49,3 mil hectares de áreas de plantio voltadas ao Fomento Florestal, programa que estimula a parceria entre empresas do setor florestal e pequenos e médios produtores rurais.”¹²

De acordo com Cerqueira Neto (2012, p. 308), “o Extremo Sul é composto por vinte e um municípios e suas fronteiras estão demarcadas da seguinte forma: ao Norte, Sudoeste da Bahia e Litoral Sul da Bahia; ao Sul, com o Estado do Espírito Santo; a Oeste, com Minas

⁹ Disponível em: <<https://www.suzano.com.br/sustentabilidade/pessoas/comunidades-vizinhas/bahia>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

¹⁰ Disponível em: <<https://badevalor.com.br/suzano-inicia-operacao-de-nova-ete-na-unidade-mucuri/>>. Acesso em: 26 jun. 2023. (Foto: Ricardo Teles / Divulgação)

¹¹ Disponível em: <<https://www.suzano.com.br/sustentabilidade/pessoas/comunidades-vizinhas/bahia>> Acesso em: 26 jun. 2023.

¹² Disponível em: <<https://www.suzano.com.br/sustentabilidade/pessoas/comunidades-vizinhas/bahia>> Acesso em: 26 jun. 2023.

Gerais; e, a Leste, com o Oceano Atlântico”. Em outro trabalho, publicado em 2014, esse mesmo autor afirma que a localização do Extremo Sul baiano, onde se encontra Teixeira de Freitas, tem uma posição privilegiada no mapa do Brasil, uma vez que se trata de uma área transicional entre as regiões Sudeste e Nordeste do país, compondo um dos trechos mais expressivos da BR-101, que, segundo Valgas (2001), é um importante eixo rodoviário do país, com extensão total de 4.085 quilômetros, iniciando-se no Rio Grande do Sul (Osório) e estendendo-se até o Rio Grande do Norte (Touros). Ainda sobre a BR-101, a autora acrescenta:

É também conhecida como rodovia do MERCOSUL por fazer a integração dos estados do Sul do Brasil com países participantes do Bloco. Pelo fato de situar-se ao longo do litoral do Estado, permite fácil acesso a todos os portos — São Francisco do Sul, Itajaí, Imbituba e Laguna —, o que, certamente, facilita o acesso de cargas ao Estado por via marítima, permitindo custos de transporte bem menores que os rodoviários, tanto para importações quanto para exportações. (Valgas, 2001, p.24)

Tendo em vista todas essas considerações, Cerqueira Neto (2014) descreve Teixeira de Freitas como um município de fácil acessibilidade, permitindo-se inferir que, por essa razão, a cidade seja habitada por uma população de origens diversas.

As migrações que primeiramente chegaram ao povoado de São José de Itanhém, atual Teixeira de Freitas, ocorreram por volta dos anos de 1950 e 1960, atraídas pela extração e comercialização de madeira de lei, visto que a região, naquela época, dispunha desse produto com abundância. Lima (2016) explica que a formação de Teixeira partiu de uma ocupação desordenada da mata atlântica por pessoas que investiam em serrarias, o que suscitou um desenvolvimento orientado por interesses da burguesia, mineira e capixaba, que visava, então, à rápida e fácil lucratividade por meio da exploração de um lugar que tinha possibilidade de prosperar.

Em um contexto nacional, as décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela busca ávida pelo “progresso” no Brasil. [...] O governo de Juscelino Kubitschek, com o objetivo de acelerar o crescimento econômico voltado para as indústrias, dentre elas a automobilística, através do Plano de Metas (crescer o Brasil 50 anos em 5), realizou investimentos em infraestrutura, sobretudo nas áreas de transporte, energia e comunicação. Neste sentido, muitas ferrovias foram desativadas e, posteriormente, seu papel passou a ser desempenhado pelas rodovias, como a BR 101, objetivando a integração nacional. A desativação da Estrada de Ferro Bahia e Minas gerou uma diminuição da clientela dos dois maiores polos econômicos da região, Caravelas (BA) e Nanuque (MG), e um conseqüente enfraquecimento do comércio e das economias locais. Em contrapartida, a construção da BR 101 facilitava o acesso à Teixeira de Freitas, por estar localizada às margens da rodovia. (Lima, 2016, p. 73)

A partir disso, o mercado madeireiro progrediu e, brevemente, o povoamento expandiu-se e evoluiu significativamente, atraindo para a localidade comerciantes, pecuaristas e agricultores de outras unidades federativas brasileiras, principalmente das regiões propínquas,

bem como de outros países, a exemplo de japoneses, que, segundo Lima (2016, p. 74), “participaram decisivamente do processo de desenvolvimento de Teixeira de Freitas, sobretudo ligado às questões agrícolas, trazendo consigo diversos cultivos, como a melancia, o maracujá, o coco, o mamão, o melão, a abóbora, o tomate, etc.”

Com o passar dos anos, especialmente a partir da implantação da BR-101, houve notória ampliação da população local. Como consequência, a área geográfica ocupada pelos habitantes expandiu-se, formando vários bairros sem o devido planejamento, resultando numa infraestrutura urbana precária no que diz respeito à pavimentação e à rede de esgoto. Em pouco tempo, a localidade transformava-se, então, no maior núcleo habitacional, comercial e industrial da região Extremo Sul da Bahia.

Atualmente, no quesito de prosperidade e de oferta de oportunidades, Teixeira de Freitas é o principal município do Extremo Sul baiano, além de ser a 13ª cidade mais populosa da Bahia, conforme publicação disponível no portal digital *BN – Bahia Notícia*¹³, que expõe, baseado em dados do IBGE-2022, o ranking dos 35 municípios baianos com maior quantitativo populacional. Apesar dessa evolução inerente ao índice de habitantes, problemas relacionados à infraestrutura urbana, no que diz respeito à pavimentação e ao saneamento básico, ainda hoje são evidentes, uma vez que as ruas de muitos bairros, além de serem de terra, são também irregulares devido aos buracos formados pelas chuvas, que são frequentes na região. Diante de tal situação, há casos em que os próprios moradores reúnem, financeiramente, para fazer o calçamento das ruas em frente às suas residências. Relativamente ao saneamento básico, o município apresentava, até o ano de 2022, maior precariedade no aspecto de esgotamento sanitário, como se observa nas informações a seguir, extraídas da página dedicada a Teixeira de Freitas (BA) na plataforma digital *Municípios e Saneamento Beta*¹⁴:

- **Abastecimento de água:** 92,33% da população total de Teixeira de Freitas têm acesso a esse serviço.
- **Esgotamento sanitário:** 55,89% da população total de Teixeira de Freitas têm acesso a esse serviço.
- **Manejo de resíduos sólidos urbanos:** 98,61% da população total de Teixeira de Freitas é atendida com coleta de resíduos domiciliares.

¹³ Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/281682-censo-2022-salvador-lidera-ranking-de-cidade-mais-populosa-da-bahia>>. Acesso em: 06 mai. 2024.

¹⁴ Disponível em: <

- **Drenagem e manejo das águas pluviais urbanas:** 0,9% dos domicílios de Teixeira de Freitas estão sujeitos a risco de inundação.

Imagem 2 – Vista aérea da cidade de Teixeira de Freitas – BA (atual)



Fonte: Página do jornal digital *Sul Bahia News*.¹⁵

Portanto, o histórico da formação de Teixeira de Freitas (BA), mediante o processo migratório para esse município ao longo dos anos, conforme se expôs, justifica o perfil de uma população local constituída por influências dessa relação migratória em aspectos socioculturais e linguísticos. Certamente, é essa diversidade de origens e culturas um dos elementos que torna singular a cidade e sua comunidade.

O capítulo seguinte apresenta os pressupostos teóricos que dão embasamento à realização deste estudo.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.sulbahianews.com.br/populacao-de-teixeira-de-freitas-volta-a-subir-em-2021-e-chega-a-quase-165-mil-habitantes/>> Acesso em: 28 jun. 2023

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo dedica-se à fundamentação teórica com enfoque sociolinguístico-dialetológico, conforme os objetivos desta pesquisa.

Em primeiro lugar, a seção 2.1 apresenta uma exposição básica sobre *A Sociolinguística Laboviana e a Dialetologia*. Em seguida, a seção 2.2 disserta sobre a Sociolinguística Variacionista, trazendo, ainda, a seguinte subseção: *A variação diatópica* (2.2.1), *A variação diastrática* (2.2.2) e *O léxico e a variação semântico-lexical* (2.2.3). A seção 2.3, por fim, discorre sobre *A Dialetologia*.

2.1 A Sociolinguística Variacionista e a Dialetologia

Esta pesquisa toma o seu objeto de análise, a língua, como um sistema de caráter social, ou seja, entende-se que esse sistema linguístico e a sociedade são indissociáveis e que, por meio da forte relação existente entre esses elementos e o falante, a língua recebe influências que ocasionam variações ou mudanças na sua aplicação enquanto instrumento de comunicação e interação social. Essa óptica parte de estudos baseados nas teorias de um importante linguista do século XX, o qual muito contribuiu para o desenvolvimento de estudos sociolinguísticos subsequentes: William Labov, pesquisador estadunidense que desenvolveu técnicas de pesquisa inovadoras para estudar a variação linguística em determinadas comunidades de fala nos Estados Unidos e, por meio de suas pesquisas, contribuiu significativamente para a compreensão da relação entre fala, sociedade e identidade.

Após anos, as pesquisas desse linguista ainda são referência no campo acadêmico, assim suas influências são percebidas em estudos contemporâneos de base sociolinguística sobre variação e/ou mudança linguística. Nesse viés, fica declarada a influência dos postulados sociolinguísticos nesta pesquisa, o que se justifica pelo fato de essa área dos estudos linguísticos ter revelado o entendimento de língua e linguagem como fato social.

Nesse sentido, destaca-se que este estudo, sobretudo, direciona-se à visão linguística assumida e desenvolvida por William Labov, reverenciado como o fundador da Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Sociolinguística Quantitativa ou

Laboviana. Para esse conceituado linguista, a língua é propriedade da comunidade em sua dinâmica interacionista, não uma particularidade do indivíduo; logo, essa faculdade de comunicação verbal está altamente propícia a receber interferências naturalmente vinculadas a esse ambiente coletivo, o que abre espaço para a existência de variações em uma língua (por exemplo, os diversos dialetos do português falado no Brasil).

Essa predisposição que as comunidades de fala têm de, naturalmente, receber influências no seu modo de falar possibilita que haja também a coexistência de variações em determinados grupos de falantes, o que pode ser visto como um fenômeno consequente de fatores múltiplos, os quais precisam ser investigados e avaliados para, então, serem discutidos, compreendidos e aceitos como processos linguísticos contribuintes para o reconhecimento identitário de uma comunidade de falantes. No caso desta pesquisa, analisa-se a fala de indivíduos residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros também residentes nesse município baiano.

Nesse panorama dos estudos linguísticos, duas disciplinas, de modo especial, dedicam-se à análise das variedades da língua: a Sociolinguística e a Dialectologia, sendo essas duas áreas igualmente importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Sobre essas áreas, Chambers e Trudgill (1998, p. 187-188) explicam:

A dialectologia começou no século XIX, como produto de correntes intelectuais [...] que agora parecem distantes e talvez exóticas. A sociolinguística teve seu início efetivo quase um século depois, na década de 1960. As fontes intelectuais da geografia dialetal eram a teoria evolucionista e a taxonomia de Lineu, cuja corrente linguística principal era a filologia comparada. A sociolinguística foi o desdobramento do movimento das ciências sociais quando, tardiamente, encontrou-se com a linguística estrutural. Apesar de todas as diferenças, a dialectologia e a sociolinguística convergem no ponto mais profundo. Ambas são dialectologias, por assim dizer. Elas compartilham seu objeto de estudo essencial. Ambas focam a atenção na linguagem em comunidades. Prototipicamente, uma tem sido centralmente preocupada com as comunidades rurais; e a outra, com os centros urbanos; mas essas diferenças são acidentais, não essenciais e, certamente, não axiomáticas. [...] a dialectologia e a sociolinguística dependem do trabalho de campo [...] Onde a dialectologia conseguiu documentar a variedade linguística, a sociolinguística descobriu a variabilidade. [...] A dialectologia sem a sociolinguística em seu cerne é uma relíquia. Nenhuma perspectiva séria sobre a dialectologia pode conceder à pesquisa urbana e à teoria da variação menos que um papel central. (Tradução nossa)¹⁶

¹⁶ “Dialectology began in the nineteenth century, a product of intellectual currents [...] that now seem remote and perhaps exotic. Sociolinguistics had its effective beginning almost a century later, in the 1960s. The intellectual sources of dialect geography were evolutionary theory and Linnaean taxonomy in which the main linguistic current was comparative philology. Sociolinguistics was the run-off of the social sciences movement when it belatedly met with structural linguistics. For all their differences, dialectology and sociolinguistics converge at the deepest point. Both are dialectologies, so to speak. They share their essential subject matter. Both fix the attention on language in communities. Prototypically, one has been centrally concerned with rural communities and the other with urban centres, but these are accidental differences, not essential ones and certainly not axiomatic. [...] dialectology and sociolinguistics depend upon fieldwork. [...] Where dialectology succeeded in documenting linguistic variety, sociolinguistics discovered variability. [...] Dialectology without sociolinguistics at its core is a relic. No serious perspective on dialectology can grant urban research and variation theory less than a central role.”

Conforme o exposto, essas disciplinas têm em comum o estudo da língua na esfera coletiva, rejeitando teorias que preguem a dissociação desses dois elementos. Nesse aspecto, elas se complementam e são importantes para esta pesquisa na medida em que oferecem suporte teórico-científico para que se possa explorar a língua — neste caso, o português brasileiro —, tendo em conta a sua vasta diversidade variacional, aspecto que a torna rica; mas, ao mesmo tempo, complexa.

A partir das considerações explicitadas, destaca-se o caráter deste estudo como sociolinguístico-dialetológico. Nesse sentido, a pesquisa toma como objeto de análise a língua, seu uso e funcionamento dentro de determinada comunidade de fala (conceito que será esclarecido adiante). Isso implica o interesse pela exploração e entendimento da língua exatamente na sua aplicação prática e cotidiana, isto é, nas relações comunicativas entre os indivíduos que compartilham a mesma rede social (conceito elucidado a seguir) ou a mesma comunidade de fala (Bortoni-Ricardo, 2004). Assim sendo, evidencia-se que o fenômeno linguístico fomentador deste estudo está inserido no contexto de aplicação sociorregional da língua, enquadrando-se nos estudos que definem as variações linguísticas, neste caso, sobretudo a variação diatópica (geográfica), mas também com um olhar atento à possível presença da diastrática (social), tópicos sobre os quais se discorrerá adiante.

Nesse contexto, doravante, apresentam-se algumas categorias linguísticas que diretamente se relacionam aos fenômenos tratados neste estudo:

Quadro 1 - Nomenclaturas de ordem sociolinguística.

| |
|--|
| Fenômeno linguístico |
| Comunidade de fala |
| Rede social |
| Sujeito da pesquisa |
| Variação linguística |
| Variável linguística |
| Variante linguística |
| Condicionadores linguísticos e extralinguísticos |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir da sequência de categorias elencadas no quadro 1, expõem-se — de forma breve, porém elucidativa — algumas terminologias sociolinguístico-dialetológicas e os conceitos fundamentais para uma análise científica, como a que aqui se realiza. Dessa maneira, os parágrafos seguintes propõem-se a esclarecer as nomenclaturas elencadas pela sequência em que elas se organizam no referido quadro.

Como a presente pesquisa se constrói sobretudo a partir da análise de **fenômenos linguísticos**, é interessante primeiramente explicar o que essa nomenclatura representa no contexto da Sociolinguística Variacionista. Decerto, os fenômenos inerentes à aplicação e ao funcionamento da língua são vários e diversificados, todavia

O fenômeno cujo comportamento a Sociolinguística busca desvendar são as regras variáveis da língua: as regras que permitem que, em certos momentos, em certos contextos linguísticos e sociais, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma. (Coelho *et al.*, 2012, p. 24)

No caso deste estudo, o fenômeno linguístico investigado relaciona-se à variação no quesito de emprego ou não de algumas lexias de caráter dialetal por condicionamento seja da relação parental dos sujeitos cujo falar é investigado, seja do meio social em que os participantes da pesquisa se incluem. Nesse aspecto, recordam-se as palavras de Labov (2008 [1972], p. 221), ao tratar da variação na fala e na comunidade de fala: “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a ‘a mesma’ coisa. Algumas palavras como *carro* e *automóvel* parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano*.”

Outra categoria relevante neste estudo é a expressão **comunidade de fala**, a qual, conforme Labov (2008 [1972]), pode ser definida como um conjunto (ou comunidade) de pessoas que, linguisticamente, compartilham normas comuns, apesar da existência de variações significativas em suas formas de comunicação. Resumidamente, trata-se, portanto, de um ajuntamento de indivíduos que, enquanto falantes, fazem uso das mesmas regras e/ou variantes linguísticas.

Na sequência, tem-se a expressão **rede social**, a qual, no contexto dos estudos sociolinguísticos, denota

redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana. Essas redes variam de um indivíduo para outro e são constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. (Coelho *et al.*, 2012, p. 40)

Nesse contexto, Chambers e Trudgill (1998) explicam que as pessoas, de modo habitual, são mais influenciadas linguisticamente por questão de proximidade, por isso tais influências podem advir do frequente contato linguístico com familiares, amigos, colegas de trabalho e membros de outras redes sociais às quais o falante pertença do que por qualquer outro indivíduo. Os autores elucidam também que, ao se compararem pessoas que estão mais integradas a determinada rede social do que outras as quais estejam mais periféricas no grupo, há de se perceber que aquelas tendem a ter características linguísticas bastante diferentes destas, isso

porque a influência do grupo sobre os membros periféricos é menos forte e consistente do que sobre aqueles que são bem integrados no grupo.

Nessa conjuntura temática, os **sujeitos da pesquisa** são os indivíduos cuja linguagem é investigada sob a perspectiva teórico-científica da Sociolinguística Variacionista, bem como da Dialetoлогия. Outros termos utilizados para fazer referência a eles, nesta pesquisa, são: *informantes, inquiridos e participantes da pesquisa*.

Por sua vez, também têm grande importância neste estudo as **variações linguísticas** ligadas ao fenômeno de análise. A variação

É o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) manter o mesmo significado. (Coelho *et al.*, 2012, p. 23)

As variações podem ocorrer de maneira interna na língua, atingindo os níveis estruturais lexical, fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático, bem como no aspecto de variação e discurso (Coelho *et al.*, 2012). Por outro lado, no tocante à dimensão externa da língua, as variações, motivadas por fatores extralinguísticos, são representadas por tipos: diatópica (ou geográfica), diastrática (ou social), diafásica (situacional ou estilística), diacrônica (ou histórica) e diamésica (ocorrida entre a fala e a escrita).

Neste estudo, o enfoque é dado às variações diatópica — associada à origem geográfica de utente da língua — e à variação diastrática — condicionada por fatores sociais e culturais em geral.

No contexto da dimensão interna da língua, encontram-se as **variáveis** e as **variantes** relacionadas ao processo de variação linguística. A variável, de acordo com Dias (2015, p.7-8), “é uma unidade com ao menos duas formas variantes, cuja escolha depende de outros fatores. É um conjunto de manifestações do mesmo elemento, e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável recebe o nome de variante linguística”, ou seja, a variante “é a forma linguística (fonema, morfema, palavra) utilizada como opção a outra, com o mesmo valor e função” (Dias, 2015, p.7-8).

Buscando compreender o funcionamento dessas categorias, Chambers e Trudgill (1998) observam que pesquisas realizadas com muitos dialetos do inglês revelaram que, de modo semelhante ao que acontece com muitas variáveis linguísticas, a maior parte dos falantes normalmente usa ambas as variantes. No entanto, a proporção em que as variantes ocorrem correspondem às variáveis sociais, a exemplo da formalidade da situação e do status social do

falante. Os autores explicam, ainda, que, nas pesquisas científicas, quando se deseja simbolizar as variáveis, estas são colocadas entre parênteses, por exemplo: a variável (r).

Resta, por ora, esclarecer a terminologia **condicionadores linguísticos** (ou fatores linguísticos); mas, para isso, é preciso pensar na relação que o termo estabelece com a definição já exposta de *fenômeno linguístico*, pois aqueles atuam sobre estes. Os condicionadores podem ser linguísticos ou extralinguísticos. Quando linguísticos, estão ligados a aspectos internos do sistema da língua, podendo apresentar-se por meio da categoria das palavras, por meio dos constituintes, das construções envolvidas, dos aspectos semânticos, etc. Quando extralinguísticos (ou sociais), os condicionadores se associam a fatores como grau de escolaridade do falante, sexo/gênero, faixa etária, profissão, nível socioeconômico, cultura religiosa, acesso à mídia, dentre outros fatores. (Coelho *et al.*, 2012).

Por fim, concluída a explanação das categorias dispostas no quadro 1, sob a óptica dos fundamentos sociolinguísticos, a presente pesquisa prossegue, discorrendo, no item 3.2, sobre a Sociolinguística Variacionista.

2.2 A Sociolinguística Variacionista

No século XX, desde os anos de 1960, uma movimentação de intelectuais começou a despertar interesse especial para a relação entre linguagem e sociedade. Salomão (2011) explica que, mais exatamente em 1964, teria ocorrido, na Universidade de Los Angeles (UCLA), uma reunião envolvendo 26 linguistas empenhados no desenvolvimento de pesquisas que se enquadravam no campo da Linguística social, ou seja, no campo dos estudos científicos preocupados em explorar a associação entre linguagem e sociedade. Esse evento, então, teria formalizado o surgimento de uma escola teórica sociolinguística, cujos participantes dariam impulso ao desenvolvimento dessa área entre os demais ramos dos estudos linguísticos já existentes. Naquela época, segundo a autora, despontavam-se, nesse campo, estudiosos como: John Gumperez, Charles Ferguson, Dell Hymes, William Labov e outros.

Ainda hoje, a principal referência quando se fala em Sociolinguística é, conforme já se expôs, o linguista estadunidense William Labov¹⁷, isso porque foi ele, entre os anos de 1960, o

¹⁷ Labov publicou, em 1966, um trabalho intitulado como “*The Social Stratification of English in New York City*”, no qual se encontram os métodos empregados para coletar dados de fala do inglês em Nova York e suas variedades.

pesquisador que criou e desenvolveu o modelo teórico metodológico hoje conhecido como Sociolinguística Variacionista, Teoria da Variação, ou ainda Sociolinguística Laboviana, ciência que trata da linguagem sob a perspectiva do uso coletivo da língua, ou seja, estuda a linguagem social, incumbindo-se de analisar e desvendar os fenômenos linguístico-variacionistas inerentes ao uso da língua em sociedade. Nesse aspecto, Mollica (2021, p. 9) salienta que

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Em estudos desenvolvidos anteriormente à Sociolinguística Laboviana, importantes linguistas — como Ferdinand Saussure (precursor da corrente estruturalista) e Noam Chomsky (pioneiro da corrente gerativista) — consideravam a língua um construto homogêneo, por isso variações ou influências características da fala sobre os elementos da língua (fonemas, palavras, morfemas, sintaxe e semântica, por exemplo) não eram levados em consideração (Coelho *et al.*, 2012). Contrariamente às perspectivas dos estruturalistas e dos gerativistas, o interesse da Sociolinguística Laboviana precipita-se justamente na análise dos comportamentos e das mudanças linguísticas dentro de uma comunidade de fala. Esse importante ramo da Linguística surgiu da necessidade de se estudar os aspectos decorrentes da relação entre a língua e a sociedade, agente dinâmico de comunicação.

Consoante Salomão (2011, p. 190), as pesquisas realizadas e publicadas por Labov “tiveram uma influência fundamental na dialetologia social”, isso porque os estudos realizados por ele introduziram rigorosos métodos de pesquisa para coleta de dados sobre a variação linguística, incluindo entrevistas e gravações de fala espontânea que favoreceram não só a constituição dos *corpora* de pesquisa, mas também aprimoraram a análise dos dados coletados nesses *corpora*. Além disso, os princípios linguísticos estabelecidos por Labov, bem como suas análises e descobertas contribuíram para que o fenômeno da variação linguística, principalmente em aspecto social e dialetal, despertasse maior interesse dos estudiosos no meio acadêmico, reduzindo a rejeição da diversidade enquanto fenômeno natural da língua.

Nesse sentido, o foco principal desse campo de pesquisa incide na variabilidade social da língua, visto que esta, na perspectiva sociolinguística, trata-se de uma prática social que não se pode desvincular do indivíduo e das condições de produção da comunicação via linguagem verbal. Por essa razão, muitos estudiosos encaram a língua como uma atividade altamente social e propícia a mudanças, as quais ocorrem devido à dinamicidade da interação verbal que envolve

o sujeito (falante) no âmbito social. Destaca-se, nesse contexto, que a Sociolinguística trata da variação em diferentes aspectos (fonético, fonológico, sintático e morfológico), compreendendo-a como um reflexo da diversidade cultural, regional, social e histórica das comunidades falantes.

Salomão (2011) sinaliza que a variedade de estudos sociolinguísticos que se tem desenvolvido desde os anos 70 aos dias atuais contribuiu imensamente para o desmantelamento de teorias que tratavam da língua sob a perspectiva da homogeneidade. Fica claro, dessa forma, que o olhar sociológico lançado sobre o sistema linguístico abriu caminhos, ao longo do tempo, para que se percebesse quão intrínsecos e indissociáveis estão o indivíduo, a língua e o meio social, concepção que trouxe para o campo de pesquisa a noção de um sistema que, no exercício do uso da língua materna, revela a existência, isto sim, de uma heterogeneidade linguística.

Partindo desse ponto, os estudos e os conceitos sociolinguísticos até então realizados favorecem o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que fornecem embasamento e suporte para a exploração e a avaliação das variedades linguísticas que se fazem presentes na fala da comunidade de teixeirenses descendentes de migrantes mineiros.

Nesse contexto, é interessante a observação realizada por Macêdo (2012, p. 28), a qual explica que,

para o real conhecimento de uma comunidade linguística, não basta pesquisar a história, os costumes ou o ambiente em que vive determinada comunidade. É necessário, também, observar a forma particular de o grupo manifestar a linguagem e, assim, representar, por meio dela, a realidade que o circunda.

Dentro do universo dos estudos sociolinguísticos, é de extrema importância sinalizar a existência de fatores desencadeadores da variação linguística, aspecto para o qual este estudo se inclina. Sob a nomenclatura de “condicionadores” (ou “condicionamentos”), eles são variados, podem se fazer simultaneamente presentes no uso da língua e podem, ainda, conforme Mollica (2021), manifestar-se de dentro dos sistemas linguísticos ou de fora deles.

Na dimensão das variáveis internas, citam-se os diferentes modos de falar inerentes às regiões em que vivem os usuários de um mesmo código linguístico, bem como as variações de pronúncia e de comunicação. Nesse ponto, é preciso esclarecer que, embora essas diferenças aconteçam no uso da língua, elas são, de certa maneira, sutis, motivo pelo qual não prejudicam drasticamente a interação entre falantes que têm em comum a mesma língua materna. Dessa maneira, um indivíduo acostumado a empregar o pronome “tu” (como os sulistas do Brasil) para dirigir-se ao seu interlocutor não encontrará dificuldade em compreender outro que habitualmente use a forma de tratamento “você”, em vez de “tu”, para falar com o seu interlocutor.

Isso implica que, na circunstância de uma comunicação com presença de variações no mesmo idioma, alguma dificuldade de efetivar a interação, talvez, ocorra inicialmente; todavia o fato de os interlocutores compartilharem o mesmo código linguístico possibilitará que eles dialoguem e troquem ideias até que mal-entendidos sejam desfeitos ou esclarecidos, ou seja, até a comunicação ocorra em sua plenitude. Assim sendo, pode-se afirmar que a interação entre os interlocutores não é prejudicada pelas variações imanentes das variáveis internas e externas da língua.

No conjunto das variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. (Mollica, 2021, p. 11)

De outra parte, Coelho *et al.* (2010) chama a atenção para os condicionadores extralinguísticos atuantes no processo de variação da língua e orienta que estes não podem ser ignorados ou desprezados em uma pesquisa de Sociolinguística Variacionista, posto que o reconhecimento desses condicionadores sociais contribui para que o(a) pesquisador(a) “desvende os mecanismos da variação” (Coelho *et al.*, 2010, p.28). Esses condicionadores podem incluir elementos como o contexto físico, social, cultural e emocional em que a comunicação ocorre, logo têm relação com aspectos externos à língua, relacionando-se, dessa forma, com questões de ordem diversa, a exemplo de sexo/gênero, etnia, faixa etária, escolaridade, relação entre os interlocutores, região geográfica dos falantes, etc. Nesta pesquisa, dá-se enfoque aos condicionadores geográfico-sociais, visto que aqui se analisa a fala de indivíduos residentes na cidade de Teixeira de Freitas (BA) descendentes de migrantes originários do estado de Minas Gerais.

Vale, mais uma vez, ressaltar que — embora a língua apresente variações, tanto linguísticas quanto extralinguísticas — esses fenômenos, por si só, não impedem nem prejudicam a interação entre os indivíduos no processo comunicacional, visto que — ainda que elas se façam presentes — a maior parte do léxico não sofre variações, e a estrutura linguística segue, em sua maioria, uma organização lógica reconhecida por todos os falantes da língua. Nesse sentido, pode-se dizer que os signos linguísticos e a maneira como eles se organizam ou se combinam estão no conhecimento compartilhado entre os falantes da língua, por isso todos se compreendem, ainda que existam as variações.

Dito isso e, voltando às variáveis externas à língua, Mollica (2021) explica que, nesse conjunto, encontram-se os fatores sociais e contextuais, bem como aqueles atinentes ao indivíduo, usuário da língua. Exemplificam os fatores sociais, dentre outras coisas, a profissão

do indivíduo, o estrato social a que ele pertence, seu grau de escolarização, seu acesso à informação e seu nível de renda. Já os fatores contextuais podem ser ilustrados pela tensão discursiva durante a comunicação, bem como pelo grau de formalidade nessa circunstância, lembrando ainda da intimidade ou ausência dela entre os interlocutores. Finalmente, os fatores referentes ao indivíduo podem ser exemplificados pelo sexo/gênero deste, sua etnia e faixa etária, dentre outros condicionadores.

Não há, todavia, uma regra a qual determine, de modo genérico, a maneira como esses fatores atuam em cada esfera social, pois as relações interativas podem variar conforme as práticas socioculturais dos sujeitos envolvidos, o que evidentemente se difere de grupo para grupo. Nesse aspecto, este estudo busca respostas que elucidem, de acordo com os fundamentos da Sociolinguística Laboviana, como os condicionadores “localização geográfica” e “relação social” interferem no português falado por indivíduos residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros.

Wardhaugh (2006) enfatiza que a variação na linguagem é uma característica natural e inevitável. Assim, é importante reconhecer que não existe uma forma "certa" ou "errada" de falar, mas sim diferentes formas de expressão linguística que podem variar de acordo com diversos fatores, como região geográfica, grupos sociais, contexto de uso da língua, entre outros. Essa diversidade linguística é parte essencial da riqueza e da complexidade das línguas e reflete a diversidade cultural e social de uma comunidade. Portanto, ao analisar a linguagem, é fundamental considerar e respeitar essa variação intrínseca, em vez de tentar impor padrões ou normas linguísticas rígidas. Nas palavras do autor: “há sempre alguma variação quer consideremos uma língua como um todo, um dialeto dessa língua, a fala de um grupo dentro desse dialeto ou, em última análise, cada indivíduo desse grupo. Tal variação é um fato básico da vida linguística.” (Wardhaugh, 2006, p. 25, tradução nossa)¹⁸

Essa observação reforça a ideia de haver, no vasto território brasileiro, para além da língua portuguesa como oficialmente é conhecida, os dialetos, ou seja, variações linguísticas (neste caso, do português) atinentes a fatores diversos, sejam eles geográficos, sociais, circunstanciais etc., diretamente ligados às relações interativas entre os falantes.

Neste ponto, vale considerar a perspectiva de Trudgill (2000), o qual alerta que a definição de dialeto e linguagem não é simples, pois esses termos não representam conceitos

¹⁸ WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. 5.ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006, p.25. [...] there is always some variation whether we consider a language as a whole, a dialect of that language, the speech of a group within that dialect, or, ultimately, each individual in that group. Such variation is a basic fact of linguistic life.

claros e fixos. Desse modo, é improvável determinar, com precisão, onde um dialeto termina e onde outro começa, em virtude de naturalmente haver, em cada língua, um continuum geográfico de dialetos. O autor esclarece, ainda, que a escolha de separar dialetos baseada em regiões geográficas — como sul e norte de um país, por exemplo — é mais uma decisão social do que linguística, influenciada por fatores políticos locais.

Ao tratar da variação por condicionamento da localização geográfica do falante, Wardhaugh (2006), diz que a língua pode designar uma variante linguística específica ou um conjunto de variantes relacionadas, enquanto o dialeto se refere a uma dessas variantes.¹⁹ Essa perspectiva condiz com a visão sociolinguística tradicional, que define a língua como um conceito mais amplo, no qual várias variantes são abrangidas, ao passo que o dialeto é compreendido como uma forma específica dentro dessa língua. Nesse contexto, frisa-se que a Sociolinguística Laboviana, por meio dos preceitos teóricos de seu fundador, orienta os estudos linguísticos para a compreensão dos dialetos como fenômenos sociais que refletem a diversidade e a complexidade das interações humanas, evidenciando a linguagem como uma ferramenta não apenas de comunicação, mas também de identidade social e cultural.

Como se pode notar, as percepções divulgadas por diferentes estudiosos, bem como as discussões levantadas em torno dos conceitos e fenômenos linguísticos contribuem, sem dúvida, para que se possa ter uma ideia do quão complexa pode ser uma análise da língua, com seus fenômenos e elementos, sob a óptica sociolinguística.

Assim sendo, estudos concentrados nessa perspectiva têm possibilidade de desvendar o processo sociolinguístico que se faz presente no modo de falar dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes oriundos do estado de Minas Gerais. Desde já, então, levanta-se uma indagação: tais sujeitos, enquanto falantes, manifestam traços linguísticos que distinguem seu falar da variedade falada pela comunidade baiana que habitam ou — embora residentes em um município baiano — apresentam, na fala, influências da variedade mineira de seus pais? Esta pesquisa empenha-se em buscar respostas a essa questão.

Além disso, para melhor discutir e compreender o fenômeno da variação linguística, é também importante direcionar um olhar às considerações realizadas por Chambers e Trudgill, (1998, p.19), quando estes explicam que “O termo ‘dialetologia sociolinguística’ às vezes é usado para a interseção das duas disciplinas. Os dialetologistas descobriram um contexto mais

¹⁹WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. 5.ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006, p.28. Language can be used to refer either to a single linguistic norm or to a group of related norms, and dialect to refer to one of the norms.

amplo e integral para seu trabalho.”²⁰ Depreende-se, a partir de tal afirmação, que a dialetologia sociolinguística une os estudos das variações linguísticas regionais ou sociais (dialetologia) com a análise das relações entre língua e sociedade (sociolinguística). Nesse sentido, os pesquisadores da área analisam não apenas as características linguísticas dos diferentes dialetos e variedades linguísticas, mas também o contexto social, político e cultural em que essas variedades são utilizadas.

Essa interseção entre dialetologia e sociolinguística permite aos pesquisadores uma compreensão mais ampla e profunda das variações linguísticas, considerando não apenas os aspectos linguísticos, mas também as influências sociais e culturais que moldam essas variações. Isso torna o trabalho dos dialetologistas mais abrangente, ao considerar não apenas as diferenças linguísticas, mas também seu significado e uso em um contexto social mais amplo. Essa perspectiva sociolinguística-dialetológica oferece contribuições importantes para o desenvolvimento deste estudo dentro da concepção a que se propõe.

Todo o postulado teórico aqui apresentado faz sentido à realização de pesquisas que se proponham a tomar a língua portuguesa falada no território brasileiro como objeto de estudo, isso porque que o português aqui falado apresenta uma gama de variações (diacrônica²¹, diastrática²², diafásica²³, diatópica²⁴) que não ocorrem aleatoriamente, pois resultam da influência de vários condicionadores atuantes sobre o uso da língua neste vasto território, que tem como uma de suas características principais a população, resultado da mistura de diferentes etnias, culturas e classes sociais.

Esta pesquisa tem interesse nas variações diatópica e diastrática, uma vez que se propõe a investigar a fala de moradores de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, considerando, para a análise, mostras dialetais de Minas Gerais e indicativos dialetais da comunidade baiana teixeirense, no intuito de verificar se aquelas exercem influência na fala desses indivíduos ou se estas é que o fazem. Quanto às evidências dessas variações, a presente pesquisa concentra-se no léxico, de modo a examinar como a variação semântico-lexical, neste caso, manifesta-se na fala dos participantes da pesquisa. Na análise do *corpus* deste estudo, no entanto, não se descarta a possibilidade de encontrar a presença de outros de tipos de variação,

²⁰ CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, p. 19. “The term ‘sociolinguistic dialectology’ is sometimes used for the intersection of the two disciplines. Dialectologists have discovered a broader, more integral context for their work.”

²¹ Variação que ocorre na língua, decorrente da passagem tempo.

²² Variação relativa aos grupos sociais, ocasionada por condicionadores como faixa etária, sexo, classe social, grau de escolarização, profissão, acesso à informação etc.

²³ Variação relacionada ao contexto de comunicação, à situação em que isso ocorre, à relação entre os interlocutores e ao grau de formalidade entre eles e a ocasião.

²⁴ Variação ocorrida na língua por influência do espaço geográfico (região) em que os falantes vivem.

haja vista as diferenças identificadas entre os informantes no quesito de sexo, faixa etária e rede social em que se integram, por exemplo.

Aragão (2010) destaca que, quando se estudam os falares regionais e se toma conhecimento das discussões estabelecidas acerca da Dialectologia e da Sociolinguística, surge a questão: as variações, por exemplo fonético-lexicais e morfossintáticas, são efetivamente regionais, dialetais, ou são também sociais ou sociolinguísticas? Este estudo, como dito, tem um foco centrado no condicionador regional e no entendimento dialetal da língua, todavia não ignora a possibilidade de haver, no modo de falar dos informantes, influências de outros condicionadores e, portanto, evidências de outra variação, a diastrática. Nesse aspecto, vale um retorno aos primeiros estudos de cunho dialetológico, com Chambers e Trudgill (1980, p. 54), que consideram o seguinte: “todos os dialetos são ao mesmo tempo regional e social, uma vez que todos os falantes têm uma experiência social bem como uma localização regional.”²⁵

Dito isso, este estudo, ao passo que analisa o falar dos informantes sob o entendimento sociolinguístico da variação diatópica, prepara-se também para a possibilidade de constatar ou não a presença de outro(s) tipo(s) de variação linguística, isso devido aos condicionamentos de ordem social, dos quais o sujeito social não pode se desvincular, afinal, segundo Aguilera *et al.* (2021), o comportamento linguístico do falante também é influenciado pelo seu contexto sociocultural, o que demonstra a importância de compreender a língua como uma manifestação intrinsecamente ligada à sociedade em que é utilizada.

Nesse aspecto, esta pesquisa segue pelo princípio de que “as variedades linguísticas são, de certa forma, subordinadas a dois amplos campos: variedades diatópicas e variedades diastráticas.” (Borin, 2010, p. 13). A seguir, realiza-se uma breve apresentação dessas duas formas de variação linguística, de maneira que se possa melhor compreender como elas se manifestam no uso cotidiano e natural da língua.

2.2.1 A variação diatópica

A variação diatópica, conforme Trudgill (1983), são as variações linguísticas que se manifestam entre regiões ou entre dialetos diferentes de uma mesma língua. Sendo assim, esse

²⁵ CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, p. 54. “All dialects are both regional and social, since all speakers have a social background as well as a regional location.”

tipo de variação está presente sempre que, entre os falantes de um idioma, nota-se a presença de algumas diferenças no modo como as pessoas falam, ocasionadas por influência de sua localização geográfica (região). Essas diferenças comumente não são radicais; logo, na maioria das vezes, não afetam drasticamente a interação entre os falantes de um mesmo idioma. Elas são relativamente perceptíveis e podem se manifestar tanto em nível fonético-fonológico quanto em nível lexical ou sintático.

As contribuições de Labov para o entendimento da variação diatópica foram essenciais, pois demonstraram que essa variação é sistemática, regulada por regras linguísticas e influenciada por aspectos sociais e contextuais. Suas pesquisas tiveram um papel fundamental no progresso da sociolinguística e no estudo da variação linguística.

Para Labov ([1972] 2008, p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa.”. Concordante com a perspectiva laboviana está a visão de Wardhaugh (2006, p. 25, tradução nossa)²⁶, que diz: “todas as línguas apresentam variação interna, isto é, cada língua existe num certo número de variedades e é, num certo sentido, a soma dessas variedades.” Essas asserções fortalecem a visão de língua como um fenômeno heterogêneo, que, como tal, apresenta variações. Desse modo, em se tratando da variação diatópica, a premissa laboviana será ilustrada com os quadros 2²⁷ e 3, os quais expõem lexias diferentes que, sincronicamente, apresentam os mesmos referentes na língua portuguesa, sendo esta falada em localidades geográficas diferentes.

O quadro 2 expõe variações do português, comparando três países em que essa língua é tida como idioma oficial. Vale lembrar, porém, que, no mundo, a língua portuguesa é o idioma oficial de nove países, dos quais, a título de exemplo, citam-se: Brasil, Angola e Portugal.

Quadro 2 - Algumas variações da Língua portuguesa de acordo com o país em que é falada (exemplos de variação diatópica).

| Variedades da língua portuguesa entre países lusófonos | | | |
|--|--------|----------|-----------|
| Angola | Brasil | Portugal | Referente |
| | | | |

²⁶ “all languages exhibit internal variation, that is, each language exists in a number of varieties and is in one sense the sum of those varieties.” (Wardhaugh, 2006, p. 25)

²⁷ Algumas lexias apresentadas no quadro 2 foram extraídas do artigo de Rodrigues (1981): “Português do Brasil e português de Portugal: diferenças”. Considerando o ano de publicação do estudo, deve-se considerar a possibilidade de que alguma mudança no léxico tenha (ou não) ocorrido no português lusitano, por consequência da variação diacrônica. As lexias do português brasileiro ali citadas permanecem em uso até o presente momento. As variantes do português angolano foram encontradas nos sites: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/jikumessu/2017/05/entenda-algumas-expressoes-do-portugues-angolano>> e <<https://observalinguaportuguesa.org/dicionario-de-angolano/>>.

| | | | |
|---|-----------------------------|--|---|
| Machibombo ²⁸ | Ônibus | Autocarro ²⁹ | Veículo de grande porte utilizado para o transporte coletivo de passageiros. |
| Chávena ³⁰ | Xícara | Chávena ³¹ | Recipiente com alça, usado para servir bebidas quentes, como café, chá ou chocolate quente. |
| Quilumba ³² , mboa ou rapariga | Moça | Rapariga ³³ | Mulher jovem. |
| Chuinga ³⁴ | Chiclete, goma de mascar | Pastilha elástica ³⁵ ou chiclete | Doce industrializado, feito à base de goma de mascar, açúcar e aromatizantes. |
| Geleira ³⁶ | Geladeira | Frigorífico ³⁷ | Eletrodoméstico utilizado para armazenar, em temperaturas baixas, alimentos perecíveis e bebidas. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O quadro 3, a seguir, apresenta apenas o português falado no Brasil; desta vez, porém, comparando variantes lexicais características de duas regiões brasileiras: Minas Gerais (no Sudeste do país) e Bahia (no Nordeste).

Quadro 3 - Diferenças lexicais entre o português brasileiro falado em Minas Gerais e o falado na Bahia (exemplos de variação diatópica).

| Variedades da língua portuguesa no Brasil | | |
|--|-----------------|----------------------|
| Em Minas Gerais | Na Bahia | Referente |
| Jogar bola | Ir pro baba | Jogar futebol amador |

²⁸ Nampula: Antigos trabalhadores da ROMON querem igualdade de direitos. Disponível em: <<https://www.voaportugues.com/a/nampula-antigos-trabalhadores-da-romon-querem-igualdade-de-direitos/1889739.html>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

²⁹ 20 palavras semanticamente diferentes em Portugal e no Brasil. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/20-palavras-semanticamente-diferentes-em-portugal-e-no-brasil/14050>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³⁰ Entenda algumas expressões do português angolano. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/jikulumessu/2017/05/entenda-algumas-expressoes-do-portugues-angolano>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³¹ Palavras em português de Portugal diferentes do Brasil. Disponível em: <<https://www.superprof.com.br/blog/significado-expressoes-brasil-e-portugal/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³² Entenda algumas expressões do português angolano. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/jikulumessu/2017/05/entenda-algumas-expressoes-do-portugues-angolano>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³³ Português de Portugal: veja as diferenças entre a linguagem e palavras engraçadas. Disponível em: <<https://www.remessaonline.com.br/blog/portugues-de-portugal/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³⁴ Chuinga. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/chuinga>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³⁵ Palavras em português de Portugal diferentes do Brasil. Disponível em: <<https://www.superprof.com.br/blog/significado-expressoes-brasil-e-portugal/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³⁶ Palavras em português de Portugal diferentes do Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-11/modo-de-falar-e-regionalismos-distinguem-portugues-brasileiro-do-africano>>. Acesso em: 16 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.superprof.com.br/blog/significado-expressoes-brasil-e-portugal/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

³⁷ Palavras em português de Portugal diferentes do Brasil. Disponível em: <<https://www.superprof.com.br/blog/significado-expressoes-brasil-e-portugal/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

| | | |
|-------------------|----------------------|---|
| Catengo | Biba | Lagartixa-doméstica-tropical |
| Tomar uma | Comer água | Ingerir bebida alcoólica |
| Uai! | Ôxe! | Interjeição que expressa espanto, surpresa, dúvida, indignação. |
| Mãe ³⁸ | Mainha ³⁹ | A genitora, a mulher que cria |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Como se observa no quadro 2, a variação diatópica pode ser percebida no falar de pessoas que têm em comum o mesmo idioma como língua materna, mas não a mesma nacionalidade, sendo este o caso de indivíduos originários do Brasil, da Angola e de Portugal, além de falantes de outras nações não citadas no quadro: Moçambique, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Cabo Verde etc. Esses sujeitos têm em comum a língua (o idioma), mas não o espaço geográfico de que se originam. Decerto, para se comunicarem no cotidiano, tais falantes fazem uso de variedades da língua portuguesa, visto que, naturalmente, certas diferenças existem no seu modo de falar: seja um sotaque que marca entonação mais aberta ou mais fechada nas vogais, seja uma pronúncia de menor destaque para as vogais entre consoantes ou de maior destaque para elas, seja uma lexia em vez de outra, seja uma maior incidência no emprego de infinitivo verbal ou de gerúndio e assim por diante.

Essas peculiaridades normalmente desvelam a região de origem do falante; mas, por si só, não impedem a interação entre os utentes da língua, ou seja, as variações regionais não são uma barreira para a comunicação entre brasileiros, angolanos e portugueses, por exemplo. Certa dificuldade pode até ocorrer inicialmente na comunicação entre tais indivíduos, mas não haverá impedimento interativo, afinal “a língua varia, mas é de forma ordenada, sistemática e previsível.” (Alécio, 2021, p. 44).

De acordo com o quadro 3, outra possível manifestação desse tipo de variação linguística é aquela percebida no modo de falar de pessoas que provêm de diferentes regiões dentro de um mesmo país, por exemplo: o falante originário do estado de Minas Gerais e o falante proveniente do estado da Bahia. Nesse caso, ambos os indivíduos são brasileiros (nasceram e vivem no Brasil), entretanto não têm em comum a região brasileira da qual se originam, pois um advém de um estado do Sudeste do país (Minas Gerais); e o outro, de um estado no Nordeste brasileiro (Bahia). Diversos estudos linguísticos realizados ao longo dos anos, fortemente influenciados pelos estudos de Labov, revelam que essas diferenças regionais interferem diretamente no modo como as pessoas falam, ocorrendo, por consequência, a

³⁸ As lexias desta coluna foram retiradas das respostas apresentadas pelos informantes mineiros ao QSL utilizado nesta pesquisa. Tais informantes atribuíram o uso de tais lexias ao falar mineiro. A pesquisadora, na sua condição de naturalidade mineira, corrobora essa associação.

³⁹ As lexias desta coluna foram retiradas das respostas apresentadas pelos informantes baianos ao QSL utilizado nesta pesquisa. Tais informantes atribuíram o uso de tais lexias ao falar baiano.

variação diatópica — seja de nível fonético-fonológico, seja de nível semântico-lexical, ou até sintático.

Haja vista a conjuntura da diversidade linguística no português brasileiro, Alécio (2021, p. 45) sinaliza que “o perfil linguístico de cada informante mostra qual dialeto ele fala, bem como quais as características que determinada comunidade tem, para proferir tal variabilidade.” Além disso, a autora acrescenta que “conhecer determinada variedade geográfica de uma comunidade promove maior aceitabilidade e compreensão da formação de um povo” (Alécio, 2021, p. 46). Essa mesma pesquisadora também explica que, nesse contexto, a Dialetologia apoia-se na Sociolinguística para executar parâmetros de investigação e identificar a presença de marcas dialetais em determinada língua.

Retoma-se, por fim, Chambers e Trudgill (1980), no que diz respeito ao pressuposto de os dialetos estarem interligados tanto à região quanto à classe social; pois, como explicam os autores, todos os locutores possuem uma vivência social específica, assim como uma origem regional. Levando em consideração esse entendimento, a presente pesquisa discorrerá, no item a seguir, sobre a variação linguística relacionada aos condicionadores sociais, a variação diastrática.

2.2.2 A variação diastrática

Labov, no seu estudo “Padrões Sociolinguísticos” (*Sociolinguistic Patterns*), publicado em 1972, analisa os diferentes modos de falar da população de Nova Iorque, desvendando o fenômeno da variação. Nesse trabalho, o autor realiza uma importante constatação: a mudança ocorrente nas línguas tem relação com a sua condição de heterogeneidade, ou seja, com a sua propensão natural à variação. Labov, então, cria um método teórico (a Teoria da Variação) que lhe possibilitaria analisar os processos de variação e mudança pelos quais a língua passa. O pesquisador assumia, assim, a perspectiva de que, para compreender esse estado de variedade da língua, é indispensável que se considere o falante como um ser social e que se pondere acerca de sua atuação e representatividade no meio em que vive. Sem essa relação, o entendimento de língua e de todos os fenômenos atuantes sobre ela não seria possível, segundo a concepção laboviana.

Em sua pesquisa de 1972, Labov analisou a língua falada pelos nova-iorquinos e identificou que certos conflitos de caráter social — a exemplo de contrapontos ideológicos e

políticos — atuavam sobre o uso da língua pelos falantes e ocasionavam variações de ordem fonético-fonológica no falar dos diferentes grupos de indivíduos que ali viviam, incluindo a população negra, a qual era muito suscetível a todo tipo de preconceito. Hoje, mundialmente conhecido, o estudo de Labov aponta para o fenômeno da diversidade da língua, de modo a entender que esta varia entre os falantes e sofre também modificações de acordo com as circunstâncias vividas por estes. Este último caso enquadra-se no que se entende como variação diastrática, sendo esta geralmente condicionada por fatores socioculturais e extralinguísticos inerentes aos utentes da língua.

A variação diastrática é também conhecida como variação social ou sociocultural, e vários são os fatores (ou variáveis sociais) que desencadeiam esse fenômeno, dentre os quais citam-se a faixa etária do falante, o sexo (ou gênero) que o define, a classe socioeconômica a que pertence, seu nível de escolaridade, bem como seu acesso à informação e à cultura, dentre outros condicionadores. Mas, antes de adentrar um pouco mais no estudo desse tipo de variação, é crucial deixar claro que uma língua pode apresentar, concomitantemente, mais um tipo de variação, logo não seria surpreendente identificar, na fala de determinada comunidade linguística, evidências de variação diatópica coexistindo com evidências de variação diastrática. Ou seja, é possível que se encontrem, junto a indicadores de variação geográfica, representações de variação sociocultural determinadas, por exemplo, pelo estrato social, pela profissão, pelo sexo ou pela faixa etária nos quais os usuários da língua se enquadram.

Para exemplificar e melhor compreender esse tipo de variação linguística, vale mencionar uma observação pontuada por Labov, em sua obra *Padrões Sociolinguísticos*, na qual o autor explica:

Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens (Labov, 1966a: 288) e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. Elas mostram isso numa linha inclinada acentuada da alternância estilística, sobretudo no extremo mais formal do espectro. [...] O padrão é particularmente marcado nas mulheres de classe média baixa, que exibem a forma mais extrema desse comportamento. [...] Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual [...], as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (Labov, [1972] 2008, p. 281-282)

Como se pode notar, Labov constata, em seu estudo de 1972, que o comportamento linguístico dos falantes muda de acordo com o sexo e a classe social a que pertencem, ou seja, homens e mulheres tendem ao uso diferenciado da língua, do mesmo modo que falantes de estratos sociais diferentes. Tal observação corrobora o pressuposto de que a existência de condicionadores extralinguísticos de caráter sociocultural suscita uma variação linguística,

sendo esta categorizada pela Sociolinguística como variação diastrática. Ressalta-se, no entanto, que o caso exposto representa apenas um exemplo em que a variação diastrática se faz presente, haja vista que, conforme já dito, são diversos os fatores que a condicionam.

A observação de Aragão (2010), no que diz respeito aos tipos de variação linguística aqui citados, permite compreender a linha tênue entre esses fenômenos e corrobora, ainda, a hipótese de os pesquisadores que atuam na investigação da variação diatópica encontrarem pontos de tal modo relacionados que fica difícil não os considerar numa análise linguística, sendo essa uma questão levantada já pelos primeiros sociolinguistas, de acordo com o autor:

[...] ao analisarmos o problema da variação regional em relação à variação social, muitos problemas e muitas dúvidas surgem quanto aos limites de cada tipo de variação. Onde termina uma e onde começa a outra e qual a prevalência de uma sobre a outra, são questões que surgem aos primeiros estudos. [...] Esta é uma das grandes funções da sociolinguística: analisar o tipo de correlação entre as variantes linguísticas e as categorias sociais dos grupos sociais em observação. (Aragão, 2010, p.37)

Conforme já declarado, o propósito primordial desta pesquisa é investigar a variação diatópica; todavia, considerando os pressupostos teóricos de Labov ([1972] 2008) no que diz respeito à possibilidade de coexistência de variações numa comunidade de fala, a hipótese de se chegar à variação diastrática não deve ser ignorada, uma vez que o presente estudo tem como informantes, de modo geral, pessoas não só de origens geográficas distintas, mas também de gerações (filhos e seus genitores) e de sexos diferentes (feminino e masculino). Além disso, é certo que esses indivíduos exercem profissões diversas e integram redes sociais distintas. Posto isso, não se exclui a possibilidade de tais particularidades, ao lado do fator geográfico, interferirem no modo como os participantes da pesquisa fazem uso espontâneo da língua.

A próxima subseção fará uma breve, porém elucidativa, abordagem sobre o léxico e a variação semântico-lexical, considerando essencial o conhecimento dessas terminologias para a plena compreensão desta pesquisa.

2.2.3 O léxico e a variação semântico-lexical

Nos estudos da língua, as variações diatópica e diastrática podem manifestar-se de diferentes aspectos: fonético-fonológico, sintático-morfológico e semântico-lexical. O presente estudo centra-se neste último caso, considerando o léxico como elemento central de

investigação na fala de indivíduos residentes em Teixeira de Freitas (BA), sendo esses sujeitos filhos de genitores originários do estado de Minas Gerais. Analisa-se também, em aspecto semântico-lexical, a linguagem desses genitores, os quais, em algum momento de suas vidas, migraram de Minas Gerais para a Bahia, residindo, desde então, na supracitada cidade.

Toda língua é formada por um léxico, que é descrito pelo *dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*⁴⁰ como “o repertório total de palavras existentes numa determinada língua”. Adicionalmente, o referido dicionário apresenta a definição do termo sob a perspectiva da linguística estruturalista, sendo assim descrito: “conjunto dos lexemas⁴¹ da língua (no sentido saussuriano), oposto ao conjunto dos vocábulos⁴² que ocorrem no discurso; a rede de funções e relações entre si desses lexemas — p.opos. a vocabulário”. Acrescenta, ainda, a visão da gramática gerativa no que diz respeito ao termo, sendo a palavra “léxico” assim definida: “componente da gramática internalizada do falante que contém todo o seu conhecimento lexical: as palavras que conhece, com sua pronúncia, significação e as características sintáticas para seu emprego numa sentença; base lexical, componente lexical”.

Inicialmente, pode parecer confusa a distinção entre léxico e vocabulário, o que, em situações comuns, leva muitas pessoas a utilizarem esses termos como sinônimos exatos. Não obstante, para os estudos linguísticos, é importante esclarecer em que aspecto esses dois termos se distinguem: se, por um lado, o vocabulário se refere ao conjunto de palavras que uma pessoa conhece ou utiliza em sua linguagem escrita ou falada; por outro, o léxico é o conjunto de palavras de uma língua ou de determinado grupo de pessoas, abrangendo não apenas as palavras que são comumente usadas, mas também aquelas que são menos frequentes ou mais específicas. Ou seja, enquanto o vocabulário é mais individualizado, o léxico abrange um conjunto mais amplo de termos de uma língua.

Para Carvalho (2014, n.p.)⁴³, “a noção de léxico é abstrata, visto que não se consegue saber exatamente qual é o total de palavras em uso.” Dessa forma, para manter coerência com

⁴⁰ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1> Acesso em: 24 mar. 2024.

⁴¹ “Unidade mínima distintiva do sistema semântico de uma língua que reúne todas as flexões de uma mesma palavra, flexões essas comumente vistas como palavras diferentes. O lexema é uma unidade abstracta. Para Martinet, os lexemas são os monemas lexicais que pertencem a inventários ilimitados, por oposição aos monemas gramaticais ou morfemas.” Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1398>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

⁴² “[...] termo, utilizado por vezes como sinônimo de palavra, designa uma unidade de um vocabulário, ou seja, de uma lista de palavras que ocorrem num dado *corpus*.” Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2291>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

⁴³ Fonte: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/lexico>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

os preceitos sociolinguístico-dialetológicos que norteiam este estudo, o presente trabalho assume o léxico como o conjunto de palavras de uma língua, compreendendo o vocabulário e os termos utilizados para a comunicação verbal. Nesse raciocínio, o léxico pode ser compreendido como o conjunto de unidades lexicais que compõem a língua, incluindo palavras, expressões, termos técnicos, gírias, regionalismos, neologismos etc.

Como visto, a definição de léxico pode variar conforme o campo de estudo. Todavia, é inegável o entendimento de léxico como parte fundamental da língua, sendo ele responsável por transmitir significados e possibilitar a comunicação entre os falantes de um mesmo idioma.

Biderman (1996) afirma que alguns linguistas compreendem de maneiras diversas as unidades que constituem o léxico, no entanto, para a autora,

o léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua, vale dizer: os lexemas de valor lexical (as palavras plenas) e os lexemas de valor gramatical (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema), que alguns linguistas chamam *gramemas*, adotando a terminologia pottieriana. (Biderman, 1996, p. 33. Grifo da autora)

Além disso, Biderman (1996) explica que o léxico, comparado a outros níveis da língua, possui uma heterogeneidade típica, sendo esta ligada à capacidade de o ser humano ir se apercebendo da univocidade de cada parte do universo, ou seja, de cada elemento que constitui o mundo em sua volta. A autora ressalta, ainda, que, em razão da natural mudança ocorrida na língua (fenômeno que tem a passagem do tempo como condicionador), o léxico varia, motivo pelo qual existe a constante necessidade de se criarem dicionários ou de registrar novas palavras naqueles já existentes. Esse é o trabalho dos lexicógrafos e, para a autora, essa prática “não pode ser ignorada, pois os dicionários são as únicas descrições globais dos léxicos das línguas.” (Biderman, 1996, p. 33)

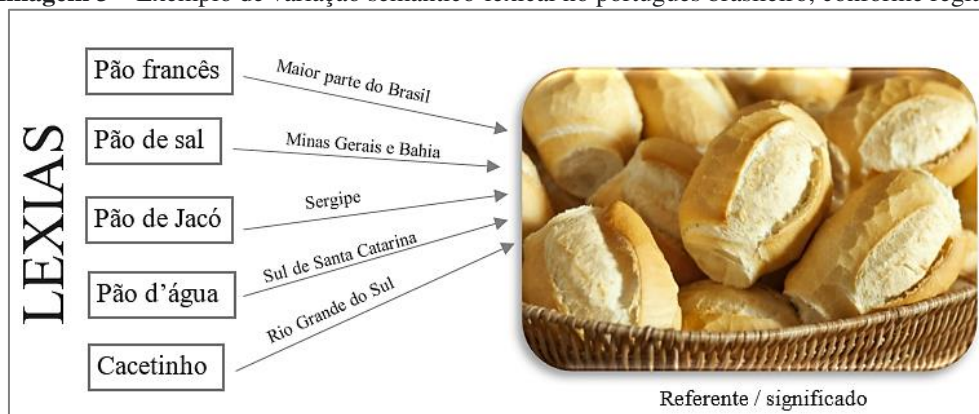
Nesse tocante, Carvalho (2014, n.p.) explica que, “como a língua está em constante mudança, ora surgem palavras novas, ora palavras caem em desuso. Logo, nem mesmo os dicionários padrão, por maiores que sejam, conseguem registrar essa dinâmica lexical.”

Complementa toda essa exegese acerca do léxico, as palavras de Queiroz (2012, p. 19), que diz:

O léxico é visto como parte viva da língua. Ele está em constante movimento, incorporando novas palavras e armazenando novos significados, mas também constando aquelas esquecidas pelos falantes e que por isso deixam de ser usadas. Estudar o léxico é uma das formas de imergir no *modus vivendi* de um povo. Adentrar no vocabulário de uma determinada sociedade nos permite conhecer a sua história, as suas experiências. (Queiroz, 2012, p. 19)

Por conseguinte, este estudo chega ao tratamento da variação semântico-lexical, que diz respeito às alterações ocorrentes nas palavras de uma língua ao longo do tempo, seja na forma como são escritas, seja na maneira como são pronunciadas, ou no significado que carregam. Essas variações podem ocorrer devido a influências regionais, sociais, culturais, históricas, bem como por influxo de outros condicionadores. Por exemplo, na variedade brasileira do português, o termo “pão francês” pode apresentar variantes, como “pão de sal”, “pão de Jacó” ou até “cacetinho”, dependendo da região em que esse alimento é referenciado.

Imagem 3 – Exemplo de variação semântico-lexical no português brasileiro, conforme região.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para concluir esta seção, encerra-se a discussão com a convicção de que a variação semântico-lexical reúne tanto a compreensão de léxico quanto a de semântica, assim ela ocorre sempre que, num mesmo idioma, diferentes lexias são empregadas para designar o mesmo referente, tendo em comum, portanto, o mesmo significado. Como ilustra a imagem 3, essas variações normalmente estão relacionadas à localidade geográfica dos falantes.

A seção seguinte tratará da Dialetoлогия, parte dos estudos linguísticos que se dedica, especificamente, à variação linguística no que tange ao aspecto espacial (geográfico), ou seja, é o estudo dos dialetos.

2.3 A Dialetoлогия

“Não se fala uma mesma língua do mesmo modo e em todos os lugares e essa é uma verdade que perpassa a história dos povos.” (Aguilera *et al.*, 2021, p. 288). Essa afirmação provoca uma reflexão indispensável sobre a língua, no seu aspecto geral, considerando o modo

como esta é utilizada na prática do exercício social de comunicação nas comunidades de fala que têm um idioma em comum. A asserção de Aguilera *et al.* (2021) pressupõe que uma língua (tome-se, por exemplo, a língua portuguesa) manifesta-se, na dinâmica do uso espontâneo, de maneiras variadas, levando em conta os diferentes lugares ou regiões em que é utilizada como meio verbal de comunicação, e isso acontece desde sempre, independentemente do período histórico em que ela tenha surgido. Essa observação traz à pauta a existência dos dialetos — variações linguísticas de influência geográfica identificadas como constituintes de determinada língua.

Vale ressaltar que quaisquer línguas, desde que sejam vivas⁴⁴, podem conter, e normalmente contêm, diferentes dialetos na sua composição geral, assim a língua portuguesa brasileira, por exemplo, constitui-se de dialetos vários: o mineiro, o baiano, o gaúcho, o capixaba, dentre outras variações determinadas por influência regional dentro do mesmo país (o Brasil), o qual tem como idioma a mesma língua (o português). Nesse contexto, junto à Sociolinguística Variacionista (já apresentada), este trabalho traz à baila uma ciência⁴⁵ que, paralelamente, lida com o estudo dos dialetos e da variação diatópica, fenômeno linguístico que os envolve. Dito isso, discorre-se, doravante, sobre a Dialetoologia, tomando-a como aliada da Sociolinguística.

Essas duas áreas da Linguística Geral tomam como objeto de investigação algo em comum: a língua, sendo esta entendida como um instrumento de interação social constituído de variações. Assim, inevitavelmente, essas áreas se encontram, e isso de tal modo acontece que há, no âmbito científico, quem se refira a elas de maneira agregada, por exemplo o britânico Peter Trudgill (1974), que, em sua obra *Sociolinguistics: an introduction*, já mencionava uma “dialetoologia sociolinguística”.

Para melhor descrever essa relação, ressalta-se, conforme Macêdo (2018), que a Sociolinguística lida com a relação entre a língua e a sociedade. Paralelamente, está a Dialetoologia, analisando, sobretudo, a conexão entre a língua e o espaço geográfico, o que, de fato, coincide com uma categoria da Sociolinguística Laboviana: a variação diatópica, conceito anteriormente apresentado. Nesse contexto, Silva-Corvalán (1988) afirma que a Dialetoologia oferece relevantes contribuições não só para a Sociolinguística, mas também para a Linguística Geral, uma vez que as pesquisas dialetológicas possibilitam um elo entre classificações

⁴⁴ No ensino de línguas, o termo “língua viva” é utilizado para fazer referência às línguas ainda hoje usadas na comunicação diária, ou seja, são as línguas atualmente em uso, diferentemente daquelas que, a exemplo do latim, deixaram de ser faladas e utilizadas na comunicação cotidiana.

⁴⁵ Citando referências como Radtke e Thun, (1996) e THUN (1998), Sanches (2022, p. 20) explica que “Atualmente, a Dialetoologia é considerada uma ciência geral da variação linguística [...]” (Sanches, 2022, p. 20)

tradicionais de dialetos e abordagens de caráter mais sociolinguístico. Essas contribuições, sem dúvida, também acontecem por meio dos atlas linguísticos preparados por dialetólogos em diversos países, material que tem sido amplamente utilizado por sociolinguistas que dedicam seus estudos aos fenômenos linguísticos da mudança e da variação.

Lucena e Castedo (2009) explicam que o objeto de estudo da Dialetologia resume-se na investigação dos diversos dialetos da língua, considerando a relação existente entre esta e o espaço geográfico. Referindo-se ao objeto da Sociolinguística, as autoras apontam o estudo dos sistemas linguísticos em seu contexto social. A partir disso, chega-se à compreensão do porquê referir-se a elas de maneira integrada, afinal, conforme elucidam Chambers e Trudgill (1980, p.54), “Todos os dialetos são tanto regionais quanto sociais, haja vista que todos os falantes têm um contexto social, assim como uma localização regional, e em seus discursos muitas vezes se identificam não apenas como nativos ou habitantes de um lugar específico, mas também como membros de uma classe social específica, grupo etário, origem étnica ou outra característica social”.⁴⁶

Fica claro, assim, que essas duas áreas se articulam e se enredam ao tomarem como interesse aspectos comuns do sistema linguístico: o fenômeno da variação motivado pelo condicionador geográfico e a existência de dialetos na língua, considerando-se esta uma faculdade de sujeitos sociais. A Dialetologia e a Sociolinguística Variacionista, então, de tal modo se enleam que, segundo Guedes (2012, p.22),

“As contribuições da Sociolinguística fundamentaram a abordagem dada à realidade linguística urbana pelos estudos dialetológicos modernos, o que culminou no desenvolvimento de uma Dialetologia Urbana, e de um olhar multidimensional sobre os dados linguísticos tratados pela moderna Dialetologia.” (Guedes, 2012, p. 22)

Nessa mesma linha de raciocínio, Sanches (2022), ao elucidar a atuação dialetológica nos estudos científicos que tomam a língua como objeto de estudo, pontifica que

a Dialetologia não pode ser concebida como uma área autônoma, que independa de outros campos de conhecimento. Ao contrário, a Dialetologia tornou-se tão interdisciplinar quanto a Linguística, tendo em vista que, ao longo de sua história, tem desenvolvido algumas vertentes, sendo possível falar em uma Dialetologia Geral e suas ramificações. (Sanches, 2022, p. 19)

⁴⁶ CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 45. *All dialects are both regional and social. All speakers have a social background as well as a regional location, and in their speech they often identify themselves not only as natives or inhabitants of a particular place but also as members of a particular social class, age group, ethnic background, or other social characteristic.*

Essa explicação corrobora o termo “Dialetologia sociolinguística”, então utilizado por Trudgill (1974), e valida a perspectiva de esses subcampos da linguística se complementarem no estudo das variações, oferecendo compreensões valiosas sobre a complexa relação existente entre a língua, o espaço geográfico e a sociedade. Diante dessas considerações e da interseção entre os referidos campos de estudo da língua, ressalta-se que a presente pesquisa valoriza a convergência entre a Sociolinguística Variacionista e a Dialetologia, no que diz respeito à análise do uso regional da língua e seu estudo no contexto coletivo, ou seja, social.

Dentro desse contexto, deve-se levar em conta que

A natureza da inserção do falante na comunidade em que se encontra instalado, o seu perfil sociocultural e as características biossociais que o individualizam — sexo, faixa etária, escolaridade, grau de integração social, entre outros — findam por atribuir-lhe características linguísticas cuja explicação se localiza para além das diferenças geográfico-espaciais. (Aguilera, 2021, p. 288)

Dito isso, assume-se a perspectiva de que a Sociolinguística e a Dialetologia complementam-se e são igualmente relevantes para este estudo na medida em que oferecem suporte teórico-científico para que se possa explorar a língua — neste caso, o português brasileiro —, tendo em conta a sua vasta diversidade variacional, aspecto que a torna rica; mas, ao mesmo tempo, complexa.

Para adentrar mais profundamente no campo da Dialetologia, é interessante esclarecer que os primeiros estudos de cunho dialetológico ocorreram, de acordo com Cardoso (2001), no século XIX, momento em que, conforme a autora explica,

a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua [...] (Cardoso, 2001, p. 26).

Tratando do contexto internacional, Fouquet (2013) acrescenta que, nesse período, as pesquisas realizadas limitaram-se ao campo da fonética e ao da linguística histórica, mas ressalta que, no século seguinte (XXI), o interesse por essa área se expandiu, de modo que novos estudos foram desenvolvidos pelos continentes europeu e americano, destacando-se “mais recentemente a publicação do atlas linguístico do inglês americano de W. Labov, S. Ash e C. Boberg, intitulado *The Atlas of North American English: Phonetics, phonology and sound change*”. (Fouquet, 2013, p. 23)

Em relação ao âmbito nacional, Fouquet (2013) esclarece que os estudos pioneiros em Dialectologia partiram do filólogo Amadeu Amaral, seguido do linguista e lexicógrafo Antenor Nascentes, os quais, respectivamente, publicaram os livros “Dialeto caipira”, de 1920, e “O linguajar carioca”, de 1922.

Os supracitados estudos, sem dúvida, foram cruciais para o desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas no Brasil, pois abriram margem para o tratamento das variedades linguísticas regionais do país, propondo a compreensão das variações, bem como a valorização destas. A autora acrescenta, ainda, que adveio de Antenor Nascentes “o primeiro projeto para elaboração do mapa dialetal do Brasil: Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil em 1958 e 1961.” (Fouquet, 2013, p. 23). A partir dessa proposta, foram surgindo estudos empenhados na identificação e no mapeamento das diversas formas de falar a língua portuguesa em cada região do país, o que continuamente vem contribuindo para a preservação e a divulgação da diversidade linguística do Brasil.

Sanches (2022) ressalta que, no Brasil, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

desde o ano de 1996 tem contribuído com a formação de novos pesquisadores na área da Dialectologia, trazendo um vasto campo de conhecimento científico sobre o Português Brasileiro em seus diversos níveis: lexical, semântico, fonológico, fonético, morfológico, sintático, discursivo e pragmático. (Sanches, 2022, p. 19)

Nesse ponto, vale lembrar que os diversos estudos dialetológicos e sociolinguísticos desenvolvidos desde então têm influenciado políticas públicas direcionadas ao ensino e à valorização das variedades dialetais, de maneira a combater preconceitos linguísticos ao passo que busca garantir o respeito e a valorização da pluralidade linguística brasileira, afinal “não faz qualquer sentido supor que um dialeto seja de alguma forma linguisticamente superior a qualquer outro.” (Chambers e Trudgill, 1998, p. 3)⁴⁷

Nesta pesquisa, o suporte teórico para a abordagem da Dialectologia parte de publicações estrangeiras e nacionais, relacionadas aos estudos sociolinguísticos e dialetológicos, o que suscita a menção de autores, como Trudgill (1974), Chambers e Trudgill (1980), Trudgill (1983), Silva-Corvalán (1988), Cardoso (2001), Caravedo (2004), Lucena e Castedo (2009), etc.

Relativamente à Dialectologia, Sanches (2022) esclarece:

Hoje é possível falar em uma Dialectologia Geral (DG) que engloba várias vertentes, isto é, dentro do escopo da DG pode-se mencionar a Dialectologia Medieval/Filológica, a Dialectologia Estrutural, a Dialectologia Gerativa, a Dialectologia Social, a

⁴⁷ CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 3. [...] *it makes no sense to suppose that any dialect is somehow linguistically superior to any other.*

Dialetologia Perceptual, a Dialetologia Contatual e a Dialetologia Computacional. No Brasil, com base nos trabalhos geolinguísticos desenvolvidos nos últimos 20 anos, a Dialetologia Social é a mais aplicada; no entanto, percebe-se o aumento gradativo de pesquisas voltadas para a Dialetologia Contatual, sustentadas pelo modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional.” (Sanchez, 2022, p. 16)

Como se percebe, vasto é o campo de estudo da Dialetologia, porém a proposta desta pesquisa enfoca justamente aquilo que, como já dito, Trudgill (1974) chamou de “Dialetologia sociolinguística”. Nesse sentido, apoia-se também nas concepções de Caravedo (2004), segundo o qual os conceitos **tradicionais** da dialetologia e da sociolinguística devem ser repensados, de modo a incorporar **adequadamente** o espaço nas análises linguísticas, afinal considerar o fator geográfico em suas diferentes dimensões enriquece a compreensão da relação entre linguagem, espaço e variação da língua.

Depreende-se, a partir das ponderações e teorias até então apresentadas nesta seção, que, ao estabelecer uma conexão entre a Dialetologia e a Sociolinguística, é possível obter uma perspectiva mais abrangente e profunda da variação linguística, visto que os parâmetros sociolinguísticos auxiliam na seleção adequada dos informantes, considerando aspectos como origem geográfica e sociocultural, aspectos essenciais para uma análise representativa. Por isso, com o uso conjunto dessas abordagens, é possível estudar, de forma mais precisa e completa, a diversidade linguística presente em diferentes comunidades e regiões. Nesse aspecto, a presente pesquisa investiga as variações diatópica e diastrática na fala de habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, os quais, devido ao processo de migração, são também habitantes da referida urbe.

Nessa abordagem, além do condicionador “localização regional” dos utentes da língua, considera-se também a possibilidade de identificar, na análise dos dados coletados no *corpus*, outros fatores determinantes de variação na linguagem dos informantes, como os condicionadores “sexo/gênero”, “faixa etária” e quiçá até “rede social” de interação desses sujeitos. Dito isso, para além da variação diatópica, assume-se a necessidade de, no processo de análise, atentar-se à possível coexistência de variáveis que venham a suscitar, por exemplo, a variação diagenérica (especificamente relacionada ao gênero sexual do informante), a variação diageracional (relacionada à faixa etária) e/ou a variação diastrática (relacionada a questões socioculturais, por exemplo escolaridade e profissão).

Findada, portanto, a etapa do arcabouço teórico que fundamenta este trabalho, parte-se para o capítulo 4, o qual se dedica à descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na realização deste estudo, conforme regem as convenções das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se as práticas metodológicas utilizadas no desenvolvimento desta pesquisa sociolinguístico-dialetológica. Discorre-se também sobre a hipótese levantada em torno do tema e sobre a comunidade cujo falar espontâneo desperta o interesse deste estudo, a saber: os habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros. Ademais, disserta-se sobre o método utilizado para estabelecer o contato necessário com os indivíduos que atuam como colaboradores deste trabalho, na condição de sujeitos cujo léxico empregado no falar espontâneo é investigado. Trata-se, além disso, dos critérios e meios utilizados para coletar os dados necessários à composição do *corpus* desta pesquisa e, posteriormente, realiza-se a análise qualiquantitativa dos dados, buscando compreender os resultados deste estudo.

Dessa maneira, o presente capítulo organiza-se em cinco seções, que se apresentam nesta sequência: seção 3.1 A escolha do tema, a hipótese e a familiarização com teóricos e publicações existentes; seção 3.2 A seleção dos informantes e os métodos de contato com os participantes da pesquisa; seção 3.3 A escolha do léxico como mostra de variação; seção 3.4 As fichas de identificação dos informantes; 3.5 Os métodos de coleta de dados; seção 3.6 A análise dos dados; e, por último, seção 3.7 O tipo de pesquisa e os preceitos éticos.

3.1 A escolha do tema, a hipótese e a familiarização com teóricos e publicações existentes

O presente estudo, conforme já se expôs no introito deste trabalho, optou por realizar a pesquisa na cidade de Teixeira de Freitas/BA, visto tratar-se de um município constituído por uma população de naturalidade diversificada, entre a qual encontram-se mineiros que, há anos, migraram-se para a localidade, trazendo seus filhos ainda pequenos ou tiveram a prole após estabelecerem residência no município. Nesse contexto, levanta-se a hipótese de que o fator migratório de Minas Gerais para a Bahia, bem como o contato frequente desses migrantes com pessoas nativas do referido município possam influenciar a linguagem dos indivíduos que, ainda na infância, chegaram a Teixeira de Freitas e ali se estabeleceram com seus genitores mineiros ou que ali nasceram quando esses mineiros já haviam fixado moradia no município.

Investiga-se, a partir disso, o fenômeno da variação linguística, explorando o léxico no uso cotidiano que esses moradores de Teixeira de Freitas filhos de mineiros fazem da língua. Nesse aspecto, interessa a esta pesquisa justamente aqueles indivíduos cujos genitores (mãe ou pai, ou ambos) sejam originários do estado de Minas Gerais e lá tenham vivido por anos. Em síntese, portanto, o estudo toma como foco o falar dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros.

Além disso, é importante esclarecer que o interesse pelo *locus* da pesquisa parte também do fato de a pesquisadora e seu cônjuge enquadrarem-se nesse histórico de mineiros que outrora — em razão de trabalho — migraram para Teixeira de Freitas, onde estabeleceram moradia fixa e, ao longo dos anos, foram tomando conhecimento de outros habitantes de Teixeira, igualmente migrantes e originários de diferentes cidades do estado de Minas Gerais: Abaeté, Belo Horizonte, Biquinhas, Bom Despacho, Carrancas, Curvelo, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga, Itaúna, Três Marias, etc.

Antes de adentrar no detalhamento dos critérios metodológicos que delineiam este trabalho, faz-se necessário esclarecer que, para a realização de uma pesquisa séria e, portanto, comprometida com resultados verdadeiros, seguros e éticos, é preciso seguir normas formalmente preestabelecidas para esse fim. Dessa maneira, os métodos sobre os quais aqui se fala provêm de embasamentos obtidos por meio de leituras focadas em teorias já aprovadas no âmbito acadêmico-científico, neste caso, direcionados ao contexto dos estudos linguísticos.

O primeiro passo para a realização da pesquisa parte do levantamento de dados por meio de leitura e coleta de informações prévias sobre os estudos linguísticos, mais especificamente, neste caso, relacionados aos campos da linguística que fornecem fundamentos teórico-científicos para este estudo: a Sociolinguística e a Dialectologia, as quais, como já foi explicado, complementam-se no sentido de assumirem uma posição que enxerga a língua como um sistema heterogêneo sujeito a condicionadores determinantes de variações. Assim, conforme Silva-Corvalán (1988), essas disciplinas de tal modo se aproximam que podem, até certo ponto, ser tomadas como sinônimas, uma vez que “ambas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos.” (Silva-Corvalán, 1988, p. 8)⁴⁸

⁴⁸ SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística**: Teoria y análisis. Madri: Alhambra, 1988, p. 8. *Sociolingüística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas em cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso linguístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos linguísticos y ciertos grupos de individuos.*

Dito isso, o suporte teórico sustenta-se na literatura de autores importantes nesses domínios, sendo o principal deles o linguista estadunidense William Labov, cujos estudos garantiram-lhe a reputação de “fundador da Sociolinguística Variacionista”. Além dos estudos de Labov, publicações de outros linguistas estrangeiros são relevantes no desenvolvimento deste trabalho, como o inglês Peter Trudgill e a chilena Carmen Silva-Corvalán. Apóia-se também em pesquisas publicadas na esfera acadêmica nacional, no tocante a essa área dos estudos linguísticos, a partir de pesquisadores, como Suzana Alice Cardoso, Maria Cecília Mollica, Izete Lehmkuhl Coelho, etc.

Do mesmo modo, contribuem para o embasamento conceitual e investigativo desta dissertação trabalhos desenvolvidos a partir de uma relação analítica entre a Sociolinguística e a Dialetologia, todos com enfoque na dinâmica da variação linguística. Assim, a leitura de artigos, dissertações e teses já publicadas no âmbito acadêmico, com direcionamento aos interesses da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia fornecem respaldo para o desenvolvimento e a consumação deste trabalho. Dessa maneira, é executada a etapa que Paiva (2019) define como pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, cujo objetivo possibilitar o contato do(a) pesquisador(a) com

“estudos já publicados em livros e artigos acadêmicos, além de informações encontradas em relatórios, *podcasts*, páginas na *web*, *blogs*, vídeos, bancos de dados, apresentações digitais, gravações de palestras, folhetos etc. Mas ela vai além da mera busca de informações e não é uma simples compilação dos resultados dessas buscas. Apesar de não trazer nenhum conhecimento novo, o pesquisador deve resumir essas informações, avaliando-as, relacionando-as de forma coesa e crítica, adicionando explicações, sempre que necessário.” (Paiva, 2019, p. 60).

Em suma, infere-se, que a pesquisa de fontes secundárias fornece ao pesquisador(a) da linguagem um contexto teórico abrangente, permitindo a análise crítica de estudos anteriores ao seu e a identificação de lacunas na literatura. Além disso, ela ajuda a fundamentar hipóteses e a desenvolver metodologias adequadas, enriquecendo a interpretação dos dados coletados. A consulta a obras de referência, portanto, contribui para a construção de um referencial teórico sólido, essencial para a validade da pesquisa.

O próximo item trata da seleção dos informantes e da estratégia utilizada para angariar pessoas cujos perfis correspondessem aos critérios estabelecidos no projeto de pesquisa e que consentissem em participar das entrevistas, colaborando com a realização deste estudo.

3.2 A seleção dos informantes e o método de contato com os participantes da pesquisa

Relativamente à seleção dos informantes — aqui também chamados de inquiridos ou participantes da pesquisa —, cabe ressaltar, antes de tudo, a relevância de se ter “consciência de que uma pesquisa não consegue englobar todos os falantes de uma comunidade. Assim, o que se obtém é uma amostra representativa da fala dessa comunidade.” (Santos, 2010, p. 50).

Levando em consideração que se trata de uma pesquisa em Sociolinguística Variacionista, emprega-se o método aleatório estratificado, visto que, a partir deste, segundo Santos (2009), é possível dividir a população de estudo em subgrupos (ou células), por exemplo, de quatro pessoas cada um, tomando como critério para o cumprimento dessa etapa características como faixa etária, de modo a discriminar jovens e adultos, bem como filhos e genitores. Outros critérios serão a origem parental — de maneira a separar filhos de genitores mineiros dos filhos de genitores baianos — e o sexo dos informantes, de modo a discriminar homens e mulheres. O método aleatório estratificado, como se nota, permite a separação dos participantes da pesquisa em grupos cujos membros tenham as mesmas características, fator que favorece a pesquisa no sentido de endossar uma representação mais exata da linguagem desses estratos.

Nesse aspecto, 20 (vinte) indivíduos são selecionados a participar deste estudo sociolinguístico-dialetológico, sendo os critérios organizados desta maneira: 08 (oito) habitantes de Teixeira de Freitas (teixeirenses ou mineiros residentes em Teixeira de Freitas desde a primeira ou a segunda infância), filhos de indivíduos naturais do estado de Minas Gerais, sendo ou o pai, ou a mãe, ou ambos mineiros, com 10 ou mais anos de vida em Teixeira. Esses 08 (oito) informantes são maiores de idade, apresentando uma faixa etária entre 23 e 38 anos, sendo 04 (quatro) do sexo masculino, e 04 (quatro) do sexo feminino. Esses oito indivíduos constituem a célula principal da pesquisa, logo o enfoque do estudo converge para a linguagem deles.

Os genitores (pai, mãe ou ambos) desses indivíduos também participam do estudo, somando, do mesmo modo, um total de 08 (oito) genitores, um para cada informante que compõe os grupos anteriormente citados, ou seja, o grupo de filhos de sexo masculino e o de sexo feminino. O sexo dos genitores não importa, uma vez que o enfoque desta pesquisa recai sobre a fala dos filhos deles, não sobre a deles. Além disso, a fala dos genitores, independentemente do sexo do falante, é tomada, neste estudo, como um parâmetro do falar mineiro. Por isso, tanto uma mãe de origem mineira quanto um pai mineiro atendem ao

propósito da pesquisa. Acredita-se que a colaboração dos genitores na entrevista possa contribuir para que se consiga avaliar a influência ou não linguística deles sobre a fala dos filhos. Diante disso, esses sujeitos constituem a célula secundária da pesquisa.

Os 08 (oito) filhos de mineiros compõem, neste estudo, o grupo principal de informantes, cuja linguagem verbal cotidiana será estudada sob critérios de identificação e exploração semântico-lexical de evidências variacionistas no que tange aos fatores relacionados à variação diatópica. Além disso, caso se identifiquem fortes indicadores de influência relacionada aos critérios de seleção dos informantes — os condicionadores sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade — sobre o léxico desses indivíduos, também serão abordadas, na análise, as variações diagenérica, diageracional e diastrática. O nível de escolaridade não foi um critério utilizado para a seleção dos informantes; todavia, todos eles declaram ter curso superior completo ou estarem cursando uma graduação.

O critério principal para a seleção desses sujeitos foi: ter genitores (ou pai, ou mãe; ou ambos) de origem mineira, estando residentes em Teixeira de Freitas há 10 ou mais anos, isso para que se possa analisar melhor se a linguagem dos informantes principais tende a apresentar, mais expressivamente, influências internas — ou seja, provenientes da fala de seus pais —, ou influências externas, advindas do contato que esses indivíduos têm com redes sociais extrínsecas ao núcleo familiar, ou seja, influências procedentes do contato desses sujeitos com a sociedade local, tendo como parâmetro a população baiana nativa de Teixeira de Freitas ou das cidades circunvizinhas, cujos genitores sejam também nativos da Bahia.

Os informantes procedentes de mineiros ou são naturais de Teixeira de Freitas (bairanos teixeirenses) ou são mineiros residentes em Teixeira desde, no máximo, até os 6 anos (idade em que termina a segunda infância). A faixa etária máxima de 6 anos quanto à idade em que passaram a residir em Teixeira de Freitas, no caso dos informantes principais nascidos em Minas Gerais, tem relação com o período em que a criança ainda não desenvolveu plenamente seu repertório lexical, portanto a seleção desses sujeitos não comprometeria os resultados da pesquisa.

Na condição de grupo de controle, participam da pesquisa 02 (dois) informantes bairanos, com idade entre 28 e 38 anos, nascidos e residentes em Teixeira de Freitas ou nos municípios vizinhos (um de sexo masculino, e outro de sexo feminino) e seus pais, desta vez, também bairanos, mas não necessariamente nativos de Teixeira. Neste caso, os genitores são 02 (dois), um para cada filho — ou pai, ou mãe. Em geral, esses quatro indivíduos participam da pesquisa sob o propósito de que se possa analisar, com mais precisão, a partir do método

comparativo, a presença ou não da variante linguística dos genitores na fala dos informantes filhos de mineiros, integrantes da célula principal.

A aproximação e o contato da pesquisadora com essas pessoas ocorreram principalmente a partir de indicações de terceiros (colegas de trabalho, amigos, conhecidos); porém, a participação de alguns informantes, estes em menor número, decorreram de encontros e conversas eventuais nas ruas e em estabelecimentos comerciais. A partir do conjunto de indivíduos então selecionados, este trabalho, em primeiro lugar, explora linguisticamente esses sujeitos para, posteriormente, realizar uma descrição sociolinguístico-dialetológica dos habitantes de Teixeira descendentes de migrantes mineiros, buscando reconhecer na linguagem desses falantes evidências linguísticas locais ou de influências não locais — mineiras neste último caso —, o que se propõe a observar, especialmente, nas lexias de uso habitual por parte desses indivíduos, em aspecto semântico-lexical.

O item a seguir discorrerá sobre o léxico, elemento que se optou investigar nesta pesquisa sociolinguístico-dialetológica.

3.3 A escolha do léxico como mostra de variação

Como já apresentado no capítulo teórico deste trabalho, a variação linguística pode ocorrer em nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical e/ou semântico. Esta pesquisa opta pela análise do léxico como mostra de variação, sendo essa escolha motivada pela experiência de vida da pesquisadora, que, sendo natural do estado de Minas Gerais e tendo vivido a maior parte de sua vida no referido estado, migrou para Teixeira de Freitas no ano de 2013, junto a seu cônjuge. Já no primeiro ano como habitante de Teixeira, o contato cotidiano com moradores da cidade despertou, na pesquisadora, a percepção da variação linguística e a curiosidade quanto à presença de algumas lexias diferentes do modo mineiro de falar. Essa experiência instigou o interesse pelo fenômeno da variação da linguagem, especialmente a diatópica.

Na condição de docente, ministrando aulas de Língua Portuguesa em algumas instituições de ensino situadas em Teixeira de Freitas, a pesquisadora, ao longo dos anos, ouvindo as pessoas da comunidade se comunicarem, cuidou de coletar e registrar — no bloco de notas de seu aparelho de celular — lexias e expressões lexicais de que tomava conhecimento, sendo elas características da região. Já se tinha em mente a utilização dessas lexias para um

estudo da linguagem local, todavia esse plano foi adiado por alguns anos, até que a realização do mestrado em Estudos Linguísticos proporcionou a oportunidade de executar a pesquisa.

Assim sendo, das lexias aleatoriamente coletadas da fala cotidiana de moradores de Teixeira de Freitas ao longo de 11 anos de vivência nesse município baiano, optou-se por selecionar aquelas que parecem mais recorrentes, apresentando, a seguir, uma lista de 30 dessas lexias (ou expressões lexicais). Os referentes (significados) dessas lexias — destaca-se, assim, o aspecto semântico — foram utilizados na elaboração das questões que compõem o questionário semântico-lexical (QSL) aplicado aos participantes deste estudo sociolinguístico-dialetológico.

Quadro 4 - Lexias e expressões lexicais extraídas de falas espontâneas de teixeirenses e seus significados.

| LEXIAS COLETADAS | REFERENTE (SIGNIFICADO) ⁴⁹ |
|---------------------------------|--|
| 1. Malino | Travesso |
| 2. Franbacon | Filé de frango enrolado em uma fatia de bacon |
| 3. Geladinho | Suco de frutas, iogurte ou achocolatado congelado em saquinho |
| 4. Mungunzá | Doce de milho cozido ao leite, prato típico das Festas Juninas |
| 5. Farda | Roupa usada por funcionários de uma empresa, por alunos de uma escola ou por pessoas que fazem parte de uma categoria |
| 6. Muriçoca | Mosquito da família dos culicídeos, carapanã |
| 7. Estojo, pochete | Porta-lápis com zíper, item de papelaria |
| 8. Misericórdia! / Vixe! / Ôxe! | Interjeições normalmente utilizadas para expressar espanto, intensidade |
| 9. Futucar | Ação de mexer em alguma coisa, procurando algo ou buscando aprender o funcionamento de algo |
| 10. Formiga voadora | Cupins com asas, inseto que, após a chuva em dias quentes, cria asas e voa em busca de luz, depois perde as asas e busca lugares para procriar |
| 11. Biba | Lagartixa-doméstica-tropical (réptil) |
| 12. Mainha | Genitora, mulher em relação aos seus filhos |
| 13. Painho | Genitor, pai em relação aos seus filhos |
| 14. Pocar | Ação de estourar, quebrar ou estragar algo |
| 15. Montanha | Terreno acidentado com fortes desníveis e picos |
| 16. Bananinha | Biscoito de polvilho doce frito |
| 17. Casaco, capote | Agasalho |
| 18. Mão fechada | Pessoa que não gosta de gastar dinheiro |
| 19. Colocar | Ação de inserir algo; fazer com que algo entre... |
| 20. Tomar banho de mar | Ação de entrar no mar e se molhar nas águas dele |
| 21. Horas de relógio | Horas |
| 22. Porra | Gíria utilizada para se referir a várias coisas ou coisa qualquer |
| 23. Brega | Local de prostituição. |
| 24. Ir pro baba | Ação de jogar futebol |
| 25. Comer água | Tomar (ingerir) bebida alcoólica |
| 26. Meleca | Secreção viscosa que escorre das pálpebras |
| 27. Revisão | Retorno à consulta médica |
| 28. Taruíra | Réptil de quatro patas e um rabo, comum em regiões de clima quente e seco. |
| 29. Banca | Aula individualizada em que um professor particular ensina os conteúdos escolares ou ajuda a compreendê-los. |
| 30. Bora lá! | Ir a um lugar qualquer. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

⁴⁹ As acepções apresentadas foram elaboradas com o auxílio do seguinte dicionário on-line: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 5 mar. 2024.

Essas foram as lexias que, inicialmente, chamaram a atenção da pesquisadora para o modo de falar dos teixeirenses. Como são variantes correspondentes a outras empregadas por falantes mineiros, elas serviram aqui como um ponto de partida para a observação.

Numa cidade habitada por pessoas de diferentes origens regionais, como é o caso de Teixeira de Freitas, a tarefa de identificar variantes tipicamente presentes na fala da população nativa é tarefa complexa, o que exigiu da pesquisadora o conhecimento da origem geográfica das pessoas que fazem uso das lexias apresentadas no quadro. Esse cuidado foi crucial para o registro das variantes e a associação destas à população natural de Teixeira de Freitas ou, talvez ainda, do Extremo Sul baiano, onde a cidade se localiza.

O próximo item tratará de como foram elaboradas as fichas de identificação dos sujeitos participantes da pesquisa e os quesitos de informação contidos nessas fichas.

3.4 As fichas de identificação dos informantes

Para a realização de uma pesquisa sociolinguística, é importante que o(a) pesquisador(a) tenha o cuidado de elaborar a ficha de identificação (ou cadastramento) dos participantes do estudo. A ficha funcionará como uma ferramenta do(a) pesquisador(a); pois, além de registrar informações elementares sobre os informantes, pode contribuir também com a interpretação dos dados e possibilitar comparações, por exemplo, sobre a origem geográfica dos indivíduos envolvidos no estudo, o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a profissão exercida, as redes sociais de que fazem parte, etc. Essas informações anunciarão os condicionadores relacionados ao fenômeno da variação linguística e poderão, ainda, oferecer pistas sobre as variáveis existentes. Dessa forma, a ficha de identificação dos informantes é indispensável a um estudo como o que aqui se realiza.

Para a organização dos dados dos participantes da pesquisa, no que diz respeito às informações que interessam a este estudo, foram elaborados quatro tipos de fichas cadastrais⁵⁰, os quais foram intitulados da seguinte maneira:

⁵⁰ Nos apêndices I, II, III e IV, encontram-se, respectivamente, os quatro tipos de fichas utilizadas para o cadastramento dos informantes que integram as três células deste estudo: célula principal, célula secundária e o grupo de controle.

- Ficha cadastral – 1: utilizada nas entrevistas com os informantes da célula principal, ou seja, indivíduos residentes em Teixeira de Freitas (BA), filhos de migrantes mineiros.
- Ficha cadastral – 2: utilizada nas entrevistas com os informantes da célula secundária, ou seja, mineiros residentes em Teixeira de Freitas (BA), genitores dos informantes principais.
- Ficha cadastral – 3: utilizada nas entrevistas com os informantes do grupo de controle, teixeirenses filhos de baianos.
- Ficha cadastral – 4: utilizada nas entrevistas com os informantes do grupo de controle, baianos residentes em Teixeira de Freitas (BA), genitores de filhos nascidos e residentes em Teixeira.

Os quatro tipos de fichas são iniciados da mesma forma: encabeçados pelo número de identificação do informante, conforme a ordem em que as entrevistas eram realizadas; pela data de coleta dos dados e pela identificação do sexo do participante. A seguir, apresentam-se os itens 1, 2 e 3, que respectivamente coletam estas informações do inquirido: nome, local e data de nascimento. Nos demais itens, algumas alterações são realizadas, de acordo com o tipo de grupo a que se destinam.

Na Ficha – 1, os itens 4 e 5 tratam da naturalidade dos genitores do informante, bem como da profissão que exercem. Os itens 6 e 7 buscam informações sobre a escolaridade e a profissão do participante da pesquisa. O item 8 busca informação sobre com quem reside o informante; o 9 coleta informações sobre o cônjuge (ou companheiro(a)), caso o informante o tenha: naturalidade, escolaridade e profissão. O item 10 coleta informações sobre a prole do participante, caso haja: quantidade, idade de cada um e escolaridade destes. O item 11 requer informações sobre a existência ou não de parentes do informante em Minas Gerais. Sendo positiva a resposta, o item solicita informações sobre o município em que residem os parentes e busca informações sobre a frequência em que o informante viaja para Minas Gerais a fim de visitá-los.

Nas Fichas de números 2, 3 e 4, os itens 4 e 5 são iguais, tratando, respectivamente, da escolaridade e da profissão exercida pelo informante.

Já na Ficha – 2, os itens 6 e 7 buscam informações sobre o ano em que o inquirido migrou de Minas Gerais para a cidade baiana de Teixeira de Freitas e o cálculo de tempo de vivência no referido município. O item 8 busca informação sobre com quem reside o informante; o 9 requer informações sobre o cônjuge (ou companheiro(a)): naturalidade, escolaridade e profissão. O item 10 busca saber se a prole do participante nasceu em Teixeira

de Freitas e, caso a resposta seja negativa, busca saber quantos anos a prole tinha quando a família migrou para Teixeira. O item 11 requer informações sobre a existência ou não de parentes do informante em Minas Gérias. Sendo positiva a resposta, o item solicita informações sobre o município em que residem os parentes e busca informações sobre a frequência em que o informante viaja para Minas no intuito de visitá-los.

Na Ficha – 3, os itens 6 e 7 dizem respeito à origem geográfica dos genitores do inquirido. Na sequência, o item 8 busca informação sobre com quem o informante reside; o 9 coleta informações sobre o cônjuge (ou companheiro(a)), caso o informante o tenha: naturalidade, escolaridade e profissão. O item 10 busca saber se o inquirido tem filhos e, caso a resposta seja positiva, requer que se descreva: quantidade, idade da prole e escolaridade desta.

Na última, ou seja, na Ficha – 4, o item 6 busca saber o tempo de vivência do inquirido na cidade de Teixeira de Freitas. O item de número 7 busca informação sobre com quem mora o informante; o 8 coleta informações sobre o cônjuge do participante, a saber: naturalidade, escolaridade e profissão. O item 9 busca saber se os filhos do inquirido nasceram em Teixeira de Freitas e, caso a resposta seja negativa, requer que se diga qual era a idade dos filhos quando a família migrou para Teixeira.

Em cada tipo de ficha, os quatro itens finais — cuja numeração pode variar de ficha para ficha — buscam, respectivamente, informações sobre o endereço de residência do inquirido; o número de telefone para contato; o grau de intimidade do informante com a inquiridora; e, como encerramento, oferece espaço para que, se conveniente for, outras informações sejam registradas sobre o informante.

A elaboração dessas fichas foi inspirada em um modelo de ficha cadastral apresentado na dissertação de Nascimento (2017, p. 124-126). Os itens, no entanto, foram adaptados ao propósito deste estudo e aos critérios de seleção dos informantes em quatro grupos, por isso foram criados quatro tipos de fichas, sendo cada uma adequada a cada grupo de indivíduos que participam desta pesquisa.

A seguir, disserta-se a respeito dos métodos utilizados na coleta de dados desta pesquisa sociolinguístico-dialetológica.

3.5 Os métodos de coleta de dados

Para a coleta de dados, a técnica utilizada na pesquisa é a entrevista semiestruturada, na medida em que esta — consoante Gerhardt e Silveira (2009, p.72) — permite ao(à) pesquisador(a) fazer um roteiro no qual se organiza um conjunto de questões acerca daquilo que se pretende investigar, possibilitando — e, às vezes, até incentivando — que o sujeito entrevistado fale livremente sobre assuntos que possam surgir como desenvolvimento do assunto central.

A elaboração de um roteiro, neste caso, é adequada, porque, por meio dele, o(a) pesquisador(a) tem a oportunidade de recolher dados dos informantes sob um escopo único, de modo que esses dados, posteriormente, possam ser analisados sob um olhar comparativo, atento a evidências que apontem a presença de singularidades linguísticas na fala dos participantes da pesquisa.

Para o cumprimento desta etapa, de modo prévio, a pesquisadora — pessoa de naturalidade mineira, porém habitante de Teixeira de Freitas há 11 anos — elencou, a partir de sua cultura linguística de origem (mineira com 32 anos vividos em Minas Gerais) e de observações acerca da variedade linguística com a qual tem contato em Teixeira de Freitas, algumas lexias e expressões lexicais notavelmente presentes na fala dos habitantes teixeirenses. Essas lexias foram observadas ao longo dos 11 anos vividos em Teixeira de Freitas pela pesquisadora e por seu cônjuge, também mineiro. Trata-se de uma variedade linguística que, durante todos esses anos, chamaram a atenção do casal devido à presença de diferentes lexias utilizadas pela comunidade local ao fazer certas caracterizações, ao referir-se a certas coisas e ações, bem como ao expressar sentimentos de espanto, de surpresa ou de admiração, por exemplo.

O ponto de partida, então, foi criar um bloco de notas no aparelho de celular onde eram registradas as lexias e as expressões lexicais ouvidas em conversas informais com habitantes teixeirenses, sendo elas diferentes daquelas habitualmente utilizadas por falantes da região de origem do referido casal mineiro, ou seja, falantes da mesorregião Central Mineira, de Minas Gerais. Alguns dos termos anotados durante essa fase são: *vixe, ôxe, porra, comendo esses coentros, comer água, malino, baba, revisão, pé de árvore, farda, capote, biba, taruíra, mainha, painho, brega, bora lá, futucar, pocar, fazer banca, enrabar, pocã, bananinha, aipim, polenta, chipa, chimango, mungunzá, brasinha, geladinho, franbacon, etc.*

Algumas dessas lexias, à primeira vista, podem não parecer diferentes, mas foram registradas porque, na comunidade local, são utilizadas com acepções diferentes daquelas que são comuns aos falantes da Central Mineira ou até de outras regiões do Brasil. Exemplo disso são as lexias (1) *brega*, (2) *baba*, (3) *revisão* e (4) *banca* (ou *fazer banca*), as quais, em Teixeira de Freitas (BA), são empregadas, respectivamente, no sentido de: (1) lugar onde se encontram as prostitutas, (2) futebol, (3) retorno a uma consulta médica e (3) reforço escolar.

O próximo passo foi buscar 8 (oito) pessoas adultas (homens e/ou mulheres), originárias do estado de Minas Gerais residentes em Teixeira de Freitas (BA), as quais concordassem em participar desta pesquisa na condição de informantes. Esses indivíduos, para atender ao principal objetivo deste estudo sociolinguístico-dialetológico, deveriam ter prole maior de idade, também habitante de Teixeira de Freitas. Encontrados os informantes, foi realizado um momento de diálogo (entrevista informal) com essas pessoas, em suas próprias residências ou por meio de videochamada via *WhatsApp*, conforme a preferência de cada uma.

Certamente, por se tratar de uma pesquisa sociolinguística — ciência que se incumbe da observação da linguagem e da fala de modo espontâneo no cotidiano —, um cuidado muito especial foi dedicado à execução dessa tarefa para que a fala dos colaboradores não fosse artificial, o que normalmente ocorre quando o falante, por ocasião das circunstâncias, fica preocupado em monitorar a própria fala. (Santos, 2010).

Nesse sentido, foi necessário que, previamente, a pesquisadora tomasse conhecimento das dificuldades que poderiam envolver essa etapa do trabalho, conforme observação realizada por Santos (2010, p. 51):

Captar uma fala natural é um dos maiores desafios encontrados por um sociolinguista, uma vez que este faz uso de recursos tecnológicos como o gravador. Sabemos que a utilização desse equipamento inibe de imediato o entrevistado, que passa a se preocupar mais com a sua fala, tentando evitar os chamados “erros”. Essa inibição pode também fazer com que o entrevistado fale pouco.

Vale salientar, nesse momento, que a entrevista sociolinguística é um processo em que o(a) pesquisador(a) depara-se com um dilema muito comum nos estudos sociolinguísticos: o “paradoxo do observador”. Essa expressão surgiu diante do antagonismo que se desenvolve entre o propósito de observação da fala e da linguagem na concepção teórica da Sociolinguística e a necessidade de os(as) pesquisadores(as), na etapa de coleta dos dados, muitas vezes terem de lidar com situações de contato com os informantes de maneira adversa daquela defendida pela perspectiva sociolinguística. Em outras palavras, esse paradoxo advém da relação complexa entre estas circunstâncias:

[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; mas só podemos obter esses dados através da observação sistemática. Labov apresenta uma proposta para tentar neutralizar esse paradoxo [...]. (Coelho *et al.*, 2012, p. 116).

Visando a reduzir os obstáculos desse processo, portanto, cumpriu-se a necessidade de seguir a teoria laboviana no que diz respeito à realização de gravação das entrevistas para que se conseguisse, de maneira menos influente possível, coletar os dados necessários por meio da fala dos informantes, criando esforços no intuito de que estes se sentissem à vontade perante a pesquisadora e o aparelho de gravação. Em outros termos, foi crucial que os inquiridos se sentissem tranquilos para se expressar verbal e oralmente durante a entrevista (Coelho *et al.*, 2012).

Desse modo, para que se conseguisse executar a pesquisa dentro dos propósitos da Sociolinguística Laboviana e de sorte a alcançar resultados fidedignos à realidade linguística dos falantes no cotidiano, requisitou-se, de antemão e de maneira descontraída, que cada informante relatasse, de modo espontâneo, como conheceu a cidade de Teixeira de Freitas, a motivação e a história de sua migração para o município, seu processo de adaptação e sua experiência de vida ali. A conversa seguia naturalmente até que, de forma conduzida, chegava-se à temática da linguagem, ponto do diálogo em que se pretendia averiguar se o informante mineiro conseguia identificar variantes linguísticas das quais tivesse tomado conhecimento naquela comunidade baiana da qual passara a fazer parte.

Esse momento de exposição das memórias de suas vidas e dos fatos ocorridos consigo foi importante para que os informantes não focassem a atenção nas próprias falas e, de tal maneira, deixassem o vernáculo fluir naturalmente. (Coelho *et al.*, 2012).

O diálogo com cada informante teve duração de 40 a 60 minutos, feito de maneira descontraída e, portanto, informal. As conversas foram gravadas por meio de gravador de áudio de celular⁵¹, o qual precedentemente, havia sido testado, no intuito de que se evitassem quaisquer prejuízos à coleta dos dados. Como o foco deste estudo é semântico-lexical, e não fonético-fonológico, o referido aparelho foi suficientemente eficiente para realizar o trabalho, conforme o esperado. Essa fase da pesquisa foi importante para coletar variantes linguísticas da comunidade baiana teixeirense percebidas pelos informantes mineiros residentes na localidade e para corroborar ou não a percepção da pesquisadora sobre as variantes por ela previamente registradas.

⁵¹ O aparelho de celular utilizado foi um Samsung Galaxy S24-Ultra, com “Assistente de Transcrição”, recurso que possibilita gravar um discurso e, a partir da gravação, criar transcrições de áudio.

Com as gravações finalizadas, dedicou-se um momento para a escuta criteriosa dos áudios e o registro de lexias apontadas como variantes baianas teixeirenses, na perspectiva dos mineiros entrevistados. Muitos desses termos e expressões lexicais condiziam com aqueles registrados previamente pela pesquisadora. O próximo passo, então, foi criar — a partir desses dados — um questionário semântico-lexical (QSL), por meio do qual se investigaria se a linguagem dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros é influenciada pela variedade linguística da comunidade local (teixeirense) ou pela variedade linguística de seus pais mineiros.

A princípio, foram elaboradas aproximadamente 30 (trinta) questões relacionadas aos dados obtidos por meio dos diálogos e igualmente relacionados ao que se pretendia investigar por meio da fala dos informantes principais: habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros também residentes nesse município baiano. Todavia, para evitar que ficasse elevada a quantidade de itens a serem interpretados e descritos na análise, bem como para que o presente estudo não se estendesse para além de 200 páginas, optou-se por reduzir o número de questões e, portanto, de variantes examinadas. Assim, o QSL que, inicialmente, continha de 30 questões com duas ou três subperguntas cada item passou a conter 10 questões, mantendo-se as subperguntas relacionadas a estas.

O encontro com os informantes e a execução das entrevistas foram realizados em duas etapas: a primeira, conforme já se expôs, foi uma entrevista piloto por meio da qual se realizou um levantamento prévio de variantes linguísticas características da comunidade teixeirense percebidas por mineiros que residem em Teixeira de Freitas. Já a segunda foi realizada por intermédio de um QSL cujas questões haviam sido elaboradas a partir de lexias sinalizadas pelos informantes da entrevista piloto. Esta última etapa dedicou-se à coleta de dados para análise e foi aplicada a indivíduos sob a seguinte estratificação: (1) habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, (2) mineiros residentes em Teixeira de Freitas (os genitores do estrato anterior), (3) habitantes de Teixeira de Freitas filhos de baianos igualmente residentes no município, (4) baianos residentes em Teixeira de Freitas (os genitores do estrato anterior). Os estratos 3 e 4 compõem o grupo de controle.

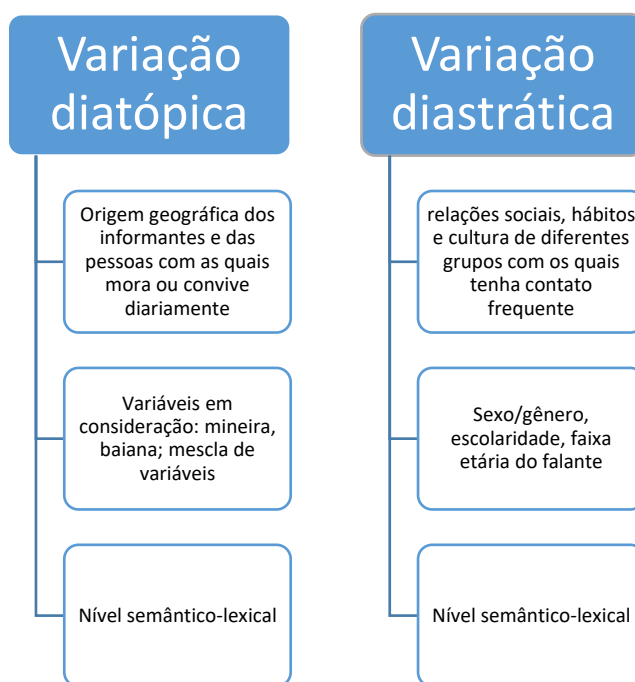
A função do grupo de controle, neste estudo, é fornecer a possibilidade de se estabelecer uma comparação entre o modo de falar dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros e o falar de seus genitores mineiros com a variedade linguística dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de baianos igualmente residentes nesse município. Além disso, o grupo de controle pode contribuir para que se chegue à validação dos resultados com o grupo experimental. A estratégia metodológica de comparação, numa pesquisa sociolinguística, é

importante porque permite ao(à) pesquisador(a) analisar os efeitos de variáveis específicas sobre o fenômeno linguístico estudado, neste caso a variação diatópica semântico-lexical e, possivelmente, a variação diastrática.

A existência de um grupo de controle pode colaborar também para validar a hipótese levantada na pesquisa e favorecer a precisão dos resultados da análise. Neste estudo, se forem significativas as diferenças linguísticas observadas entre os grupos experimental e de controle, esse paralelo poderá indicar se as variáveis semântico-lexicais investigadas no modo de falar dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros são resultado da influência linguística de seus genitores ou da comunidade local.

Quanto à identificação de variantes que determinem a variação diatópica e, porventura, a variação diastrática na linguagem dos informantes principais, consideraram-se pontos específicos essenciais, como os listados na imagem abaixo:

Imagem 4 – Critérios para análise das variações diatópica e diastrática.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Na realização de todo esse processo, foram utilizados alguns instrumentos acessórios indispensáveis à proposta desta pesquisa, como bloco de anotações, folhas xerografadas nas quais constava o QSL e um aparelho celular com gravador e assistente de transcrição de voz. As entrevistas foram realizadas em espaço fechado, na residência dos próprios informantes ou, em poucos casos, por intermédio de videochamada mediante o aplicativo de celular *WhatsApp*.

A escolha do local ou meio de comunicação para a realização das entrevistas foi determinada por cada informante, conforme a preferência de cada um, e isso contribuiu para que os inquiridos se sentissem mais confortáveis para falar. Essa foi uma decisão favorável ao bom andamento da pesquisa, já que o intento da entrevista sociolinguística é coletar falas espontâneas.

No início, houve algumas dificuldades para a realização da segunda etapa de entrevistas, pois algumas pessoas que participaram da primeira etapa, posteriormente, ou seja, no momento da segunda etapa, alegaram não dispor de tempo para um encontro em que pudessem responder ao QSL, por motivo de trabalho ou de viagem. Devido a isso, essas pessoas tiveram de ser substituídas por outras que igualmente correspondessem aos critérios de estratificação. A estratégia de realizar algumas entrevistas por meio de videochamada contribuiu para que a quantidade de desistentes não fosse maior.

Concluídas as entrevistas, partiu-se para o estudo do *corpus* e coleta de dados, neste caso, mediante apuração de amostras de lexias que ilustrassem a presença de variantes linguísticas características do falar mineiro e do baiano teixeirense, examinando os traços diatópicos e linguístico-culturais dos grupos entrevistados, cuja linguagem seria, então, investigada sob uma perspectiva semântico-lexical.

A próxima seção dedica-se à análise dos dados obtidos por meio do processo aqui descrito.

3.6 A análise dos dados

Como já se expôs, para a fundamentação deste estudo e análise dos dados coletados, buscou-se apoio — por meio da técnica de pesquisa bibliográfica — no que houvesse disponível na literatura escrita (livros, artigos, periódicos, dissertações e teses, publicações na Internet e em outros meios), tomando por base teorias e conceitos linguísticos relacionados à Dialectologia e à Sociolinguística Laboviana. Assim, após a etapa de discussão teórica, já concluído também o período das entrevistas e em posse dos dados coletados, iniciou-se a interpretação e a quantificação dos dados.

A ideia inicial era utilizar o programa AntConc para realizar a contagem de lexias e a quantificação da frequência de variantes lexicais coletadas nas respostas dos informantes; todavia, optou-se, posteriormente, por fazer todo esse processo manualmente, uma vez que esse

trabalho, embora seja mais lento que aquele realizado por um software automatizado, é capaz de oferecer algumas vantagens ao(à) pesquisador(a), a saber: a familiarização com os dados em análise; a possibilidade de realizar adaptações necessárias, conforme a interpretação dos dados linguísticos; a identificação de expressões lexicais de caráter regional; bem como garantir a qualidade dos dados na contagem, afinal ferramentas automatizadas podem gerar erros.

Além disso, a ideia de adotar o método manual de contagem dos dados foi reforçada pela leitura dos procedimentos metodológicos descritos por Bergamini (2011), em cuja dissertação sobre o léxico da Língua Portuguesa falada por universitários de Maputo (Moçambique), a autora revela ter utilizado o método manual de tabulação dos dados e de cálculo das frequências percentuais para chegar aos resultados da pesquisa, demonstrando, assim, a eficiência de tal procedimento.

O próximo item trata da classificação do tipo de pesquisa que aqui se realiza e dos preceitos éticos necessários à efetivação de um estudo científico com seres humanos.

3.7 O tipo de pesquisa e os preceitos éticos

No tocante à tipologia da pesquisa, no aspecto de abordagem dos dados, este é um estudo de caráter qualitativo-quantitativo. Dito isso, ressalta-se que esses métodos não se opõem, tampouco se excluem. Na verdade, aqui eles se complementam.

O aspecto qualitativo — considerando as preleções de Gil (1999) — explica-se, neste caso, pelo caráter empírico da pesquisa e por se tratar de um estudo que investiga o fenômeno da linguagem humana numa comunidade distinta, buscando interpretá-lo. Trata-se, portanto, de um fenômeno analisado no contexto social, em práticas sociais de fala e de interação, sendo os dados examinados indutivamente pela pesquisadora.

A categoria qualitativa atende o intento deste estudo ao possibilitar que se aprofunde no conhecimento da questão linguística na comunidade em estudo e no entendimento de como as variantes são expressas na vivência de sua realidade linguística.

Já o caráter quantitativo deste estudo decorreu da necessidade de lidar com números, principalmente no que tange aos princípios metodológicos que regem a coleta de dados numa entrevista com questionário que possibilite a quantificação das informações fornecidas pelos participantes do estudo.

Quanto aos objetivos gerais, a pesquisa classifica-se como exploratória, posto que esta, segundo Doxsey e De Riz (2022, p.25), possibilita a abordagem do fenômeno investigado pelo levantamento de informações que permitam ao(à) pesquisador(a) a aquisição de maior conhecimento a respeito de tal fato passível de observação. Em outras palavras, a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (Gil, 2002, p.41). Esse mesmo autor ainda explica que esse tipo de pesquisa tem como escopo principal o aprimoramento das ideias ou a descoberta de pressupostos (Gil, 2002).

Nesse sentido, por meio da pesquisa exploratória, submete-se ao estudo sociolinguístico uma comunidade de indivíduos a partir de cuja fala se analisa como se estabelece a presença de variantes linguísticas associadas a fatores geográficos e socioculturais.

Relativamente aos procedimentos técnicos utilizados, este é também um estudo de campo, posto que focaliza uma única unidade, neste caso, um grupo de indivíduos residentes em Teixeira de Freitas, filhos de migrantes mineiros. Ao tratar do trabalho de campo, Gil (2002, p.53) elucida que, “basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.” Nesta pesquisa, todavia, optou-se exclusivamente pela realização de entrevistas em duas etapas: uma piloto e outra mediante aplicação de um QSL. A seleção de tal estratégia justifica-se pela necessidade de analisar, com certa profundidade, o fenômeno linguístico da variação que se faz presente no grupo que se propôs investigar, conforme já se esclareceu neste trabalho. Assim, considera-se o contexto real de ocorrência de tal fenômeno, bem como as variantes que influenciam a sua existência.

Para corroborar tal classificação concernente aos procedimentos técnicos, buscou-se apoio nas dissertações de Priscila Ferreira de Alécio — intitulada *Análise dos usos, percepções e atitudes de sulistas residentes no município de Cláudia: estudo da variação “tu” e “você”* (2021) —, de Adriana de J. Scholtz — nomeada *Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná* (2014) —, bem como de Ivonete da Silva Santos — intitulada *A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural* (2018) —, todas elas identificadas como estudo de campo.

Quanto aos aspectos éticos, sabe-se o quão imprescindível é a seguridade de não haver discriminação na escolha dos sujeitos participantes da pesquisa nem exposição destes a riscos dispensáveis. Dessa forma, o trabalho respeitou os trâmites normativos necessários e executou a adequada avaliação da relação risco-benefício, a obtenção do consentimento informado e cumpriu a preservação da privacidade dos participantes do estudo. Nesse aspecto, para validar

a seriedade deste trabalho e cumprir as normas ditadas pelo programa de pós-graduação *Strictu Sensu*, o projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa), tendo sido, portanto, aprovado e liberado para a efetuação do estudo. Tudo isso foi necessário para que se regularizasse a pesquisa mediante as Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016, as quais determinam que “pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação do Sistema CEP/CONEP”, cuja responsabilidade principal é assegurar a proteção dos indivíduos participantes do estudo.

Em síntese, portanto, esta pesquisa classifica-se como bibliográfica, quali-quantitativa, exploratória e estudo de campo, tendo como propósito consolidar os resultados levantados por intermédio de entrevista informal semiestruturada e aplicação de um QSL de modelo onomasiológico, no intuito de explorar as evidências de variação linguística na fala dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, buscando compreender se esses indivíduos têm sua linguagem mais influenciada pelo falar de seus genitores mineiros ou pelo falar da comunidade local.

Um questionário onomasiológico é uma ferramenta da linguística que investiga como diferentes pessoas ou grupos nomeiam conceitos, objetos ou fenômenos. Ele explora a relação entre significados e suas denominações, ou seja, como palavras são usadas para designar ideias. Esse tipo de questionário pode ser útil para entender variações linguísticas e preferências de nomenclatura em contextos culturais. Por exemplo, o(a) pesquisador(a), por meio de um questionário onomasiológico, pode perguntar como as pessoas chamam um mesmo objeto, ser, fenômeno, ação ou, entre outras coisas, um mesmo alimento (como “biscoito” ou “bolacha”; “lagarto” ou “calango”), revelando a diversidade na linguagem e nas práticas sociais relacionadas a ela.

O próximo capítulo apresenta um breve histórico sobre os participantes deste estudo, fornecendo detalhes que, posteriormente, contribuirão para que se possa compreender melhor a análise das lexias coletadas nas falas desses sujeitos, bem como reconhecer a linguagem que habitualmente utilizam e identificar as variações linguísticas que se associam a esse modo de falar.

4 OS INFORMANTES E O QUESTIONÁRIO

Este capítulo dedica-se a realizar a caracterização dos participantes desta pesquisa sociolinguístico-dialetológica, de acordo com os critérios de estratificação descritos no item 4.2 do capítulo 4.

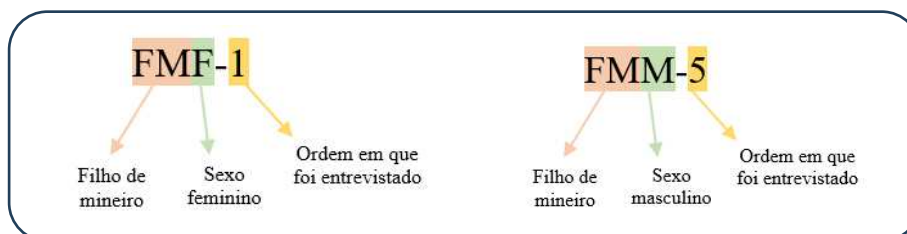
4.1 Descrição dos informantes da pesquisa

Como já dito, são 20 (vinte), de modo geral, os participantes desta pesquisa sociolinguístico-dialetológica, havendo nesse grupo pessoas tanto do sexo feminino e quanto do sexo masculino, bem como de faixas etárias diferentes.

Dentre esses 20 informantes, o grupo principal é constituído por indivíduos residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros. A seleção desses sujeitos tinha como requisito que eles fossem naturais de Teixeira ou que, embora nascidos em Minas Gerais, tivessem migrado para Teixeira até os 6 (seis) anos de idade. Os indivíduos que compõem esse grupo são definidos aqui como “informantes principais”, porque o objetivo primordial do estudo é, conforme inicialmente exposto, averiguar como se processa a variabilidade linguística na fala desses sujeitos.

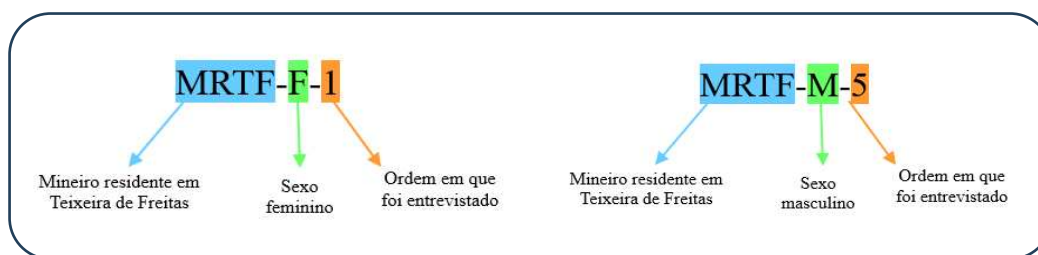
No intuito de preservar a identidade de tais informantes, estes são identificados na análise por meio de códigos, os quais são representados da seguinte maneira:

Imagem 5 – Códigos de identificação dos informantes principais, exemplos de descrição.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Imagem 6 – Códigos de identificação dos informantes secundários, exemplos de descrição.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O quadro 5, exibido adiante, mostra, com clareza, o perfil desses indivíduos, conforme critérios previamente planejados pela pesquisadora e, então, descritos na seção 4.2 do capítulo 4. Além disso, o quadro apresenta outros dados, os quais foram coletados somente depois de confirmado o consentimento livre dos informantes para participarem da pesquisa.

Quadro 5 - Dados dos informantes principais da pesquisa (habitantes de Teixeira de Freitas descendentes de mineiros).

| INFORMANTE | NATURALIDADE (POR UF ⁵²) | SEXO | FAIXA ETÁRIA | ESCOLARIDADE | ORIGEM E SEXO DO(A) GENITOR(A) MINEIRO(A) |
|------------|--------------------------------------|-----------|--------------|--------------------------|--|
| FMF-1 | Baiana | Feminino | 23 anos | Cursando ensino superior | Conceição do Mato Dentro (MG) / feminino (mãe) |
| FMF-2 | Mineira ⁵³ | Feminino | 30 anos | Superior completo | Divinópolis (MG) / masculino (pai) |
| FMF-3 | Mineira ⁵⁴ | Feminino | 32 anos | Superior completo | Curvelo / feminino (mãe) |
| FMF-4 | Mineira ⁵⁵ | Feminino | 36 anos | Superior completo | Governador Valadares / feminino (mãe) |
| FMM-5 | Mineiro ⁵⁶ | Masculino | 33 anos | Superior completo | Corinto (MG) / masculino (pai) |
| FMM-6 | Mineiro ⁵⁷ | Masculino | 38 anos | Superior incompleto | Itaúna (MG) / feminino (mãe) |
| FMM-7 | Baiano | Masculino | 23 anos | Cursando ensino superior | Conceição do Mato Dentro (MG) / feminino (mãe) |
| FMM-8 | Mineiro ⁵⁸ | Masculino | 36 anos | Cursando ensino superior | Itabira (MG) / feminino (mãe) |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

⁵² UF (unidade federativa, estado brasileiro de origem)

⁵³ Mora em Teixeira de Freitas desde os 7 meses de vida.

⁵⁴ Mora em Teixeira de Freitas desde os 05 anos de idade.

⁵⁵ Mora em Teixeira de Freitas desde os 05 anos de idade.

⁵⁶ Mora em Teixeira de Freitas desde os 06 anos de idade.

⁵⁷ Mora em Teixeira de Freitas desde 01 ano e 10 meses de idade.

⁵⁸ Mora em Teixeira de Freitas desde os 04 anos de idade.

Conforme expõe o quadro 5, 02 (dois) informantes são nascidos em Teixeira de Freitas, ao passo que os demais (06 – seis), apesar de terem nascido no estado de Minas Gerais, migraram, com suas famílias, para Teixeira de Freitas ainda na primeira ou na segunda infância, tendo vivido, portanto, a maior parte de suas vidas nesse município do Extremo Sul baiano.

Dos seis informantes nascidos em Minas Gerais, dois (um do sexo masculino e uma do sexo feminino) moram em Teixeira desde a primeira infância, ou seja, chegaram à cidade, respectivamente: ele, com 1 ano de idade; e ela, com 7 meses de vida. Isso significa que ambos migraram para Teixeira antes de desenvolver razoavelmente a fala, afinal, quanto ao desenvolvimento do léxico, “os bebês entendem as primeiras palavras já aos cinco meses de idade, produzem as primeiras palavras entre 10 e 15 meses, atingem o marco de 50 palavras de vocabulário produtivo por volta dos 18 meses, e o de 100 palavras entre 20 e 21 meses” (Hoff, 2009, p.3).

Os outros quatro participantes nascidos em Minas — dois do sexo masculino e duas do sexo feminino — chegaram a Teixeira de Freitas na segunda infância (04, 05 e 06 anos de vida), ou seja, antes de desenvolverem um repertório vocabular consideravelmente diversificado e com lexias complexas. Para melhor compreender a formação do repertório lexical do ser humano, conforme as faixas etárias, segue abaixo uma tabela elaborada de acordo com informações disponíveis no portal eletrônico “Neurosaber” (2023), cuja publicação teve como referência o artigo *Vocabulário de pré-escolares com desenvolvimento típico de linguagem e variáveis socioeducacionais*, de Moretti *et al.* (2017).

Quadro 6 - Etapas do desenvolvimento do vocabulário.

| Faixa etária do indivíduo | Repertório lexical adquirido |
|----------------------------------|--|
| 12 meses de vida | 2 palavras além de “mamãe” e “papai”. |
| 18 meses de vida | De 10 a 50 palavras. |
| 2 anos de vida | 300 palavras. |
| 2,5 anos de vida | 450 palavras. |
| 3 anos de vida | 1.000 palavras. |
| 4 anos de vida | 2.000 palavras. |
| 5 anos de vida | Mais de 5.000 palavras. |
| 17 anos de vida | De 36.000 palavras a 136.000 palavras. |

Fonte: <<https://institutoneurosaber.com.br/etapas-do-desenvolvimento-do-vocabulario-da-crianca-de-0-a-6-anos/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Como se observa no quadro 6, indivíduos com faixa etária em torno de 4, 5 e 6 anos não chegam a ter um repertório lexical equivalente nem mesmo à metade do que terão quando se aproximarem da maioridade (18 anos). Disso se depreende que os informantes mineiros que se mudaram para Teixeira de Freitas até os 6 (seis) anos de vida ainda teriam muitas lexias a serem incorporadas no seu repertório vocabular. Destaca-se, inclusive, que a quantidade de lexias a

serem ainda aprendidas e retidas seria muito maior do que a quantidade já assimilada por tais indivíduos na idade em que passaram a residir no referido município baiano. Segundo Bandeira (2022)⁵⁹, crianças com idade entre 4 e 6 anos, normalmente, já desenvolveram considerável parte da fala e da linguagem funcional. No entanto, no decorrer de suas vidas, elas diariamente ainda aprenderão novas palavras, bem como aprimorarão a comunicação oral em diversos aspectos.

De volta ao quadro 5, observa-se, ainda, que este apresenta uma divisão proporcional de informantes por sexo/gênero, sendo 04 (quatro) deles do sexo feminino; e 04 (quatro), do sexo masculino. Quanto à faixa etária, os informantes são todos maiores de idade, apresentando uma média que varia entre os 23 e os 38 anos de vida. De tal maneira, todos os participantes acima listados enquadram-se no perfil previamente estabelecido para a seleção dos informantes principais deste estudo: filhos de genitores mineiros, ou seja, oriundos do estado de Minas Gerais, porém residentes em Teixeira de Freitas (BA).

A seguir, o quadro 6 traz informações sobre os participantes secundários deste estudo, ou seja, sobre os genitores (pai ou mãe) dos informantes principais (“informantes-proles”), cujos dados foram apresentados no quadro 5.

Quadro 7 - Dados dos informantes secundários da pesquisa (mineiros residentes em Teixeira de Freitas, genitores de filhos teixeirenses ou de mineiros residentes em Teixeira de Freitas desde a infância).

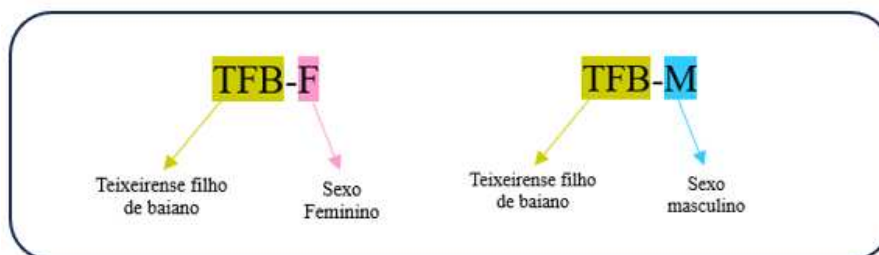
| INFORMANTE | SEXO | FAIXA ETÁRIA | ESCOLARIDADE | NATURA-LIDADE (POR UF) | MUNICÍPIO DE ORIGEM | TEMPO DE RESIDÊNCIA EM TEIXEIRA DE FREITAS |
|------------|-----------|--------------|-----------------------|------------------------|--------------------------|--|
| MRTF-F-1 | Feminino | 46 anos | Superior completo | MG | Conceição do Mato Dentro | 30 anos |
| MRTF-M-2 | Masculino | 59 anos | Superior completo | MG | Divinópolis | 31 anos |
| MRTF-F-3 | Feminino | 53 anos | Superior completo | MG | Curvelo | 29 anos |
| MRTF-F-4 | Feminino | 61 anos | Superior completo | MG | Governador Valadares | 36 anos |
| MRTF-M-5 | Masculino | 56 anos | Técnico completo | MG | Corinto | 29 anos |
| MRTF-F-6 | Feminino | 59 anos | Superior completo | MG | Itaúna | 36 anos |
| MRTF-F-7 | Feminino | 48 anos | Superior completo | MG | Conceição do Mato Dentro | 30 anos |
| MRTF-F-8 | Feminino | 67 anos | Ensino Médio completo | MG | Itabira | 35 anos |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

⁵⁹ Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/desenvolvimento-da-fala/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

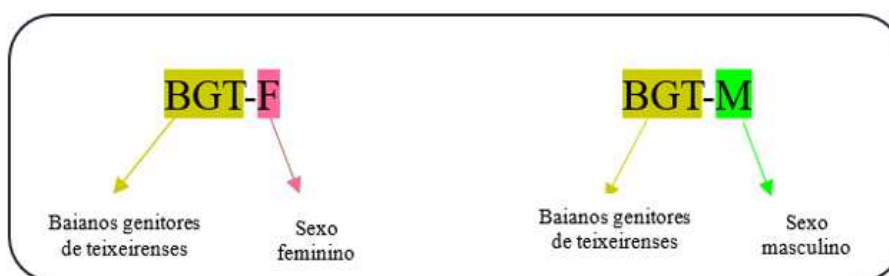
Por fim, o quadro 7 traz informações acerca dos informantes que serão utilizados como grupo de controle: baianos teixeirenses filhos de baianos e seus genitores. Mas, antes do referido quadro, as imagens 7 e 8 esclarecem os códigos utilizados para representar os participantes desse grupo.

Imagem 7 – Códigos de identificação dos informantes do grupo de controle – prole.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Imagem 8 – Códigos de identificação dos informantes do grupo de controle – genitores.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Tratando-se deste último quadro, é fundamental sinalizar que, em uma pesquisa sociolinguística, o grupo de controle constitui uma célula de indivíduos que se enquadram como usuários de determinadas variáveis linguísticas e, a partir disso, são utilizados para que se possa estabelecer uma comparação entre a fala de tais indivíduos e a fala dos informantes cuja linguagem é investigada.

No caso deste estudo, o grupo de controle é constituído por baianos teixeirenses, filhos de baianos. Isso implica que a fala dos informantes que residem em Teixeira de Freitas e são filhos de migrantes mineiros, em certo momento, é equiparada à fala dos informantes teixeirenses filhos de baianos, cuja fala será tomada como padrão-local, ou seja, a fala típica da comunidade baiana teixeirense. Esse procedimento permite, durante a análise dos dados de fala dos informantes principais, verificar se tais sujeitos seguem o padrão de fala dos filhos de baianos, ou seja, o padrão de fala da comunidade local ou se têm suas falas influenciadas pela variedade linguística de seus genitores mineiros.

Sem mais delongas, eis o quadro 8 e os dados do grupo de controle: baianos teixeirenses descendentes de baianos.

Quadro 8 - Dados dos informantes que compõem o grupo de controle (baianos teixeirenses descendentes de baianos).

| INFORMANTE | NATURALIDADE (POR UF) | SEXO | FAIXA ETÁRIA | ESCOLARIDADE | ORIGEM E SEXO DO(A) GENITOR(A) BAIANO(A) |
|------------|--|-----------|--------------|-------------------|--|
| TFB – F | Baiana, natural de Teixeira de Freitas | Feminino | 38 anos | Superior completo | Medeiros Neto (BA) / Masculino (pai) |
| TFB – M | Baiano, natural de Teixeira de Freitas | Masculino | 28 anos | Superior completo | Mascote (BA) / feminino (mãe) |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Como se vê, o quadro acima traz dois informantes como integrantes do grupo de controle, uma pessoa do sexo feminino, e outra do sexo masculino. Ambos os indivíduos são teixeirenses baianos, filhos de baianos.

Na sequência, o quadro 9 traz informações sobre os informantes que são genitores (pai ou mãe) dos participantes teixeirenses que compõem o grupo de controle:

Quadro 9 - Dados dos informantes secundários da pesquisa (baianos residentes em Teixeira de Freitas, genitores de filhos teixeirenses).

| INFORMANTE | NATURALIDADE (POR UF) | SEXO | FAIXA ETÁRIA | ESCOLARIDADE | ORIGEM GEOGRÁFICA | TEMPO DE RESIDÊNCIA EM TEIXEIRA DE FREITAS |
|------------|-----------------------|-----------|--------------|-----------------------|--------------------|--|
| BGT – M | Baiano | Masculino | 67 anos | Ensino Médio completo | Medeiros Neto (BA) | 39 anos |
| BGT – F | Baiana | Feminino | 51 anos | Superior completo | Mascote (BA) | 28 anos |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Finalmente, como se nota, o quadro 8 informa a origem dos baianos genitores de baianos teixeirenses. Tanto a fala dos filhos destes quanto a deles são tomadas, neste estudo, como parâmetro da fala local, ou seja, a linguagem do grupo de controle representa a linguagem da comunidade originária de Teixeira de Freitas, portanto, o modo de falar do Sul da Bahia, uma vez que tanto Teixeira de Freitas quanto Medeiros Neto e Mascote são municípios situados nessa mesorregião baiana.

O próximo item descreve brevemente o QSL aplicado em entrevistas aos informantes deste estudo, dando sequência, posteriormente, à análise dos dados coletados nas falas dos informantes descritos neste capítulo, desde os participantes principais e seus genitores mineiros (informantes secundários) aos indivíduos que constituem o grupo de controle, baianos teixeirenses e seus genitores baianos.

4.2 O questionário

Como já esclarecido, o questionário desta pesquisa sociolinguístico-dialetológica centra-se no nível semântico-lexical da fala de indivíduos residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros residentes no município há 10 ou mais anos.

Embora este trabalho não tenha relação direta com a Geolinguística Pluridimensional — uma das subdisciplinas da Dialetologia — a metodologia que inspirou a elaboração do questionário semântico-lexical utilizado nos inquéritos deste estudo tem base nos métodos descritos por Thun (2010), em seu artigo “Pluridimensional Cartography”, no qual o autor explica que os atlas pluridimensionais, em seus questionários, registram, primeiramente, todos os elementos que o informante menciona espontaneamente. Depois, apresentam ao falante formas que foram ouvidas em outros grupos ou regiões. Se essas sugestões forem bem recebidas, elas aparecem no mapa como “sugestões aceitas”, indicando que são reconhecidas passivamente. Segundo Thun (2010), esse método de sugestão, sempre baseado nas respostas espontâneas, considera a memória humana e oferece informações valiosas sobre a evolução da língua, tanto em relação à adoção de novas formas quanto ao desaparecimento gradual de elementos obsoletos.

O quadro 10 descreve, em quatro colunas, os itens que organizam o roteiro do QSL, de modelo onomasiológico, utilizado nos inquéritos. A primeira coluna apresenta os referentes (significados) das lexias cujas variantes se buscou identificar nas falas dos informantes principais, e a segunda informa o campo semântico dessas variantes lexicais. A terceira coluna expõe o número da pergunta, e a quarta exhibe as questões inquiridas aos informantes, evidenciando a maneira como elas foram elaboradas.

Quadro 10 - Lexias e perguntas que compõem o QSL da pesquisa.

| Descrição do referente | Campo semântico ⁶⁰ | Número da pergunta | Questão e subquestão |
|---|-------------------------------|--------------------|--|
| Levado, travesso | comportamento | 01 | Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Filé de frango envolto em fatias de bacon | alimento | 02 | Qual é o nome da carne do peito de frango enrolado em uma fatia de bacon? / Há outro termo que você usa? |

⁶⁰ Vocábulo de sentido abrangente que se refere ao conjunto de significados e associações que uma palavra pode ter dentro de um determinado contexto.

| | | | |
|--|----------------|----|--|
| Suco de frutas, iogurte ou achocolatado congelado em saquinho | alimento | 03 | Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos? / Há outro termo que você usa? |
| Doce de milho cozido ao leite, prato típico da Festa Junina | alimento | 04 | Qual é o nome daquele prato doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado normalmente servido em Festas Juninas? / Há outro termo que você usa? |
| Roupa usada por funcionários de uma empresa, por alunos de uma escola ou por pessoas que fazem parte de uma categoria | vestimenta | 05 | Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola? / Há outro termo que você usa? |
| Mosquito da família dos <i>Culicídeos</i> , carapanã | inseto | 06 | Qual é o nome daquele mosquito que normalmente sai à noite para picar as pessoas e que faz um zumbido chato nos nossos ouvidos? / Há outro termo que você usa? |
| Porta-lápis com zíper, item de papelaria | objeto escolar | 07 | Qual é o nome daquele item de papelaria, com zíper, normalmente usado pelos estudantes para guardar lápis, borracha e canetas? / Há outro termo que você usa? |
| Interjeição normalmente utilizada para expressar espanto, intensidade | interjeição | 08 | Que palavra ou expressão você diz quando se espanta com algo? / Há outro termo que você usa? |
| Ação de mexer em alguma coisa, procurando algo ou buscando aprender o funcionamento de algo | ação | 09 | Quando você está em busca de alguma coisa não específica na internet ou em gavetas, você costuma dizer que está fazendo o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Cupins com asas, inseto que, após a chuva em dias quentes, cria asas e voa em busca de luz, depois perde as asas e busca lugares para procriar | inseto | 10 | Qual palavra você usa para se referir aos cupins alados, que, após a chuva em dias quentes, ficam voando ao redor das lâmpadas? / Há outro termo que você usa? |
| Lagartixa-doméstica-tropical (réptil) | animal | 11 | Que nome você usa para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos? / Há outro termo que você usa? |
| Genitor(a), mulher e homem em relação aos seus filhos | família | 12 | Que palavras você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você? / Há outros termos que você usa? |
| Danificar algo | ação | 13 | Quando alguma coisa se danifica, por exemplo uma garrafa de vidro que cai ao chão, o que você diz que aconteceu com essa garrafa? / Há outro termo que você usa? |
| Terreno acidentado com fortes desníveis e picos | paisagem | 14 | Que palavra você usa para se referir a terrenos acidentados com fortes desníveis? / Há outro termo que você usa? |
| Biscoito de polvilho doce frito | alimento | 15 | Que nome você usa para se referir àquele biscoito doce frito, feito de polvilho? / Há outro termo que você usa? |

| | | | |
|--|-------------------|----|--|
| Agasalho | vestimenta | 16 | Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio? / Há outro termo que você usa? |
| Pessoa que não gosta de gastar dinheiro | comportamento | 17 | Quando a pessoa não gosta de gastar dinheiro de jeito nenhum, você diz que essa pessoa é o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Inserir algo; fazer com que algo entre... | ação | 18 | Quando você, de qualquer jeito, insere algo dentro de alguma coisa, por exemplo uma escova de dente na mochila, você diz que fez o que com essa escova? / Há outro termo que você usa? |
| Ação de entrar no mar e se molhar nas águas dele | ação | 19 | Quando você vai à praia e desfruta da água do mar, você diz que fez o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Lavar-se | ação | 20 | Quando você vai se lavar no banheiro, você diz que vai fazer o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Local destinado à prostituição. | lugar | 21 | Que palavra você usa ou usaria para se referir ao local onde as prostitutas são encontradas? / Há outro termo que você usa? |
| Ação de jogar futebol | esporte, diversão | 22 | Quando amigos saem para jogar futebol como forma de diversão, você diz que eles foram fazer o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Tomar (ingerir) bebida alcoólica | ação | 23 | Se você fosse chamar alguns amigos para tomar uma bebida alcoólica qualquer, você diria o quê? / Há outro termo que você usa? |
| Secreção viscosa que escorre das pálpebras | secreção | 24 | Que palavra você usa para se referir à secreção que junta nos nossos olhos enquanto dormimos? / Há outro termo que você usa? |
| Voltar à consulta médica ou odontológica | ação | 25 | Quando você precisa voltar a uma consulta médica, você diz que tem o que agendado? / Há outro termo que você usa? |
| Calango (réptil) | animal | 26 | Que palavra você para se referir àquele réptil quadrúpede, de mais ou menos um palmo de comprimento, que anda pelo chão ou nos muros das residências? / Há outro termo que você usa? |
| Aula de reforço escolar | ação | 27 | Quando um estudante precisa complementar os estudos com um professor extra e individual, você diz que esse estudante precisa de quê? / Há outro termo que você usa? |
| Convidar a ir a algum lugar | ação | 28 | Quando você chama alguém para ir ali ou a um lugar qualquer, o que você diz? / Há outro termo que você usa? |
| Raiz comestível | alimento | 29 | Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários? / Há outro termo que você usa? |
| Cítrico | fruta | 30 | Qual termo você usa para se referir àquele fruta cítrica que descascamos com as mãos para comer os gomos? / Há outro termo que você usa? |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Esse foi o esboço do QSL aplicado aos informantes deste estudo, mas é importante lembrar que, posteriormente, no momento da análise dos dados, optou-se por reduzi-lo a 10 questões, entre as quais encontram-se as seguintes: 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12 e 16, 27 e 29. Essas questões foram indicadas para o processo de análise dos dados por meio de sorteios realizados

com o auxílio de um recurso digital disponível na plataforma “Sorteador.com.br”⁶¹; logo, em relação às demais perguntas que compunham o QSL na sua totalidade, não houve qualquer motivo especial relacionado à seleção das 10 questões analisadas neste estudo.

Durante a aplicação do QSL, foi necessário, em alguns casos, realizar gestos (mímicas) junto à questão, a fim de que os inquiridos conseguissem compreender melhor a pergunta, tendo isso ocorrido, por exemplo, na inquirição das questões 14 e 18.

A seguir, o capítulo 5 dedica-se à análise, à interpretação e à quantificação dos dados coletados, com o propósito de verificar como se manifesta a variação linguística de aspecto diatópico, e porventura diastrático, na prática linguística cotidiana dos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros.

⁶¹ Disponível em: <<https://sorteador.com.br/resultado>>. Acesso em: 12 out. 2024. A plataforma <https://sorteador.com.br/resultado> é um site que permite que os usuários realizem sorteios de forma simples e prática. Ele é utilizado para gerar resultados aleatórios. Os usuários podem inserir uma lista de opções ou números e, em seguida, a plataforma gera um resultado aleatório a partir dessas opções. O site é bastante utilizado por pessoas que desejam organizar sorteios de maneira transparente e acessível, sem a necessidade de ferramentas complexas.

5 PROJEÇÃO E ANÁLISE QUALIQUANTITATIVA DOS DADOS

Este capítulo realiza a análise quali quantitativa dos dados coletados por meio do QSL aplicado aos informantes principais, bem como aos informantes secundários e ao grupo de controle, células que compõem os participantes deste estudo sociolinguístico-dialetológico. Para isso, recorre-se a quadros que expõem, de forma concisa e organizada, as lexias de aspecto variante coletadas nos inquiridos. Faz-se também o uso de tabelas que expõem a contagem das frequências percentuais desses dados, conforme a ocorrência das variantes identificadas nas respostas dos informantes. Além disso, o capítulo dedica-se a fornecer uma interpretação sólida e sustentada dos dados, estabelecendo as bases para as considerações finais, que serão discutidas posteriormente. Ademais, abordam-se as implicações práticas e teóricas dos resultados, destacando suas contribuições para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos.

5.1 Célula principal: habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros

Os códigos FMF e FMM foram utilizados para se referir, respectivamente, aos informantes “filhos de mineiros de sexo feminino” e aos “filhos de mineiros de sexo masculino”. Esses códigos são acompanhados por um número que define a sequência em que esses indivíduos foram entrevistados, tendo sido cada entrevista realizada individualmente, a fim de evitar que as respostas dos participantes sofressem influências entre si.

A seguir, apresentam-se as 10 questões selecionadas do QSL utilizado para entrevistar os informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros e as respostas coletadas, estando estas organizadas em quadros, após os quais realizam-se a descrição, a quantificação e a análise dos dados. Neste capítulo, as questões serão renumeradas de 1 a 10.

5.1.1 Questão 1 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A Questão 1 do QSL indagava o seguinte: “Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê?”

Após a resposta, pergunta-se: “Há outro termo que você usa?”

O quadro a seguir expõe as respostas coletas:

Quadro 11 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a Questão 1 e para a subpergunta 1.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | agoniada | atentada |
| FMF-2 | sapeca | não |
| FMF-3 | hiperativa | bagunceira |
| FMF-4 | agitada | não |
| FMM-5 | malina | não |
| FMM-6 | sapeca | custosa |
| FMM-7 | levada | sapeca |
| FMM-8 | malina | hiperativa |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se pode observar, variadas foram as lexias apresentadas pelos informantes filhos de migrantes mineiros ao responderem a questão 1.

No quadro, a coluna intitulada como “1ª Resposta” mostra as lexias que foram apresentadas de imediato perante a pergunta, já a coluna intitulada como “2ª resposta” apresenta as lexias que os informantes apresentaram perante a subpergunta 1.1: “Há outro termo que você usa?”.

Ao organizar os dados coletados numa distribuição de frequência variável discreta, têm-se os resultados apresentados na tabela 1, abaixo:

Tabela 1 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 1 e 1.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| sapeca | 3 | 23 |
| malina | 2 | 15,4 |
| hiperativa | 2 | 15,4 |
| agoniada | 1 | 7,7 |
| agitada | 1 | 7,7 |
| levada | 1 | 7,7 |
| atentada | 1 | 7,7 |
| bagunceira | 1 | 7,7 |
| custosa | 1 | 7,7 |
| Total | 13 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Constata-se, de acordo com a tabela 2, que, nas respostas imediatamente apresentadas pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros, foram computadas 13 ocorrências da variável que poderia responder às questões 1 e 1.1 do QSL. Nesse panorama, nota-se que a lexia “sapeca”, com 23%, é a que apresenta maior frequência de uso entre esses indivíduos. Em seguida, observa-se que as lexias “malina” e “hiperativa” aparecem em segundo lugar na frequência de uso, cada uma com 15,4%, e as demais lexias coletadas (agoniada, agitada, levada, atentada, bagunceira e custosa), apesar de revelarem certa diversidade, aparecem igualmente com uma menor frequência de uso, cada uma com 7,7%.

Conclui-se, então, que, dentre os falantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, é mais comum o emprego da variante “sapeca” para caracterizar uma criança com as características descritas na pergunta.

Referente ainda à questão 1 do QSL, após a subpergunta 1.1, a depender das respostas apresentadas pelos informantes, era feita esta subpergunta (1.2): “Já ouviu ‘criança custosa’?”. Se a resposta fosse positiva, perguntava-se: “Quem fala assim?”. Outra subpergunta (1.3) era: “Já ouviu ‘criança malina’?”. Se positiva fosse a resposta, fazia-se, além disso, outra indagação: “Quem fala assim?”. Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, a qual, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “custosa” e “malina” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não.

A subpergunta “Quem fala assim?” pode ser um item que fragiliza o QSL e os resultados da pesquisa, considerando que informantes, após tomarem conhecimento do tema deste estudo e da abordagem de pessoas tanto de origem mineira quanto de origem baiana, talvez se sintam conduzidos a responder tal questão com a identificação exclusivamente mineira ou baiana. No entanto, ressalta-se que a pesquisadora-inquiridora, antes de fazer o inquérito, tomou o cuidado de esclarecer aos informantes que tal pergunta visa a descobrir, de maneira geral e sob o ponto de vista do informante, a origem geográfica dos indivíduos que falam de tal maneira.

Os resultados foram organizados no quadro adiante.

Quadro 12 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a subpergunta 1.2 da Questão 1 do QSL.

| Lexias presentes na subpergunta 1.2 | | |
|-------------------------------------|-------------------|-------------------|
| Informante | Resposta positiva | Resposta negativa |
| FMF-1 | | não |
| FMF-2 | sim – mineiros | |
| FMF-3 | sim – mineiros | |
| FMF-4 | sim – mineiros | |
| FMM-5 | sim – mineiros | |

| | | |
|-------|----------------|-----|
| FMM-6 | sim – mineiros | |
| FMM-7 | | não |
| FMM-8 | | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme se verifica, de 8 informantes, 5 afirmaram já terem ouvido a lexia “custosa” para se referir a uma criança que faz peraltices e é difícil de controlar. Desses 5, 3 são do sexo feminino, e 2 são do sexo masculino. Todos eles associaram a variante “custosa” à fala mineira. Desses 8 informantes, 3 (1 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) responderam nunca terem ouvido a lexia “custosa” para caracterizar uma criança travessa, mostrando, então, desconhecer o emprego do termo com essa acepção.

No próximo quadro, as colunas que se intitulam “Resposta positiva” e “Resposta negativa” indicam o que os informantes responderam no momento em que lhes foi realizada a subpergunta 1.3 da Questão 1 do QSL, assim elaborada: “Já ouviu ‘criança malina?’” Quando apresentada uma resposta positiva, a pergunta “Quem fala assim?” era realizada ao participante, que, então, expressava a associação da lexia a falantes mineiros ou a falantes baianos da comunidade teixeirense, conforme o quadro a seguir.

Quadro 13 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para a subpergunta 1.3 da Questão 1 do QSL.

| Lexias presentes na subpergunta 1.3 | | |
|-------------------------------------|----------------------------|-------------------|
| Informante | Resposta positiva | Resposta negativa |
| FMF-1 | | não |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses | |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses | |
| FMM-5 | sim – não sabe dizer | |
| FMM-6 | sim – baianos teixeirenses | |
| FMM-7 | | não |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir do quadro exposto, verifica-se que dos 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros, 6 (3 de sexo feminino e 3 de sexo masculino) afirmaram já terem ouvido a variante “malina” para caracterizar uma criança travessa. Desses 6 informantes, 4 associaram o termo à fala típica de baianos teixeirenses, e 2 relataram não saberem quem usa o termo. Dentre os 8 informantes, 2 (1 de sexo feminino e 1 de sexo masculino) disseram nunca terem ouvido a lexia “malina” para caracterizar uma criança travessa.

Os dados referentes aos quadros 12 e 13, na distribuição de frequência variável discreta, estão representados na tabela 2, a seguir:

Tabela 2 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|-------|
| Já ouviu “custosa” – mineiros | 5 | 31,25 |
| Já ouviu “malina” – baianos teixeirenses | 4 | 25 |
| Nunca ouviu “custosa” na acepção da pergunta | 3 | 18,75 |
| Já ouviu “malina”, mas não sabe dizer quem fala assim | 2 | 12,5 |
| Nunca ouviu “malina” na acepção da pergunta | 2 | 12,5 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela 2, a maior frequência nas respostas apresentadas pelos informantes filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas (31,25%) é aquela que reconhece a lexia “custosa” e a associa ao costume linguístico de falantes oriundos do estado de Minas Gerais. A segunda maior frequência de resposta (25%) é aquela que reconhece a lexia “malina” e a relaciona ao hábito linguístico de baianos. As demais respostas aparecem em frequência inferior, sendo: 18,75% inerente aos informantes que nunca ouviram a lexia “custosa” na acepção que lhe é atribuída na pergunta; 12,5% relativo aos informantes que já ouviram a lexia “malina”, mas não souberam dizer quem tem o hábito de empregá-la ao se referirem a crianças travessas; e 12,5% associado aos informantes que nunca ouviram a lexia “malina” com tal significação.

5.1.2 Questão 2 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A Questão 2 do QSL indagava aos informantes: “Qual é o nome da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon?” As respostas apresentadas a tal pergunta aparecem, no quadro a seguir, na coluna intitulada “1ª Resposta”. Como subpergunta, era feita a seguinte indagação aos participantes da pesquisa: “Há outro termo que você usa?”. As respostas expressas perante essa interrogação estão listadas na coluna intitulada por “2ª Resposta” no quadro abaixo.

Quadro 14 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 02 e para a subpergunta 2.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | franbacon | não |
| FMF-2 | franbacon | não |
| FMF-3 | medalhão | não |
| FMF-4 | franbacon | não |

| | | |
|-------|-----------|-----------|
| FMM-5 | franbacon | não |
| FMM-6 | medalhão | franbacon |
| FMM-7 | medalhão | franbacon |
| FMM-8 | franbacon | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se observa, dos 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, 5 (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) utilizam a lexia “franbacon” para se referir ao alimento descrito na pergunta. Desses 5 informantes, todos relataram usar apenas esse termo ao tratar de tal alimento. Por outro lado, dos 8 informantes, 3 (1 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) responderam utilizar a variante “medalhão” para tratar do referido alimento. Desses 3 informantes, 2 (ambos do sexo masculino) afirmaram usar também o termo “franbacon” para designar o mencionado alimento.

Estruturando os dados coletados numa distribuição de frequência variável discreta, têm-se os resultados apresentados na tabela 3:

Tabela 3 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 2 e a subpergunta 2.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| franbacon | 7 | 70 |
| medalhão | 3 | 30 |
| Total | 10 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir da tabela 3, constata-se que, entre os filhos de mineiros residentes em Teixeira, a variante mais recorrente para designar a carne do peito de frango envolta em fatias de bacon é a lexia “franbacon”, com 70% das ocorrências. Já a variante com menor frequência incide na lexia “medalhão”, com 30%.

A depender das respostas apresentadas pelos informantes, eram feitas estas subperguntas (2.2 e 2.3) ainda: “Já ouviu medalhão?”, “Quem fala assim?” ou “Já ouviu franbacon?”, “Quem fala assim?” Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, a qual, na condição de migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “medalhão” e “franbacon” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não.

O quadro 15 expõe o que se obteve como resposta em tais casos.

Quadro 15 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL e a associação delas ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | |
|---|-------------------------|--------------------------|
| Informante | 1ª Resposta: “medalhão” | 2ª Resposta: “franbacon” |

| | | |
|-------|----------------------------|----------------------------|
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-3 | não | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-4 | sim – não sabe dizer | não |
| FMM-5 | sim – mineiros | não |
| FMM-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-7 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-8 | não | sim – não sabe dizer |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme as respostas organizadas nesse quadro, nota-se que, dos 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, 4 (1 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) reconheceram a variante “medalhão” como tipicamente empregada por falantes mineiros; 2 (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) relataram nunca terem ouvido o termo; 1 (do sexo feminino) afirmou não saber por quem o termo é utilizado; e 1 (do sexo feminino) disse que o termo é empregado por baianos teixeirenses.

Quanto à variante “franbacon”, dos 8 informantes, 5 (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) associaram o termo à fala típica da comunidade baiana teixeirense. Desses 8 participantes, 2 (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) relataram não conhecer o termo, e 1 (do sexo masculino) reconheceu o termo, porém afirmou não saber quem faz uso dele: se mineiros ou baianos teixeirenses.

Vale observar que 1 informante (do sexo feminino) associou tanto a variante “medalhão” quanto a variante “franbacon” à fala da comunidade baiana teixeirense, não realizando qualquer associação à fala mineira.

Os dados referentes aos quadros 2 e 3, na distribuição de frequência variável discreta, estão representados na tabela 4, a seguir:

Tabela 4 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 2.2 e 2.3 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|-------|
| Reconhece a variante “franbacon” – baianos teixeirenses | 5 | 31,25 |
| Reconhece a variante “medalhão” – mineiros | 4 | 25 |
| Nunca ouviu a variante “medalhão” | 2 | 12,5 |
| Nunca ouviu a variante “franbacon” | 2 | 12,5 |
| Reconhece a variante “medalhão”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 1 | 6,25 |
| Reconhece a variante “franbacon”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 1 | 6,25 |
| Reconhece a variante “medalhão” – baianos teixeirenses | 1 | 6,25 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Depreende-se, a partir da tabela 4, que a maior frequência de repostas (31,25%) revela que os filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas reconhecem a variante “franbacon” para designar a carne do peito de frango envolta em uma fatia de bacon e associam o uso de tal

lexia ao hábito linguístico de baianos teixeirenses. A segunda maior frequência aponta que 25% dos entrevistados têm conhecimento da variante “medalhão” e associam o uso dessa lexia ao modo de falar mineiro. A menor frequência de respostas (6,25%) incide, igualmente, a três resultados: o daqueles que reconhecem a variante “medalhão”, mas não souberam dizer quem faz uso dessa lexia; o dos informantes que identificam a variante “franbacon”, porém não souberam dizer que tipo de falante faz uso de tal lexia; e, finalmente, o daqueles que reconhecem a lexia “medalhão” e relacionam essa variante ao falar baiano.

5.1.3 Questão 3 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

Relativamente à Questão 3 do QSL, foi questionado aos informantes da pesquisa: “Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos?” Os resultados apresentados a essa questão estão no quadro abaixo, na coluna intitulada “1ª Resposta”. Era feita ao inquirido, logo após a resposta primeiramente apresentada por este, uma subpergunta que era: “Há outro termo que você usa?”. As respostas emitidas a tal indagação encontram-se listadas na coluna intitulada por “2ª Resposta” no quadro a seguir.

Quadro 16 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e para a subpergunta 3.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | brasinha | não |
| FMF-2 | chup-chup | brasinha |
| FMF-3 | chup-chup | brasinha |
| FMF-4 | chup-chup | brasinha |
| FMM-5 | chup-chup | não |
| FMM-6 | brasinha | geladinho |
| FMM-7 | brasinha | chup-chup |
| FMM-8 | brasinha | chup-chup |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir do quadro acima, observa-se que, dentre os 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, 4 (3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino), como primeira resposta, utilizaram a lexia “chup-chup” para designar o suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos. Desses 8 participantes, 4 (1 do sexo feminino e 3 do masculino) fizeram uso da lexia “brasinha” para nomear o referido alimento.

Realizada a subpergunta (“Há outro termo que você usa?”), dos 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros, 2 (ambos do sexo masculino) mencionaram a lexia “chup-chup” para nomear tal alimento; 3 participantes (todos do sexo feminino) citaram a lexia “brasinha”; 1 informante (do sexo masculino) usou a lexia “geladinho”; e 2 informantes (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) afirmaram não usar outro termo, além do que fora apresentado na primeira resposta, para se referir ao suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos.

Da análise desse quadro, percebe-se que, metade dos participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros usa a lexia “chup-chup”, e a outra metade utiliza a lexia “brasinha” como principais termos para nomear o suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos, de modo que “chup-chup” demonstrou maior adesão entre os indivíduos do sexo feminino, ao passo que “brasinha” revelou maior presença na linguagem de indivíduos do sexo masculino.

Como segunda lexia para se referir ao alimento — conforme a coluna na qual consta a 2ª resposta —, observa-se maior uso da lexia “brasinha” (aderida por 3 falantes, todos do sexo feminino), seguido da lexia “chup-chup” (aderida por 2 falantes, ambos do sexo feminino). A lexia “geladinho” apareceu como termo menos utilizado, tendo sido mencionado por apenas 1 informante (de sexo masculino), como segunda opção de termo que nomeia o supracitado alimento. Nota-se, ainda, que 2 participantes (1 de sexo feminino e 1 de sexo masculino) afirmaram não utilizar outro termo, a não ser o que fora mencionado na primeira resposta, para designar o suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos.

Demonstra-se, abaixo, a disposição dos dados coletados numa distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 5 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 3 e a subpergunta 3.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|-------|
| brasinha | 7 | 50 |
| chup-chup | 6 | 42,86 |
| geladinho | 1 | 7,1 |
| Total | 14 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se observa, na tabela 5, entre as respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, há uma estimativa de 14 ocorrências da variável que corresponde à questão 3 do QSL. A variante “brasinha”, com 50%, é a lexia que apresenta maior frequência de uso entre os entrevistados. A segunda maior

frequência, 42,86%, concentra-se na variante “chup-chup”; e a menor frequência, 7,1%, converge para a variante “geladinho”.

Com base nas respostas apresentadas, foram realizadas três subperguntas envolvendo as lexias mencionadas pelos participantes da pesquisa. O propósito dessas subperguntas era verificar a que tipo de falante específico os informantes associavam as lexias “chup-chup”, “brasinha” e “geladinho”: se a falantes mineiros ou a falantes baianos teixeirenses.

Dessa maneira, a depender das respostas emitidas para a Questão 3 e sua subpergunta, outras subperguntas eram realizadas aos informantes, sendo elas: 3.2 “Já ouviu chup-chup?”; 3.3 “Já ouviu brasinha?”; 3.4 “Já ouviu geladinho?”. Se as respostas fossem positivas, indagava-se, ainda: “Quem fala assim?”. A esta última indagação, os informantes diriam se a lexia citada era comum à fala mineira ou à fala baiana teixeirense. Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, a qual, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “chup-chup” e “geladinho” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não; “brasinha” surgiu de forma notória, embora não tivesse sido prevista pela pesquisadora.

Diante disso, segue o quadro de exposição concisa dos dados coletados:

Quadro 17 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 3.2, 3.3 e 3.4 da Questão 3 do QSL e a associação delas ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | | |
|---|-----------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| Informante | Variante “chup-chup” | Variante “brasinha” | Variante “geladinho” |
| FMF-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMM-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro acima exposto mostra como foram as respostas a essas subperguntas e, a partir dele, verifica-se que a variante “chup-chup” foi majoritariamente associada aos falantes mineiros, visto que dos 8 informantes, 6 (4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) afirmaram tratar-se de um termo usado por falantes originários de Minas Gerais. Apenas 1 informante (do sexo masculino) relacionou a lexia à fala baiana teixeirense, e apenas 1 informante (também do sexo masculino) disse não saber por quem especificamente o termo é utilizado.

Quanto à variante “brasinha”, nota-se que os 8 participantes (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino), sem exceção, relacionaram-na à fala da comunidade local, ou seja, à linguagem de baianos teixeirenses.

A variante “geladinho”, por sua vez, foi majoritariamente associada aos baianos teixeirenses, visto que 6 informantes (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) disseram tratar-se de um termo comum entre os baianos teixeirenses. Por outro lado, em número inferior, 2 participantes (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) associaram tal lexia a falantes mineiros.

Os resultados atinentes ao quadro 17, na distribuição de frequência variável discreta, são representados na tabela 6, abaixo:

Tabela 6 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Reconhece a variante “brasinha” – baianos teixeirenses | 8 | 33,3 |
| Reconhece a variante “chup-chup” – mineiros | 6 | 25 |
| Reconhece a variante “geladinho” – baianos teixeirenses | 6 | 25 |
| Reconhece a variante “geladinho” – mineiros | 2 | 8,30 |
| Reconhece a variante “chup-chup” – não soube dizer quem fala assim | 1 | 4,17 |
| Reconhece a variante “chup-chup” – baianos teixeirenses | 1 | 4,17 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Analisando a tabela 6, certifica-se que a maior frequência nas respostas apresentadas pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, 33,3%, reconhece a variante “brasinha” como lexia que designa o suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos e associa tal variante à cultura linguística de baianos teixeirenses. A segunda maior frequência de resposta revela, na mesma proporção, o reconhecimento da variante “chup-chup” pelos entrevistados e a associação da lexia aos hábitos linguísticos de falantes mineiros, e o reconhecimento da variante “geladinho”, esta, porém, relacionada ao falar baiano teixeirense. Os outros resultados aparecem em frequência inferior, sendo a menor 4,17%, que aparece em dois tipos de respostas: a daqueles que demonstram conhecimento da variante “chup-chup”, mas não conseguiram dizer quem faz uso de tal variante; e a dos que identificam essa mesma variante e a associaram ao modo de falar baiano.

Depreende-se, a partir dessa leitura, que a lexia “chup-chup” é associada à variante linguística mineira, ao passo que “brasinha” e “geladinho” são associadas à variante linguística baiana teixeirense, sendo “brasinha” a lexia mais empregada pelos falantes da comunidade local.

5.1.4 Questão 4 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A questão 4 do QSL investiga qual lexia é utilizada pelos participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros quando estes se referem à “iguaria doce feita com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, tradicionalmente servido em período de Festas Juninas”. Perante tal indagação, os participantes emitiam uma resposta, estando esta, no quadro a seguir, listada na coluna que se intitula “1ª Resposta”. Em sequência, indagava-se ao participante: “Há outro termo que você usa?”. No quadro, as respostas para expressas a essa subpergunta encontram-se na coluna que se intitula “2ª Resposta”.

Quadro 18 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | canjica | não |
| FMF-2 | canjica | não |
| FMF-3 | canjica | não |
| FMF-4 | canjica | não |
| FMM-5 | canjica | mungunzá |
| FMM-6 | canjica | não |
| FMM-7 | canjica | não |
| FMM-8 | canjica | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

As respostas organizadas no quadro mostram que a lexia “canjica” é hegemonicamente utilizada pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros para designar o prato doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, tradicionalmente servido em período de Festas Juninas. Na leitura do quadro, verifica-se que os 8 participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiro (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) mencionaram a lexia “canjica” para identificar o referido prato culinário, e a maioria (7 informantes — 4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) não usam qualquer outra lexia para se referir a tal alimento. Apenas 1 participante (do sexo masculino) afirmou empregar, além da lexia “canjica”, a lexia “mungunzá” ao tratar do referido prato.

Os resultados coletados encontram-se estruturados a seguir, numa distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 7 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 4 e a subpergunta 4.1 do QSL

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| canjica | 8 | 88,9 |
| mungunzá | 1 | 11,1 |
| Total | 14 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme a leitura da tabela 7, entre os filhos de mineiros residentes em Teixeira, a variante com maior frequência para designar a iguaria doce feita com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, tradicionalmente servido em período de Festas Juninas é a lexia “canjica”, com 88,9%. A variante “mungunzá” aparece com menor frequência, 11,1%, entre os entrevistados.

Durante a entrevista, a depender das respostas apresentadas pelos informantes, subperguntas lhes eram dirigidas, sendo elas: Já ouviu “mungunzá?”, “Quem fala assim?”, “E ‘canjica’, quem fala assim?” Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, a qual, na condição de migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “canjica” e “mungunzá” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não.

O quadro subsequente faz um esboço das respostas apresentadas para tais subperguntas.

Quadro 19 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | |
|--|----------------------------|-----------|
| Informante | “mungunzá” | “canjica” |
| FMF-1 | sim – não sabe dizer | mineiros |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMM-5 | sim – a esposa (baiana) | mineiros |
| FMM-6 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer | mineiros |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

As informações do quadro evidenciam que a lexia “canjica” é, sem exceção, reconhecida pelos 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros como uma variante mineira para designar a iguaria doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, tradicionalmente servido em período de Festas Juninas.

Já a lexia “mungunzá” é predominantemente associada à variante baiana teixeirense, uma vez que, dos 8 participantes, 6 (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) fizeram tal associação. Um deles, inclusive, (FMM-1) relatou, durante a entrevista, que a esposa, a qual

tem origem baiana, utiliza a lexia “mungunzá” em vez de “canjica”. Vale observar que, no primeiro quadro relacionado à Questão 4, esse mesmo informante havia afirmado fazer uso tanto da lexia “canjica” quanto de “mungunzá” para referir-se a esse prato típico das Festas Juninas. A partir disso, infere-se que a convivência diária desse informante com a esposa (baiana) influencia-lhe o modo de falar, por isso o participante faz uso das duas lexias, uma (“canjica”) influenciada pela linguagem dos pais (por que, neste caso, tanto o pai quanto a mãe são originários de Minas Gerais); a outra (mungunzá), pela linguagem da esposa, que tem origem baiana.

Dos 8 participantes, 2 (1 do sexo feminino, e 1 do sexo masculino) afirmaram já terem ouvido a lexia “mungunzá”, porém não souberam dizer quem comumente faz uso de tal termo: se mineiros ou baianos teixeirenses.

A frequência das respostas apresentadas pelos informantes pode ser conferida na tabela a seguir:

Tabela 8 - Frequência das respostas dos informantes FMRTs perante as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Reconhece e usa a variante “canjica” – mineiros | 8 | 50 |
| Reconhece a variante “mungunzá” – baianos teixeirenses | 6 | 37,5 |
| Reconhece a variante “mungunzá” – não soube dizer quem fala assim | 2 | 12,5 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com a tabela 8, a maior frequência de repostas (50%) revela que os filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas não só reconhecem como também fazem uso da variante “canjica” ao se referirem à iguaria doce feita com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, prato tradicional das Festas Juninas, e relacionam o uso de tal lexia à variedade linguística mineira. Na condição de segunda maior frequência de variante reconhecida pelos entrevistados (37,5%), está a lexia “mungunzá”, a qual é associada pelos entrevistados à variedade linguística falada por baianos teixeirenses. A menor frequência de repostas (12,5%) refere-se àqueles que têm conhecimento da variante “mungunzá” com tal acepção, no entanto não souberam dizer quem faz uso dessa variante.

5.1.5 Questão 5 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A Questão 5 do QSL parte para o campo semântico “vestimenta”, apresentando a seguinte indagação: “Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente, usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola?” Após a resposta do informante, uma subpergunta era-lhe dirigida: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir delinea as respostas, respectivamente, obtidas.

Quadro 20 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | uniforme | não |
| FMF-2 | uniforme | farda |
| FMF-3 | uniforme | não |
| FMF-4 | uniforme | não |
| FMM-5 | uniforme | não |
| FMM-6 | farda | uniforme |
| FMM-7 | uniforme | não |
| FMM-8 | uniforme | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em conformidade com o quadro 20, dentre os 8 informantes, 7 (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), como primeira resposta, disseram utilizar a lexia “uniforme” para se referir à roupa padronizada que funcionários de determinada empresa, instituição ou estudantes de uma escola normalmente vestem. Desses 8 participantes, apenas 1 mencionou a lexia “farda” como primeira resposta. Depreende-se, a partir do exposto, que a maioria dos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, para tal significado, faz uso da variante “uniforme”.

Ainda conforme o quadro, em resposta à subpergunta, 6 informantes (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) afirmaram não utilizar qualquer outra lexia para a designação apresentada na pergunta. A lexia “farda” foi citada em segunda resposta por 1 participante (do sexo feminino); e a lexia “uniforme”, por 1 participante (do sexo masculino).

Percebe-se, a partir dessa análise, que dos 8 informantes, somente 2 (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) referem-se à supracitada vestimenta por meio de duas lexias: “uniforme” e “farda”.

Abaixo, a tabela 9 faz a exibição dos dados coletados numa distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 9 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 5 e a subpergunta 5.1 do QSL

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| uniforme | 8 | 80 |
| farda | 2 | 20 |
| Total | 10 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observa-se que, nas respostas imediatamente apresentadas pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, foram computadas 10 ocorrências da variável de resposta à questão 5 do QSL. Nesse contexto, a variante “uniforme”, com 80%, apresenta maior frequência de uso entre os indivíduos entrevistados. A variante “farda”, por sua vez, apresentou a menor frequência de uso entre os informantes, incidindo apenas sobre 20% dos indivíduos.

Além da pergunta de número 5 e sua subpergunta de número 5.1, a depender das respostas apresentadas pelos informantes, outras subperguntas eram realizadas a eles, quais sejam: “Já ouviu ‘farda’?”, “Quem fala assim?”; “E ‘uniforme’?”, “Quem fala assim?” Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, a qual, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “uniforme” e da “farda” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não.

No quadro abaixo, estão organizadas as respostas apresentadas a tais subperguntas.

Quadro 21 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | |
|--|---|--|
| Informante | 5.2 Já ouviu “farda”? Quem fala assim? | 5.3 Já ouviu “uniforme”? Quem fala assim? |
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros e baianos |
| FMM-5 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMM-6 | sim – não sabe dizer | sim – mineiros e baianos |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer | sim – não sabe dizer |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com o quadro 21, os 8 informantes já ouviram pessoas utilizarem a lexia “farda” para referenciar à vestimenta de funcionários de uma empresa, instituição ou de estudantes de uma escola. Desses 8 participantes, 6 (4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) associaram tal variante à variedade linguística baiana teixeirense; 2 participantes (ambos de

sexo masculino) relataram já terem ouvido a lexia, mas não souberam dizer quem, especificamente, faz uso dela: se mineiros ou baianos teixeirenses.

Vale mencionar que 1 informante (do sexo masculino — FMM-8) relatou já ter ouvido a lexia “farda” para tal designação; em observação, porém, explicou que a presença de tal lexia é mais comum na fala de pessoas idosas:

FMM-8: *Oh, eu já ouvi farda sim, mas quem fala assim normalmente é o povo mais velho, sabe? Não sei se é coisa de mineiro ou daqui da Bahia. Eu mesmo não uso.*

Infere-se, a partir do quadro, portanto, que a maioria dos informantes (6 – 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) associam a lexia “farda” à variedade linguística local, ou seja, à fala da comunidade baiana teixeirense. Em quantidade inferior, 2 informantes (ambos do sexo masculino) relataram já terem ouvido o termo, todavia não souberam dizer se a lexia é usada por mineiros ou por baianos teixeirenses.

Em se tratando da lexia “uniforme”, nota-se que a maior parte dos informantes (5 – 3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) associam-na à variedade linguística mineira, embora 2 participantes a tenham relacionado tanto à variedade mineira quanto à baiana teixeirense. Por fim, houve, ainda, 2 informantes (ambos do sexo masculino) que associassem a lexia à variedade mineira.

Os dados pertinentes ao quadro 21, na distribuição de frequência variável discreta, estão estruturados a seguir:

Tabela 10 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 5.2 e 5.3 do QSL

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Reconhece a variante “farda” – baianos teixeirenses | 6 | 37,5 |
| Reconhece e faz uso da variante “uniforme” – mineiros | 5 | 31,3 |
| Reconhece a variante “uniforme” – tanto mineiros quanto baianos teixeirenses | 2 | 12,5 |
| Reconhece a variante “farda”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 2 | 12,5 |
| Reconhece a variante “uniforme”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 1 | 6,2 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por meio da tabela 10, constata-se que a maior frequência nas respostas apresentadas pelos informantes filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas (37,5%) é aquela que reconhece a variante “farda” e associa o uso de tal lexia ao hábito linguístico de baianos teixeirenses. A segunda maior frequência de resposta (31,3%) é aquela que reconhece e faz uso da variante “uniforme”, relacionando seu uso aos falantes originários de Minas Gerais. Embora demonstre uma frequência bastante inferior às demais citadas, chama a atenção os 12,5% que

associam a variante “uniforme” tanto à cultura linguística mineira quanto à baiana teixeirense. Na mesma proporção, nota-se que 12,5% reconhecem a variante “farda”, não conseguindo, porém, identificar quem faz uso de tal lexia. A menor frequência (6,2%) recai sobre aqueles que reconhecem a variante “uniforme”, contudo não souberam definir quem faz uso dessa lexia.

5.1.6 Questão 6 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A questão 6 do QSL investiga qual lexia é empregada pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros quando estes se referem à lagartixa-doméstica-tropical⁶², pequeno réptil facilmente encontrado nas residências brasileiras, popularmente chamado de lagartixa-de-parede ou outros termos que podem variar de região para região do Brasil. Na mesorregião Central Mineira, de Minas Gerais — por exemplo em Nova serrana, Bom Despacho, Abaeté, Biquinhas e demais cidades da microrregião de onde a pesquisadora se origina geograficamente — é comum ouvir da população a lexia “catengo” para se referir ao supracitado réptil. Dessa forma, a pergunta realizada foi: “Que palavra você para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos?”

Apresentada a resposta, uma subpergunta era feita ao informante: “Há outro termo que você usa?”

O quadro adiante expõe, de maneira organizada, as lexias apresentadas pelos participantes do estudo tanto para a primeira quanto para a segunda indagação.

Quadro 22 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | largatixa | biba |
| FMF-2 | lagartixa | não |
| FMF-3 | lagartixa | biba |

⁶² “A lagartixa, lagartixa-de-parede ou lagartixa-doméstica-tropical é um tipo de lagarto da espécie *Hemidactylus mabouia* nativo do sul da África, mas que também está presente em partes da América do Sul e do Norte. Comumente encontrado em lares brasileiros, esse réptil de hábitos noturnos é inofensivo [...]. O animal pequeno de olhos grandes pode variar de dois a 12 centímetros dependendo de sua idade, pesando de quatro a cinco gramas. Para se camuflar, a lagartixa muda de cor, podendo variar entre marrom escuro e tons de branco, cinza e até rosa.” Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/lagartixa/>>. Acesso em: 8 out. 2024.

| | | |
|-------|-----------|---------|
| FMF-4 | lagartixa | taruíra |
| FMM-5 | lagartixa | não |
| FMM-6 | lagartixa | não |
| FMM-7 | lagartixa | não |
| FMM-8 | lagartixa | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

No quadro, a coluna com título “1ª Resposta” exhibe as lexias que foram imediatamente fornecidas em resposta à pergunta, enquanto a coluna intitulada “2ª Resposta” revela as lexias que os informantes mencionaram em relação à subpergunta 1.1: “Você utiliza algum outro termo?”.

Como se observa, todos os informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) fazem, majoritariamente, o uso da lexia “lagartixa” para fazer menção à lagartixa-doméstica-tropical. Todavia, nota-se, na primeira resposta apresentada pela informante FMF-1 (sexo feminino) um posicionamento diferente da consoante “r” na palavra, sendo ela deslocada da segunda sílaba para a primeira sílaba, conforme a fala da participante entrevistada. Esse tipo de pronúncia é comum na linguagem oral, porém é visto pelos dicionaristas e gramáticos como um desvio à norma padrão da língua portuguesa.

Normalmente, a lexia “largatixa”, assim pronunciada e do mesmo modo escrita, é mais recorrente na linguagem cotidiana de pessoas de baixa escolaridade ou na fala de indivíduos de têm forte convivência com tais pessoas. Decerto, a informante FMF-1 não se enquadra no primeiro caso, visto que — de acordo com informações de sua ficha cadastral, enquanto participante da pesquisa — seu nível de instrução escolar está acima da educação básica, posto que a informante relatou estar cursando o ensino superior. Diante disso, o seu modo de falar — neste caso, “largatixa” em vez de “lagartixa” — provavelmente tem relação com a convivência da informante com pessoas que assim falam. Cabe ressaltar, contudo, que tal afirmação não deve ser tomada como uma certeza, pois o uso da língua e de suas variações, conforme já discutido nesta pesquisa, pode sofrer influências diversas, logo, para se expressar qualquer certeza a esse respeito seria necessário maiores investigações nesse sentido, não sendo este o intento desta pesquisa.

Conforme a segunda coluna do quadro, outras lexias utilizadas para designar o referido réptil são: “biba” e “taruíra”. A primeira foi mencionada por 2 informantes (ambos do sexo feminino); a segunda, por 1 só informante (também do sexo feminino). A maioria dos participantes (5, sendo 1 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) afirmaram não fazerem uso de outra lexia para se referir ao réptil.

Exibe-se, adiante, os dados coletados numa distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 11 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 6 e a subpergunta 6.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| lagartixa | 8 | 72,7 |
| biba | 2 | 18,2 |
| taruíra | 1 | 9,1 |
| Total | 11 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela 11, entre os filhos de migrantes mineiros residentes em Teixeira de Freitas, a variante com maior frequência para designar o pequeno réptil normalmente visto nas paredes das residências brasileiras é a lexia “lagartixa”, com 72,7%. Como o caráter desta pesquisa é semântico-lexical, e não fonético-fonológico, a variante “largatixa”, apresentada pela informante FMF-1, foi contabilizada junto à variante “lagartixa”. As demais variantes apresentaram um percentual de frequência bastante inferior, sendo elas: biba (18,2%) e a variante “taruíra”, que registrou 9,1%, a menor frequência de uso.

No quadro a seguir, estão organizadas as respostas que os informantes apresentaram a estas subperguntas: 6.2 “Já ouviu “catengo”? / Quem fala assim?; 6.3 “Já ouviu “biba”? / Quem fala assim?; 6.4 “Já ouviu “taruíra”? / Quem fala assim? Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, que, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “catengo” e “biba” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não. A variante “taruíra” não havia sido prevista com resposta a esta questão; pois, apesar de a pesquisadora já ter ouvido essa variante em Teixeira de Freitas, ela a associava a outro réptil maior, em Minas, conhecido como “calango”.

Quadro 23 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 6.2, 6.3 e 6.4 da Questão 6 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 6.2 e 6.3 da Questão 6 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | | |
|--|---|--|---|
| Informante | 6.2 Já ouviu “catengo”? Quem fala assim? | 6.3 Já ouviu “biba”? Quem fala assim? | 6.3 Já ouviu “taruíra”? Quem fala assim? |
| FMF-1 | não | sim – baianos teixeirenses | não |
| FMF-2 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-3 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer |
| FMF-4 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-5 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-6 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer |
| FMM-7 | não | sim – baianos teixeirenses | não |
| FMM-8 | não | sim – não sabe dizer | sim – não sabe dizer |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Averiguando o quadro, constata-se que a lexia “catengo” (1ª coluna) — usada em parte de Minas Gerais para designar a lagartixa-doméstica-tropical — não é conhecida por nenhum

dos 8 informantes interrogados. Já a lexia “biba” (coluna do meio) é de conhecimento de todos os participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, de modo que 7 deles (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) afirmaram que essa variante é tipicamente utilizada na fala de baianos teixeirenses. Apenas 1 dos 8 informantes (sendo ele do sexo masculino) declarou não saber dizer quem faz uso da lexia “biba” para designar o réptil sobre o qual se trata.

Observa-se, na última coluna, que a lexia “taruíra” é de conhecimento de 6 dos 8 informantes. Desses 6 (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), 3 (2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) afirmaram tratar-se de uma variante baiana teixeirense; ao passo que os outros 3 (1 do sexo feminino e 2 do sexo masculino), apesar de já terem ouvido a lexia, declararam não saber exatamente quem faz uso dela. Dos 8 informantes, 2 (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) nunca ouviram a lexia “taruíra”.

Todos esses dados, para uma análise mais precisa, estão tabulados abaixo:

Tabela 12 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 6.2, 6.3 e 6.4 da Questão 6 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Nunca ouviu a variante “catengo” | 8 | 33,3 |
| Reconhece a variante “biba” – baianos teixeirenses | 7 | 29,2 |
| Reconhece a variante “taruíra” – baianos teixeirenses | 3 | 12,5 |
| Reconhece a variante “taruíra”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 3 | 12,5 |
| Nunca ouviu a variante “taruíra” | 2 | 8,3 |
| Reconhece a variante “biba”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 1 | 4,2 |
| Total | | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A tabela 12 indica que 33,3 %, a maior frequência de repostas, incide sobre os filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas que não reconhecem a variante “catengo”, pois nunca ouviram alguém fazer uso de tal lexia para designar o pequeno réptil anteriormente citado. Abaixo desse percentual, estão os 29,2% dos entrevistados que afirmaram ter conhecimento da variante “biba” e associam o uso dessa lexia ao modo de falar da comunidade baiana teixeirense. As demais frequências são inferiores, sendo distribuídas na mesma proporção entre aqueles que reconhecem a variante “taruíra” e a associam ao falar baiano teixeirense e aqueles que, embora a reconheçam, não souberam dizer quem faz uso dela, 12,5% cada. Os números mais baixos da escala simbolizam aqueles que nunca ouviram a variante “taruíra” (8,3%) e aqueles que, apesar de reconhecerem a variante “biba”, não souberam afirmar quem faz uso da lexia (4,2%).

A partir dos quadros 22 e 23, bem como das tabelas 11 e 12, portanto, certifica-se que “lagartixa” é a lexia predominantemente utilizada pelos informantes residentes em Teixeira de

Freitas filhos de migrantes mineiros para fazer alusão à lagartixa-doméstica-tropical. Nota-se, ainda, que a variante “biba” é razoavelmente popular em Teixeira de Freitas, sendo ela associada à fala de baianos teixeirenses com o mesmo significado de “lagartixa”.

5.1.7 Questão 7 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A questão 7 indagava aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros o seguinte: “Quais palavras você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você?” Dadas as respostas a essa pergunta, era dirigida uma subpergunta aos participantes: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro abaixo organiza e expõe as lexias apresentadas como respostas a tais perguntas.

Quadro 24 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|---------------|---------------------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | mãe e pai | não |
| FMF-2 | mãe e pai | mamãe e papai |
| FMF-3 | mãe e pai | não |
| FMF-4 | mãe e pai | às vezes, mamãe e papai |
| FMM-5 | mãe e pai | mamãe e papai, mas é raro |
| FMM-6 | mamãe e papai | mãe e pai |
| FMM-7 | mãe e pai | mainha e papai |
| FMM-8 | mãe e pai | veia e veio |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Respondendo à primeira indagação, conforme o quadro, 7 informantes (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) declararam usar as lexias “mãe e pai” para se dirigirem ou se referirem a seus genitores de sexo feminino e masculino, respectivamente. Quanto aos demais, constata-se que 1 participante (de sexo masculino — FMM-6) respondeu usar as lexias “mamãe e papai”.

Como resposta à subpergunta, verifica-se maior diversidade nas lexias apresentadas, uma vez que 2 informantes (ambos do sexo feminino) declararam não fazer uso de outras lexias para se referir ou se dirigir a seus genitores, 3 informantes (2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) disseram usar as lexias “mamãe e papai”, sendo que um deles (de sexo feminino) destaca usar esses termos somente “às vezes”, ou seja, com menos frequência que as lexias “pai

e mãe”, e outro (do sexo masculino) ressalta usar “papai e mamãe”, porém “raramente”. Além disso, para a subpergunta, 1 informante (do sexo masculino) respondeu usar as lexias “mãe e pai”, e 1 informante (do sexo masculino) alegou usar as lexias “veio e veia” para se dirigir a seus genitores. Observa-se, ainda, que 1 participante (do sexo masculino — FMM-7), em resposta à subpergunta, afirmou usar as lexias “mainha e papai” e, quando questionado sobre por que não se dirigia ao genitor de forma semelhante à genitora, ou seja, no diminutivo, explicou:

FMM-7: *Ah, num sei por quê, mas eu passei a dizer “mainha” mais recentemente, na infância não falava assim. Talvez eu tenha ouvido os meus amigos usarem e em certo momento então passei a usar também (riu), porque isso aqui em Teixeira é comum. Mas para falar com meu pai eu não uso, porque parece esquisito, num sei.*

Organizando os dados do quadro 24 numa distribuição de frequência variável discreta, os resultados são:

Tabela 13 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 7 e a subpergunta 7.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|----------------|-------------|----|
| mãe e pai | 8 | 57 |
| mamãe e papai | 4 | 29 |
| mainha e papai | 1 | 7 |
| veia e veio | 1 | 7 |
| Total | 14 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observa-se, conforme a tabela 13, que, nas respostas emitidas pelos entrevistados residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, foram coletadas 14 ocorrências da variável suscetível a responder à questão 7 do QSL. Nessa conjuntura, as variantes “mãe e pai” apresentam maior frequência de uso entre esses indivíduos, equivalendo a 57% das respostas. Verifica-se também que as lexias “mamãe e papai” estão na posição de segunda maior frequência de uso, com 29%. Os demais pares de variantes coletados demonstram a menor frequência de uso, sendo “mainha/papai” e “veia/veio”, cada um com proporcionais 7% de ocorrências.

Com frequência de uso significativamente maior, as variantes linguísticas “mãe” e “pai”, se comparadas a “mainha” e “painho”, podem ser vistas como representações de uma hegemonia linguística. Isso ocorre por várias razões, as quais envolvem aspectos sociais, culturais e até históricos. Nesse contexto, vale refletir um pouco sobre o predomínio de tais variantes:

- Padrões de prestígio: as formas "mãe" e "pai" são consideradas mais corretas em contextos formais, enquanto "mainha" e "painho" são vistas como menos prestigiadas.
- Representação cultural: as variantes "mainha" e "painho" refletem a cultura nordestina, mas são frequentemente marginalizadas em relação à norma padrão, o que desvaloriza identidades culturais específicas.
- Educação e acesso ao ensino escolar: o ensino formal privilegia a norma padrão, inibindo o uso de variantes não padrão.
- Estigmatização: as variantes regionais enfrentam preconceito, sendo comumente associadas à falta de instrução escolar, o que pode ocasionar vergonha por parte dos falantes.
- Identidade e poder: a linguagem está relacionada à identidade e às desigualdades sociais, sendo as variantes 'inferiores' comumente associadas a grupos marginalizados.

Em resumo, a comparação entre "mãe" e "pai" com as variantes "mainha" e "painho" ilustra como as normas linguísticas podem refletir e perpetuar hierarquias sociais, culturais e econômicas. A hegemonia linguística, portanto, não é apenas uma questão de variação linguística, mas também de poder e identidade.

O próximo quadro, ainda referente à questão 7, organiza as respostas que os informantes apresentaram à subpergunta 7.2 “Já ouviu “mainha” e “painho”? Quem fala assim? Essa subpergunta foi elaborada conforme hipótese de resposta previamente levantada pela pesquisadora, a qual, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “mainha” e “painho” nas respostas dos informantes.

Quadro 25 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 7.2 da Questão 7 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 7.2 da Questão 6 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | |
|--|---|
| Informante | 7.2 Já ouviu “mainha e painho”? Quem fala assim? |
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-5 | sim – minha esposa fala assim, baianos teixeirenses |
| FMM-6 | sim – baianos teixeirenses, tipo minha esposa |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses |
| FMM-8 | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Nesse quadro, verifica-se que, de forma geral, os 8 informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros (4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) já ouviram as lexias “mainha” e “painho” sendo utilizadas por alguns falantes quando estes fazem referência ou se dirigem a seus genitores. Também de modo geral, esses 8 informantes associaram tais lexias à cultura linguística de falantes baianos teixeirenses. Desses 8 participantes da pesquisa, inclusive, 2 deles (ambos do sexo masculino) associaram essa maneira de falar às suas esposas que, segundo eles, são baianas nascidas em Teixeira de Freitas e filhas de pais baianos.

A frequência das respostas apresentadas pelos informantes está projetada na tabela 14:

Tabela 14 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 7.2 da Questão 7 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|-----|
| Reconhece as variantes “mainha/painho” – baianos teixeirenses | 8 | 100 |
| Total | 8 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conclui-se, a partir disso, que as variantes “mainha” e “painho”, na perspectiva dos filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas, são lexias características de falantes baianos teixeirenses, sendo 100% a frequência de representação desse parecer.

5.1.8 Questão 8 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A pergunta de número 8 questiona aos participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros o seguinte: “Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio?”

Após apresentarem uma resposta para tal indagação, uma subpergunta era dirigida aos participantes do estudo: “Há outro termo que você usa?”

No quadro adiante, vê-se o que os informantes apresentaram como resposta para tais perguntas.

Quadro 26 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|---------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | blusa de frio | não |

| | | |
|-------|---------------|---------------|
| FMF-2 | casaco | blusa de frio |
| FMF-3 | blusa de frio | não |
| FMF-4 | casaco | não |
| FMM-5 | casaco | jaqueta |
| FMM-6 | blusa de frio | não |
| FMM-7 | casaco | não |
| FMM-8 | casaco | blusa de frio |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Respondendo à pergunta de número 8, como se pode notar no quadro, 5 informantes (2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) apresentaram a lexia “casaco” para designar a peça de roupa usada da cintura para cima quando faz frio. Diferentemente disso, 3 participantes (2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) responderam à pergunta, apresentando a expressão lexical “blusa de frio”.

Quando indagados se usavam outro termo para se referirem à tal peça de roupa, 5 informantes (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) disseram que “não”, dando a entender que habitualmente se referiam a tal vestimenta de uma única forma, a lexia inicialmente apresentada. Quanto aos demais participantes, 2 (1 de sexo feminino e 1 de sexo masculino) afirmaram usar também a expressão lexical “blusa de frio”; e 1 informante (do sexo masculino) declarou utilizar também a lexia “jaqueta”.

Visualiza-se, abaixo, a tabela de frequência das variantes coletadas.

Tabela 15 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 8 e a subpergunta 8.1 do QSL

| Variantes | Ocorrências | % |
|---------------|-------------|------|
| blusa de frio | 5 | 45,5 |
| casaco | 5 | 45,5 |
| jaqueta | 1 | 9 |
| Total | 11 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em análise da tabela 15, constata-se que as variantes “blusa de frio” e “casaco” são, na mesma proporção (45,5% cada), as lexias majoritariamente utilizadas pelos filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas para representar, em linguagem verbal, a peça de roupa usada da cintura para cima quando a temperatura climática está fria. No quadro 25, nota-se, inclusive, que a expressão “blusa de frio” foi mencionada como lexia opcional a “casaco” por 2 participantes (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino). Dentre as respostas apresentadas, a variante “jaqueta” aparece com menor frequência de uso, pois incide sobre apenas 9% das repostas apresentadas, ainda assim como variante opcional a “casaco”.

Adiante, um novo quadro organiza as respostas que os participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros apresentaram às subperguntas: 8.2 “Já ouviu ‘capote’? / Quem fala assim?; 8.3 “E ‘blusa de frio’, quem fala assim?; 8.4 “E ‘casaco’, quem

fala assim?” Essas subperguntas foram elaboradas conforme hipóteses de respostas previamente levantadas pela pesquisadora, que, sendo uma migrante mineira residente em Teixeira de Freitas, por experiência linguística própria, havia previsto evidências das variantes “blusa de frio”, “casaco” e “capote” nas respostas dos informantes; algumas confirmadas, outras não.

Quadro 27 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | | |
|--|---|---|--|
| Informante | 8.2 Já ouviu “capote”? Quem fala assim? | 8.3 “E ‘blusa de frio’, quem fala assim?” | 8.4 “E ‘casaco’, quem fala assim?” |
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses | acho que mineiros | baianos teixeirenses |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | mineiros | baianos teixeirenses |
| FMF-3 | sim – não sabe dizer. | mineiros | baianos teixeirenses |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses, porém as pessoas mais velhas. | mineiros | baianos teixeirenses e mineiros também |
| FMM-5 | sim – baianos teixeirenses | com certeza, mineiros | baianos teixeirenses |
| FMM-6 | sim – não sabe dizer. | mineiros | baianos teixeirenses |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses | mineiros | baianos teixeirenses |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer. | mineiros | mineiros e baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Com base no quadro 27, a lexia “capote”, denotando a peça de roupa usada da cintura para cima em dias frios, é de conhecimento dos informantes, pois todos eles confirmaram já terem ouvido o termo como sinônimo de “casaco” ou “blusa de frio”. Desses 8 informantes, 5 (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) associaram tal lexia à cultura linguística de baianos teixeirenses, um deles, inclusive, relatou que tal lexia é mais comum entre falantes idosos, o que o informante chama de “pessoas mais velhas”. Os outros 3 informantes (1 de sexo feminino e 2 de sexo masculino) declararam que, apesar de já terem ouvido a lexia “capote”, não sabem ou não se lembram exatamente quem usa essa variante, logo não conseguiam dizer se o uso de tal lexia tem relação com a cultura linguística mineira ou com a baiana.

Esse e os demais dados expostos no quadro 26 encontram-se estruturados na distribuição de frequência variável discreta, conforme a tabela 16, abaixo:

Tabela 16 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Associa a variante “blusa de frio” à variedade linguística mineira | 8 | 33,3 |
| Associa a variante “casaco” à variedade linguística baiana teixeirense | 6 | 25 |
| Reconhece a variante “capote” – baianos teixeirenses | 5 | 20,9 |
| Reconhece a variante “capote”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 3 | 12,5 |
| Associa a variante “casaco” tanto à fala mineira quanto à baiana teixeirense | 2 | 8,3 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se observa, a maior frequência nas respostas apresentadas pelos informantes filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas (33,3%) incide sobre aqueles que relacionam a variante “blusa de frio” à cultura linguística mineira. A segunda maior frequência de resposta (25%) é representada por aqueles que associam a variante “casaco” ao jeito baiano teixeirense de falar. Próximo a esse percentual estão os 20,9% que, reconhecendo a variante “capote”, associaram-na à variedade linguística baiana teixeirense. As demais respostas revelam uma frequência inferior: 12,5% e 8,3%, que representam, respectivamente, aqueles que, embora reconhecessem a variante “capote”, não souberam dizer quem fala de tal forma; e, por último, aqueles que relacionam a variante “casaco” tanto ao modo de falar mineiro quanto ao baiano teixeirense.

5.1.9 Questão 9 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros

A penúltima questão do QSL, primeiramente, indaga aos informantes filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas: “Quando um estudante precisa complementar os estudos com um professor extra e individual, você diz que esse estudante precisa de quê?” Apresentada a resposta a essa pergunta, uma subpergunta era feita ao participante da pesquisa: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro abaixo expõe as respostas que foram apresentadas a essas interrogações, respectivamente.

Quadro 28 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-----------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | reforço | não |
| FMF-2 | reforço | banca |
| FMF-3 | reforço | aula particular |
| FMF-4 | reforço | banca |
| FMM-5 | reforço | não |
| FMM-6 | reforço | não |
| FMM-7 | reforço | banca |
| FMM-8 | reforço | aula particular |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com as respostas acima organizadas, os 8 participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, tanto do sexo masculino quanto do sexo

feminino, usam a lexia “reforço” quando falam de estudo complementar realizado por estudantes com o apoio de um professor auxiliar.

Como lexia opcional, respondendo se usavam também outro termo para tal, 3 informantes (2 de sexo feminino e 1 de sexo masculino) mencionaram a lexia “banca”; 3 (1 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) afirmam não usar outro termo; e 2 participantes (1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) apresentaram a expressão lexical “aula particular”.

Visando a uma análise mais exata, os dados do quadro 28 estão quantificados adiante:

Tabela 17 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 9 e a subpergunta 9.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|-----------------|-------------|------|
| reforço | 8 | 61,5 |
| banca | 3 | 23,1 |
| aula particular | 2 | 15,4 |
| Total | 13 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Constata-se, a partir da análise da tabela 17, que a variante “reforço”, com frequência de 61,5%, é a lexia majoritariamente presente na fala dos participantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros, denotando estudo extra realizado por estudantes com o auxílio de um professor suplementar. A variante “banca” é registrada com um percentual de frequência notavelmente inferior, 23,1%; porém a menor frequência incorre na variante “aula particular”, com 15,4%.

Questionados sobre quais falantes habitualmente fazem uso das lexias “banca” e “aula particular”, os informantes apresentaram respostas que foram organizadas no quadro adiante.

Quadro 29 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 9.2 e 9.3 da Questão 9 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 9.2 e 9.3 da Questão 9 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | | |
|--|---|---|-----------------------------------|
| Informante | 9.2 Já ouviu “banca”? Quem fala assim? | 9.3 Já ouviu “aula particular”? Quem fala assim? | 9.4 E “reforço”, quem fala assim? |
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros | mineiros |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros | mineiros |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros | mineiros e baianos teixeirenses |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer. | mineiros e baianos teixeirenses |
| FMM-5 | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros | mineiros |
| FMM-6 | sim – não sabe dizer. | sim – não sabe dizer. | mineiros |
| FMM-7 | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer. | mineiros e baianos teixeirenses |
| FMM-8 | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer. | mineiros |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme os dados organizados no quadro, os 8 informantes filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas declararam já terem ouvido pessoas dizerem que um estudante necessita fazer “banca” quando este requer um estudo complementar com o auxílio de um

professor extra. Desses 8 participantes, 7 (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) associam essa forma de falar à cultura linguística de baianos teixeirenses, e 1 informante não soube identificar quem fala de tal maneira.

Quanto à expressão lexical “aula particular”, 4 informantes (3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) associaram-na à fala de mineiros, já os outros 4 (1 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) declaram não saber identificar quem fala de tal forma. A variante “reforço” ora é associada à variedade linguística mineira, ora é relacionada tanto à fala mineira quanto à baiana teixeirenses, a primeira sob afirmação de 5 informantes (2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino); a outra é evidenciada na resposta de 3 informantes (2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino).

Os resultados coletados estão estruturados a seguir, em uma distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 18 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Reconhece a variante “banca” – baianos teixeirenses | 7 | 29,2 |
| Associa a variante “reforço” à variedade linguística mineira | 5 | 20,8 |
| Reconhece a variante “aula particular” – mineiros | 4 | 16,7 |
| Reconhece a variante “aula particular”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 4 | 16,7 |
| Associa a variante “reforço” tanto à fala mineira quanto à baiana teixeirense | 3 | 12,5 |
| Reconhece a variante “banca”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 1 | 4,1 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A disposição dos dados na tabela evidencia que a maior frequência das respostas apresentadas pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros (29,2%) sobleva o reconhecimento da variante “banca” como termo que designa o estudo complementar realizado com acompanhamento profissional para fixar e praticar melhor os conteúdos disciplinares da escola e associam o uso dessa lexia ao costume linguístico de baianos teixeirenses. A segunda maior frequência de respostas (20,8%) destaca o reconhecimento da variante “reforço”, relacionando o uso da lexia ao hábito linguístico de mineiros. As outras respostas demonstraram frequência inferior, com proporcional incidência de 16,7% sobre o reconhecimento da variante “aula particular” associada a falantes mineiros, e 16,7% sobre o reconhecimento dessa mesma variante, porém sem conseguir identificar quem faz uso dela. Nota-se, ainda, 12,5% de frequência sobre a associação da variante “reforço” tanto à fala mineira quanto à baiana teixeirense e, por fim, a menor frequência (4,1%) recai no reconhecimento da variante “banca”, sem, contudo, conseguir especificar quem faz uso dessa lexia com tal significação.

A partir dessa análise, destaca-se que a lexia “banca” (ou “fazer banca”), como sinônimo de reforço (ou “fazer reforço escolar”) é uma variante baiana teixeirense, ao passo que “aula particular” é vista pelos informantes como uma variante mineira.

5.1.10 Questão 10 do QSL aplicado aos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos migrantes de mineiros

A última questão do QSL questiona aos informantes: “Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários?” Respondida essa questão, uma subpergunta era dirigida aos participantes: “Há outro termo que você usa?”

Apresenta-se, adiante, um quadro que compõe as lexias coletadas nas repostas dos participantes da pesquisa.

Quadro 30 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| FMF-1 | mandioca | não |
| FMF-2 | mandioca | não |
| FMF-3 | mandioca | não |
| FMF-4 | mandioca | não |
| FMM-5 | mandioca | aipim |
| FMM-6 | mandioca | aipim |
| FMM-7 | mandioca | não |
| FMM-8 | mandioca | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com os dados organizados no quadro, os 8 informantes utilizam a lexia “mandioca” para designar a raiz tuberosa usada na culinária como alimento ou na produção de farinha e polvilho. Desses 8 participantes, 6 (4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) afirmaram não usar outro termo além de “mandioca”; por outro lado, 2 informantes, ambos do sexo masculino, alegaram utilizar também a lexia “aipim” para se referir à supracitada raiz.

Faz-se, adiante, a exposição dos dados numa tabela de distribuição de frequência variável discreta:

Tabela 19 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 10 e a subpergunta 10.1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|-----------|-------------|----|
| mandioca | 8 | 80 |

| | | |
|--------------|----|----|
| aipim | 2 | 20 |
| Total | 10 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Visualiza-se, na leitura da tabela 19, que, nas respostas prontamente emitidas pelos informantes residentes em Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, foram computadas 10 ocorrências da variável pertinente a responder à questão 10 do QSL, sendo registradas 2 variantes. Nota-se, nesse contexto, que a lexia “mandioca”, com 80%, é a variante que apresenta maior frequência de uso entre os entrevistados quando estes falam sobre a espécie de raiz comestível também muito utilizada na produção de farinha e polvilho. Já a variante “aipim”, com a mesma acepção, assinala a menor frequência de uso entre os informantes: 20%.

Fica claro, portanto, que a lexia “mandioca” é predominantemente empregada pelos filhos de mineiros residentes em Teixeira de Freitas para designar a referida raiz.

Como a maioria dos informantes relatou fazer uso apenas da variante mandioca, as subperguntas da questão 10 foram realizadas desta forma: “Já ouviu aipim?” / “Quem fala assim?”; “E mandioca, quem fala assim?”

O quadro abaixo apresenta as respostas coletadas.

Quadro 31 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas às subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL.

| Lexias presentes nas respostas das subpergunta 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL e a associação das lexias ou à fala mineira, ou à fala baiana teixeirense | | |
|---|--|--|
| Informante | 10.2 Já ouviu “aipim”? Quem fala assim? | 10.3 “E mandioca, quem fala assim?” |
| FMF-1 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMF-2 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMF-3 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMF-4 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMM-5 | sim – baianos teixeirenses | mineiros |
| FMM-6 | sim – baianos teixeirenses | mineiros e baianos teixeirenses também |
| FMM-7 | sim – não sabe dizer. | mineiros |
| FMM-8 | sim – não sabe dizer. | baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Nota-se, a partir dos dados organizados no quadro, que a lexia “aipim” é predominantemente associada à fala de baianos teixeirenses, sendo isso afirmado por 6 informantes (4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino); apenas 2 participantes afirmaram não saber exatamente quem usa tal lexia: se mineiros ou baianos.

Já a lexia “mandioca” foi majoritariamente relacionada à fala de mineiros, visto que essa vinculação é verificada nas respostas de 7 participantes (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino). Um desses informantes (FMM-2) afirma que a lexia “mandioca” é utilizada tanto por mineiros quanto por baianos e apresenta a seguinte justificativa para tal afirmação:

FMM-6: *Aqui em Teixeira o povo fala mandioca e aipim, mas para eles parece que é diferente... acho que para eles mandioca é de fazer polvilho e farinha... aipim é de comer.*

Conforme a ficha cadastral de FMM-6, esse informante é casado com uma mulher baiana, assim como FMM-5 também o é. Talvez por esse motivo, ao responder as perguntas, ambos tenham mencionado as lexias “mandioca” e “aipim”, todavia apenas FMM-6 explicou que as duas lexias, apesar de serem usadas por baianos teixeirenses e representarem o mesmo significado (a raiz tuberosa usada para a alimentação), elas se diferenciam conforme sua função culinária e preparo para a alimentação: se é para farinha e polvilho, tem-se a “mandioca”; se é para fritar ou cozinhar, tem-se o “aipim”.

Consta, abaixo, a frequência das respostas apresentadas pelos informantes:

Tabela 20 - Frequência das respostas apresentadas pelos informantes FMRTs perante as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Reconhece a variante “aipim” – baianos teixeirenses | 6 | 37,5 |
| Associa a variante “mandioca” à variedade linguística mineira | 6 | 37,5 |
| Reconhece a variante “aipim”, mas não soube dizer quem faz uso dela | 2 | 12,4 |
| Associa a variante “mandioca” tanto à fala mineira quanto à baiana teixeirense | 1 | 6,3 |
| Associa a variante “mandioca” a baianos teixeirenses | 1 | 6,3 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir da análise da tabela 20, observa-se que as duas respostas mais recorrentes, cada uma com frequência de 37,5%, indicam que os filhos de mineiros que vivem em Teixeira de Freitas identificam a variante “aipim” para se referir à raiz anteriormente citada e relacionam o uso de tal lexia à variedade linguística baiana teixeirense. Da mesma forma, tais indivíduos reconhecem a variante “mandioca” para designar tal raiz, porém associam essa última lexia ao modo mineiro de falar. Foram registradas com frequência inferior (12,4%) as respostas daqueles que afirmaram conhecer a variante “aipim”, mas não souberam tipificar quem faz uso dela. Finalmente, a menor frequência de respostas (6,3%) distribuiu-se, proporcionalmente, entre duas categorias: os que relacionam a variante “mandioca” tanto à variedade linguística mineira quanto à baiana teixeirense e aqueles que identificam essa mesma variante com o modo de falar baiano teixeirense.

Salienta-se, portanto, que as lexias “mandioca” e “aipim” são, majoritariamente, entendidas como sinônimas pelos residentes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, sendo esta identificada como uma variante baiana teixeirense; e aquela, como uma variante mineira.

5.2 Célula secundária: mineiros residentes em Teixeira de Freitas

Doravante, apresentam-se os dados coletados nas entrevistas realizadas com os informantes secundários deste estudo: mineiros residentes em Teixeira de Freitas, genitores dos informantes principais. Houve necessidade de realizar a aplicação do QSL também aos informantes secundários para que, por meio das respostas dos genitores dos indivíduos que constituem a célula principal da pesquisa, fosse possível comparar as respostas destes às respostas de seus pais mineiros. Esse método permitirá que se analise pontualmente a existência ou não de influência linguística, em aspecto semântico-lexical, dos genitores mineiros sobre a linguagem de seus filhos, habitantes da cidade baiana de Teixeira de Freitas. Esse paralelo, além disso, contribuirá para que se verifique a proporção dessa influência, caso ela se faça presente.

Os códigos MRTF-F e MRTF-M referem-se, respectivamente, aos informantes “mineiros residentes em Teixeira de Freitas de sexo feminino” e aos “mineiros residentes em Teixeira de Freitas de sexo masculino”, sendo eles ou mãe ou pai dos informantes filhos de migrantes mineiros já entrevistados. Um número que define a sequência em que esses indivíduos foram entrevistados acompanha os referidos códigos, por exemplo: MRTF-F-1, MRTF-M-5 etc. Cada participante foi entrevistado individualmente, no intuito de que as respostas de cada um não sofressem influências entre si.

O QSL elaborado para entrevistar os pais migrantes mineiros residentes em Teixeira de Freitas é o mesmo utilizado para entrevistar os residentes de Teixeira filhos desses mineiros. Assim sendo, apresentam-se as perguntas numeradas como anteriormente e as respostas dos informantes, do mesmo modo, organizadas em quadros, sendo estes seguidos de tabelas que projetam as frequências percentuais das ocorrências das lexias coletadas nas entrevistas em que o QSL foi aplicado. A coluna que ordena os mineiros genitores dos informantes filhos de migrantes mineiros segue a mesma ordem das colunas em que seus filhos foram organizados, por exemplo: MRTF-F-1 é mãe de FMF-1; MRTF-M-2 é pai de FMF-2 e assim por diante. Nesse ensejo, cabe evidenciar que, dos genitores mineiros que aceitaram participar da pesquisa, a maior parte é do sexo feminino, ou seja, são mães dos informantes filhos de mineiros anteriormente entrevistados.

5.2.1 QSL aplicado aos mineiros residentes em Teixeira de Freitas (pai ou mãe)

5.2.1.1 **Questão 1:** “Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê?”

Dada a resposta, a subquestão 1.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir expõe as respostas coletas:

Quadro 32 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-----------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | agitada | não |
| MRTF-M-2 | custosa | danada |
| MRTF-F-3 | peralta | custosa |
| MRTF-F-4 | levada | custosa |
| MRTF-M-5 | traquina | custosa |
| MRTF-F-6 | arteira | custosa, levada |
| MRTF-F-7 | sapeca | teimosa, danada |
| MRTF-F-8 | levada | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

No quadro, a coluna intitulada como “1ª Resposta” mostra as lexias que foram apresentadas de imediato perante a pergunta, já a coluna intitulada como “2ª resposta” apresenta as lexias que os informantes apresentaram perante a subpergunta 1.1: “Há outro termo que você usa?”.

Tabela 21 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| custosa | 5 | 31 |
| levada | 3 | 18,7 |
| danada | 2 | 12,5 |
| agitada | 1 | 6,3 |
| peralta | 1 | 6,3 |
| traquina | 1 | 6,3 |
| arteira | 1 | 6,3 |
| sapeca | 1 | 6,3 |
| teimosa | 1 | 6,3 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se pode observar, nas respostas dos mineiros residentes em Teixeira de Freitas, foram apresentadas 9 variantes para definir a criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar, somando um total de 16 ocorrências coletadas nas respostas da questão 1 e da subquestão 1.1. Dessas 16 ocorrências, a maior frequência (31%) concentra-se na variante

“custosa”, e a menor frequência (6,3%) é igualmente reincidente nas variantes “agitada”, “peralta”, “traquina”, “arteira”, “sapeco” e “teimosa”, demonstrando uma menor adesão dessas lexias por parte dos entrevistados. As variantes “levada” e “danada” apresentaram frequências de uso intermediárias, sendo a incidência de cada uma 18,7% e 12,5%, respectivamente.

Também foram realizadas estas subperguntas:

“Já ouviu ‘criança custosa’?”. Se a resposta fosse positiva, perguntava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘criança malina’?”. Caso a resposta fosse positiva, indagava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas coletadas estão organizadas no quadro adiante.

Quadro 33 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 1.2 e 1.3 | | |
|---|----------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 1.2 | Respostas para 1.3 |
| MRTF-F-1 | sim – não sabe dizer | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – não sabe dizer | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – não sabe dizer | sim – não sabe dizer |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 22 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 1.2 e 1.3 da Questão 1 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|----|
| Já ouviu “malina”, baianos teixeirenses | 7 | 44 |
| Já ouviu “custosa” – mineiros | 5 | 31 |
| Já ouviu “custosa”, mas não sabe dizer quem fala assim | 3 | 19 |
| Já ouviu “malina”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 6 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Verifica-se, por intermédio dos dados contidos no quadro e na tabela, que 44%, a maior frequência de respostas, corrobora o reconhecimento da variante “malina” para designar a criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar, sendo o uso dessa lexia associado à cultura linguística de baianos teixeirenses. A segunda maior frequência (31%) confirma o reconhecimento da variante “custosa” com essa mesma acepção, e relaciona o emprego de tal lexia à cultura linguística dos mineiros. Em frequências notavelmente inferiores (19% e 6%), está o reconhecimento dessas duas variantes (“malina” e “custosa”), sem que os entrevistados conseguissem definir quem faz uso desses termos.

Pressupõe-se, a partir dessa análise, que, na visão dos mineiros residentes em Teixeira de Freitas, as lexias “malina” e “custosa” são variantes que qualificam a criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar, sendo esta última uma variante mineira; e aquela, uma variante baiana teixeirense.

5.2.1.2 **Questão 2:** “Qual é o nome da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon?”

Apresentada a resposta, era realizada a subpergunta 2.1: “Há outro termo que você usa?”

Os dados coletados nas respostas apresentadas para a questão 2 e para a subquestão 2.1 estão organizados abaixo.

Quadro 34 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|----------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | franbacon | não |
| MRTF-M-2 | medalhão | franbacon |
| MRTF-F-3 | franbacon | usava medalhão |
| MRTF-F-4 | franbacon | não |
| MRTF-M-5 | franbacon | medalhão |
| MRTF-F-6 | medalhão | franbacon |
| MRTF-F-7 | franbacon | medalhão |
| MRTF-F-8 | franbacon | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 23 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FMRTs perante a Questão 2 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| franbacon | 8 | 61,5 |
| medalhão | 5 | 38,5 |
| Total | 13 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por meio dos dados visualizados, nota-se que foram apresentadas 2 variantes (“franbacon” e “medalhão”) para designar o alimento que consiste na carne do peito de frango envolta em fatias de bacon, somando um total de 13 ocorrências coletadas nas respostas inerentes à questão 2 e à subquestão 2.1. Dessas 13 ocorrências, 61,5% incidiram sobre a variante “franbacon”, maior frequência registrada. A menor frequência recaiu na lexia “medalhão”, 38,5%.

A depender do que foi apresentado como resposta para a questão 2 e 2.1, também foram realizadas estas subperguntas:

“Já ouviu ‘medalhão?’”. Se a resposta fosse positiva, perguntava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘franbacon?’”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas podem ser visualizadas a seguir.

Quadro 35 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 2.2 e 2.3 | | |
|---|----------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 2.2 | Respostas para 2.3 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – não sabe dizer | sim – não sabe dizer |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 24 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 2.2 e 2.3 da Questão 2 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|----|
| Já ouviu ou usa a variante “medalhão” – mineiros | 7 | 44 |
| Já ouviu ou usa a variante “franbacon” – baianos teixeirenses | 7 | 44 |
| Já ouviu “medalhão”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 6 |
| Já ouviu ou usa “franbacon”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 6 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Constata-se, a partir desses dados, que a maior frequência de respostas incidiu igualmente sobre o reconhecimento das lexias “medalhão” e “franbacon” (44% cada uma) como termos que definem a carne do peito de frango envolta em fatias de bacon, sendo a primeira variante associada à cultura linguística mineira; e a última, à cultura linguística baiana teixeirense. As demais frequências de respostas são muito inferiores, sendo 6% referentes àqueles que reconheceram a variante “medalhão”, porém não conseguiram dizer quem faz uso de tal lexia; e outros 6% inerentes àqueles que reconheceram a lexia “franbacon”, sem, contudo, conseguir relacionar o uso de tal variante a um tipo de falante específico.

Infere-se, portanto, que, sob a perspectiva dos migrantes mineiros residentes em Teixeira de Freitas, as lexias “medalhão” e “franbacon” designam a carne do peito de frango envolta em fatias de bacon, sendo a primeira uma variante mineira; e a segunda, uma variante baiana teixeirense.

5.2.1.3 Questão 3: “Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos?” / “Há outro termo que você usa?”

Apresentada a resposta, realizava-se, ainda, a subquestão 3.1: “Há outro termo que você usa?”

As informações coletadas nas respostas apresentadas para a questão 3 e para a subquestão 3.1 estão organizadas abaixo.

Quadro 36 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | chup-chup | brasinha |
| MRTF-M-2 | chup-chup | brasinha |
| MRTF-F-3 | chup-chup | geladinho |
| MRTF-F-4 | chup-chup | geladinho |
| MRTF-M-5 | brasinha | chup-chup |
| MRTF-F-6 | chup-chup | brasinha |
| MRTF-F-7 | chup-chup | brasinha |
| MRTF-F-8 | chup-chup | brasinha |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 25 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 3 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| chup-chup | 8 | 50 |
| brasinha | 6 | 37,5 |
| geladinho | 2 | 12,5 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

As informações do quadro revelam que os mineiros residentes em Teixeira de Freitas apresentaram 3 variantes para designar o suco de frutas ou o achocolatado congelado em saquinhos plásticos: “chup-chup”, “brasinha” e “geladinho”. Por sua vez, os dados da tabela evidenciam que a maior frequência de ocorrências (50%) incide sobre a variante “chup-chup”; seguida da variante “brasinha”, com 37,5% das ocorrências e, por último, com 12,5% das ocorrências, encontra-se a variante “geladinho”.

A depender do que foi respondido nas questões 3 e 3.1, foram realizadas estas subperguntas ainda:

“Já ouviu ‘chup-chup’?”. Se a resposta fosse positiva, perguntava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘brasinha’?”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘geladinho’?”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas podem ser visualizadas a seguir.

Quadro 37 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 3 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 3.2, 3.3, 3.4 | | | |
|---|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 3.2 | Respostas para 3.3 | Respostas para 3.4 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – mineiros |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 26 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 3.2 e 3.3 da Questão 2 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Já ouviu ou usa a variante “chup-chup” – mineiros | 8 | 33,3 |
| Já ouviu ou usa a variante “brasinha” – baianos teixeirenses | 8 | 33,3 |
| Já ouviu a variante “geladinho” – baianos teixeirenses | 6 | 25 |
| Já ouviu a variante “geladinho” – mineiros | 1 | 4,2 |
| Já ouviu a variante “geladinho”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 4,2 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com a tabela 26, a maior frequência de respostas explicita duas informações em igual frequência, 33,3% cada uma: a confirmação da variante “chup-chup” e a associação desta à variedade linguística mineira, bem como o reconhecimento da variante “brasinha”, esta, porém, relacionada à variedade linguística baiana teixeirense. Em frequência inferior (25%), verifica-se o reconhecimento da variante “geladinho”, e a associação do uso dessa lexia também à variedade linguística baiana teixeirense. Finalmente, a menor frequência (4,2%), incide sob dois tipos de afirmações: aquela que atesta a variante “geladinho”, relacionando-a à fala mineira; e aquela que reconhece essa mesma variante, porém não diz quem faz uso de tal lexia.

Fica registrado, portanto, que as variantes “chup-chup” e “brasinha” são igualmente reconhecidas pelos mineiros residentes em Teixeira de Freitas, sendo aquela relacionada ao falar mineiro; e esta, ao falar baiano teixeirense.

5.2.1.4 Questão 4: “Qual é o nome daquele prato doce feito com milho cozido ao leite, amendoim ou coco ralado, normalmente servido em Festas Juninas?”

Apresentada a resposta, fazia-se a subpergunta 4.1: “Há outro termo que você usa?”

Eis, abaixo, os dados coletados nas respostas apresentadas para a questão 4 e para a subquestão 4.1:

Quadro 38 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | canjica | não |
| MRTF-M-2 | canjica | não |
| MRTF-F-3 | canjica | mungunzá |
| MRTF-F-4 | canjica | não |
| MRTF-M-5 | mungunzá | canjica |
| MRTF-F-6 | canjica | não |
| MRTF-F-7 | canjica | não |
| MRTF-F-8 | canjica | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 27 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 4 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| canjica | 8 | 80 |
| mungunzá | 2 | 20 |
| Total | 10 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Relativamente à questão 4 do QSL, os dados apontam que os mineiros residentes em Teixeira de Freitas expuseram, de 10 ocorrências, 2 variantes para definir a iguaria feita com milho cozido ao leite adocicado, amendoim ou coco ralado, prato representativo do período junino. Verifica-se, a partir da tabela 28, que a maior frequência de ocorrências revela incidência de 80% sobre a variante “canjica”. A menor frequência, 20%, concentra-se na variante “mungunzá”. A propósito, vale destacar que, em resposta, a informante MRTF-F-3 afirmou que passou a empregar a variante “mungunzá” alguns anos após mudar-se para Teixeira de Freitas; antes, segundo ela, fazia uso da variante “canjica”.

Respondidas as questões 4 e 4.1, estas subperguntas eram realizadas:

“Se já ouviu o termo ‘canjica’, você consegue me dizer que tipo de falante normalmente usa essa palavra?”.

“Já ouviu ‘mungunzá?’”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas são visualizadas no quadro abaixo.

Quadro 39 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 4.2 e 4.3 | | |
|---|--------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 4.2 | Respostas para 4.3 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |

| | | |
|----------|----------------|----------------------------|
| MRTF-F-8 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
|----------|----------------|----------------------------|

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 28 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 4.2 e 4.3 da Questão 4 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|----|
| Já ouviu ou usa a variante “canjica” – mineiros | 8 | 50 |
| Já ouviu ou usa a variante “mungunzá” – baianos teixeirenses | 8 | 50 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela, a frequência de respostas está distribuída em duas partes proporcionais, de maneira que 50% das ocorrências identificam “canjica” como uma lexia característica da variedade linguística mineira, e os outros 50% reconhecem “mungunzá” como uma variante baiana teixeirense que designa a iguaria junina supracitada.

5.2.1.5 **Questão 5:** “Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente, usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola?”

Coletadas as respostas, realizava-se uma subpergunta 5.1: “Há outro termo que você usa?”

Referentemente à questão 5 e à subquestão 5.1, as informações extraídas da entrevista estão organizadas a seguir:

Quadro 40 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | uniforme | não |
| MRTF-M-2 | uniforme | farda |
| MRTF-F-3 | uniforme | farda |
| MRTF-F-4 | uniforme | não |
| MRTF-M-5 | uniforme | farda |
| MRTF-F-6 | uniforme | não |
| MRTF-F-7 | uniforme | farda |
| MRTF-F-8 | uniforme | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 29 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 5 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| uniforme | 8 | 67 |
| farda | 4 | 33 |
| Total | 12 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os dados revelam duas variantes designadoras do vestuário usado por funcionários de uma empresa, instituição ou pessoas ligadas a uma instituição: “uniforme” e “farda”, somando

um total de 12 ocorrências nas respostas. Na estruturação dos dados, verifica-se que a maior frequência (67% das ocorrências) converge para a variante “uniforme”, enquanto a menor frequência (33%) recai sobre a variante “farda”.

Em conformidade com as respostas apresentadas às questões 5 e 5.1, foram realizadas as subperguntas:

“Quanto ao termo ‘uniforme’, você consegue me dizer que tipo de falante normalmente usa essa palavra?”

“Já ouviu ‘farda’?”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

As informações coletadas estão organizadas no quadro adiante.

Quadro 41 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 5.2 e 5.3 | | |
|---|---------------------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 5.2 | Respostas para 5.3 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 30 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 5.2 e 5.3 da Questão 5 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Já ouviu ou usa a variante “farda” – baianos teixeirenses | 8 | 50 |
| Já ouviu ou usa a variante “uniforme” – mineiros | 6 | 37,5 |
| Já ouviu ou usa a variante “uniforme” – mineiros e baianos teixeirenses | 2 | 12,5 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Com base na tabela 30, a maior frequência de respostas (50%) reconhece a variante “farda”, associando-a à variedade linguística baiana teixeirense designadora de uma vestimenta padronizada normalmente usada por indivíduos de uma mesma categoria. A segunda maior frequência de respostas (37,5%) identifica a variante “uniforme” como característica do falar mineiro. A menor frequência (12,5%) concentra-se também sobre a variante “uniforme”, fazendo a associação desta, porém, tanto à variedade linguística mineira quanto à baiana teixeirense.

Depreende-se, portanto, que as variantes “uniforme” e “farda” são reconhecidas pelos entrevistados, aquela associada à variedade linguística mineira; esta, à baiana teixeirense.

5.2.1.6 **Questão 6:** “Que palavra você usa para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos?”

Apresentada a resposta, a subquestão 6.1 era direcionada aos informantes: “Há outro termo que você usa?”

Os dados colhidos podem visualizados abaixo, organizados em quadro e tabela:

Quadro 42 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|---------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | lagartixa | taruíra, biba |
| MRTF-M-2 | lagartixa | biba |
| MRTF-F-3 | lagartixa | biba |
| MRTF-F-4 | taruíra | biba |
| MRTF-M-5 | biba | lagartixa |
| MRTF-F-6 | lagartixa | biba |
| MRTF-F-7 | lagartixa | taruíra |
| MRTF-F-8 | biba | taruíra |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 31 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 6 do QSL

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| biba | 7 | 41,2 |
| lagartixa | 6 | 35,3 |
| taruíra | 4 | 23,5 |
| Total | 17 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Nas respostas dos mineiros residentes em Teixeira de Freitas à questão 6, verificam-se, para designar o mesmo referente, a utilização de 3 variantes: lagartixa, biba e taruíra. Foram registradas 17 ocorrências nas respostas apresentadas pelos informantes, de modo que 41,2%, a maior frequência, incidiram sobre a variante “biba”. A segunda maior frequência, 35,3% é atribuída à variante “lagartixa”, e a menor (23,5%) recai sobre a lexia “taruíra”.

Em consonância com as respostas de cada informante perante as questões 6 e 6.1, realizavam-se as subperguntas abaixo:

“Já ouviu ‘catengo?’”. Se a resposta fosse positiva, perguntava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘biba?’”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘taruíra?’”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas coletadas são, de maneira estruturada, visualizadas abaixo.

Quadro 43 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 6.2 e 6.3 da Questão 6 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 6.2, 6.3 e 6.4 | | | |
|--|--------------------|--------------------|--------------------|
| Informante | Respostas para 6.2 | Respostas para 6.3 | Respostas para 6.4 |

| | | | |
|----------|------------------------|----------------------------|----------------------------|
| MRTF-F-1 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim, parentes mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim, mineiros | sim – baianos teixeirenses | não |
| MRTF-F-4 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – não sabe dizer |
| MRTF-M-5 | sim, alguns mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | não | sim – baianos teixeirenses | não |
| MRTF-F-7 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | não | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 32 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 6 do QSL

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|----|
| Já ouviu ou usa a variante “biba” – baianos teixeirenses | 8 | 47 |
| Já ouviu ou usa a variante “taruíra” – baianos teixeirenses | 5 | 29 |
| Já ouviu a variante “catengo” – mineiros | 3 | 18 |
| Já ouviu ou usa a variante “taruíra”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 6 |
| Total | 17 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se observa, por meio do quadro 43 e da tabela 32, houve 17 ocorrências de respostas, sendo que a maior frequência delas, 47%, revela que os informantes mineiros habitante de Teixeira já ouviram e/ou usam a variante “biba” em referência aos pequenos répteis que andam nas paredes das residências à procura de insetos, associando essa lexia à variedade linguística baiana teixeirense. A segunda maior frequência de respostas (29%) identifica ou usa a variante “taruíra”, relacionando essa lexia também à variedade linguística baiana teixeirense. Em quantidade inferior, 18% das ocorrências revelaram já ter ouvido a variante “catengo”, associando essa variante à variedade linguística mineira. Por fim, a menor frequência de respostas (6%) reconhece ou usa a variante “taruíra” e relaciona o uso dessa lexia à variedade linguística baiana teixeirense.

Constata-se, portanto, que, paralelamente à lexia “lagartixa”, a variante “biba” é a mais comum entre os mineiros que habitam Teixeira de Freitas para designar o réptil supracitado.

5.2.1.7 Questão 7: “Quais palavras você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você?”

Apresentada a resposta, inquiria-se também: “Há outro termo que você usa?”

As informações coletadas nas respostas apresentadas à questão 7 e à subquestão 7.1 estão organizadas no quadro e na tabela adiante:

Quadro 44 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |

| | | |
|----------|---------------|---------------|
| MRTF-F-1 | mãe e pai | mamãe e papai |
| MRTF-M-2 | mãe e pai | não |
| MRTF-F-3 | mãe e pai | não |
| MRTF-F-4 | mãe e pai | não |
| MRTF-M-5 | mãe e pai | não |
| MRTF-F-6 | mamãe e papai | mãe e pai |
| MRTF-F-7 | mãe e pai | mamãe e papai |
| MRTF-F-8 | mãe e pai | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 33 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 7 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|---------------|-------------|----|
| mãe e pai | 8 | 73 |
| mamãe e papai | 3 | 27 |
| Total | 11 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Relativamente às respostas apresentadas à questão 7 do QSL, percebe-se que – de 2 variantes e 11 ocorrências destas – a maior frequência (73%) está concentrada no uso das lexias “mãe” e “pai” por mineiros residentes em Teixeira de Freitas, referindo-se a seus genitores. A menor frequência (27%) incorre nas variantes “mamãe” e “papai”.

A depender do que foi expresso perante as questões 7 e 7.1, foram realizadas também as seguintes subperguntas:

“Já ouviu ‘mainha’ e ‘painho’?”. Se fosse positiva a resposta, perguntava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas podem ser visualizadas no quadro e na tabela abaixo.

Quadro 45 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 7.2 e 7.3 da Questão 7 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 7.2 | |
|---------------------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 7.2 |
| MRTF-F-1 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 34 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 7.2 e 7.3 da Questão 7 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|-----|
| Já ouviu as variantes “mainha” e “painho” – baianos teixeirenses | 8 | 100 |
| Total | 8 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme a tabela, de 8 ocorrências, 100% das respostas apresentadas pelos informantes reconhecem as variantes “mainha” e “painho” como formas de dirigir-se aos pais ou de referir-se a eles. Esses 100%, além disso, associam esse modo de falar à variedade linguística baiana teixeirense.

5.2.1.8 **Questão 8:** “Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio?”

Logo após a resposta do informante, fazia-se a subpergunta 8.1: “Há outro termo que você usa?”

As lexias coletadas nas respostas apresentadas à questão 8 e à subquestão 8.1 estão estruturadas abaixo, em quadro e tabela:

Quadro 46 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|---------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | blusa de frio | casaco |
| MRTF-M-2 | blusa de frio | jaqueta |
| MRTF-F-3 | blusa de frio | jaqueta |
| MRTF-F-4 | blusa de frio | casaco |
| MRTF-M-5 | blusa de frio | não |
| MRTF-F-6 | blusa de frio | casaco |
| MRTF-F-7 | blusa de frio | casaco |
| MRTF-F-8 | blusa de frio | casaco |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 35 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 8 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|---------------|-------------|------|
| blusa de frio | 8 | 53,5 |
| casaco | 5 | 33,5 |
| jaqueta | 2 | 13 |
| Total | 15 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Na análise dos dados, foram apuradas 3 variantes apresentadas pelos mineiros que habitam Teixeira de Freitas para responder às perguntas 8 e 8.1 do QSL, somando um total de 15 ocorrências. A maior frequência (53,5%) concentra-se no uso da variante “blusa de frio”; abaixo desse percentual, nota-se uma incidência de 33,5% sobre o uso da lexia “casaco” e, por fim, a menor frequência de uso (13%) recai sobre a lexia “jaqueta”

A depender do que foi respondido nas questões 8 e 8.1, foram realizadas estas subperguntas ainda:

“Considerando o termo ‘blusa de frio’, quem você acha que fala assim?”

“Já ouviu ‘casaco?’”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.
 “Já ouviu ‘capote?’”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.
 Segue, adiante, a estruturação dos dados coletados:

Quadro 47 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 8.2 e 8.3 da Questão 5 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 | | | |
|--|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 8.2 | Respostas para 8.3 | Respostas para 8.4 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – não sabe dizer |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – paulista |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 36 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 8.2, 8.3 e 8.4 da Questão 8 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Já ouviu ou usa a variante “blusa de frio” – mineiros | 8 | 33,5 |
| Já ouviu a variante “capote” – baianos teixeirenses | 6 | 25 |
| Já ouviu ou usa a variante “casaco” – baianos e mineiros | 5 | 21 |
| Já ouviu ou usa a variante “casaco” – baianos teixeirenses | 2 | 8,5 |
| Já ouviu ou usa a variante “casaco” – mineiros | 1 | 4 |
| Já ouviu a variante “capote”, mas não sabe dizer quem fala assim | 1 | 4 |
| Já ouviu a variante “capote” – paulistas | 1 | 4 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com a organização dos dados, de 24 ocorrências, a maior frequência de respostas (33,5%) sinaliza o reconhecimento ou o uso da variante “blusa de frio”, associando o emprego dessa lexia à variedade linguística mineira. A segunda maior frequência de respostas (25%) destaca que os informantes já ouviram a variante “capote” e relacionam o uso dessa lexia à variedade linguística baiana teixeirense. Em menor frequência, nota-se que 21% das respostas acusam o reconhecimento e/ou uso da lexia “casaco”, estabelecendo relação de emprego dessa variante tanto com o falar mineiro quanto com o baiano teixeirense. Abaixo desse percentual, há 8,5% que reconhecem e/ou usam a variante “casaco” e associam o emprego do termo variedade linguística baiana teixeirense. A menor frequência de respostas (4%) incide proporcionalmente sobre 3 ocorrências: aqueles que já ouviram ou usam a variante “casaco” e associam seu emprego ao modo de falar mineiro; aqueles que já ouviram a lexia “capote”, mas não souberam determinar quem faz uso do termo; e, finalmente, aqueles que reconhecem a variante “capote” e relacionam seu emprego à variedade linguística paulista, sendo esta a primeira vez que tal variedade é mencionada na pesquisa.

Depreende-se, portanto, que a maioria dos mineiros residentes em Teixeira de Freitas faz uso da expressão lexical “blusa de frio” para designar a peça de roupa usada da cintura em períodos de temperatura climática fria e afirmam que essa variante é tipicamente mineira.

5.2.1.9 **Questão 9:** “Quando um estudante precisa complementar os estudos com um professor suplementar e individual, você diz que esse estudante precisa de quê?”

Externada a resposta, submetia-se o informante à subquestão 9.1: “Há outro termo que você usa?”

As informações coletadas nas respostas que os participantes apresentavam para a questão 9 e para a subquestão 9.1 são apuradas a seguir:

Quadro 48 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-----------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | reforço | banca |
| MRTF-M-2 | reforço | não |
| MRTF-F-3 | reforço | banca |
| MRTF-F-4 | reforço | aula particular |
| MRTF-M-5 | reforço | não |
| MRTF-F-6 | reforço | aula particular |
| MRTF-F-7 | reforço | banca |
| MRTF-F-8 | reforço | banca |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 37 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 9 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|-----------------|-------------|----|
| reforço | 8 | 57 |
| banca | 4 | 29 |
| aula particular | 2 | 14 |
| Total | 14 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observa-se que os mineiros residentes em Teixeira de Freitas apresentaram 3 variantes que designassem a complementação de estudos feita por um estudante sob mentoria de um professor individual: “reforço”, “banca” e “aula particular”. No total de respostas, houve 14 ocorrências, das quais a maior frequência (57%) incidiu sobre a variante “reforço”; e a menor frequência (14%), sobre a variante “aula particular”. A frequência intermediária incorreu na variante “banca”, 29%.

Consoante o que foi respondido nas questões 9 e 9.1, realizavam-se estas subperguntas posteriormente:

“Considerando a palavra ‘reforço’, que tipo de falante usa esse termo?” “Digo, falante de onde?”.

“Já ouviu ‘aula particular’?”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

“Já ouviu ‘banca’ ou ‘aula de banca’?”. Caso fosse positiva a resposta, indagava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas podem ser visualizadas abaixo.

Quadro 49 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 | | | |
|--|--------------------|--------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 9.2 | Respostas para 9.3 | Respostas para 9.4 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos e mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – mineiros | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 38 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 9.2, 9.3 e 9.4 da Questão 9 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|------|
| Já ouviu ou usa a variante “reforço” – mineiros | 8 | 33,5 |
| Já ouviu ou usa a variante “banca” – baianos teixeirenses | 8 | 33,5 |
| Já ouviu ou usa a variante “aula particular” – mineiros | 6 | 25 |
| Já ouviu ou usa a variante “aula particular” – baianos e mineiros | 2 | 8 |
| Total | 24 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme os dados do quadro 49 e da tabela 38, de 24 ocorrências, são duas as maiores frequências de respostas, cada uma com 33,5%, incidindo sobre aqueles que já ouviram e/ou usam a variante “reforço” e relacionam seu emprego à variedade linguística mineira, bem como sobre os que já ouviram e/ou usam a variante “banca” e relacionam seu uso à variedade linguística baiana teixeirense. A menor frequência de repostas (8%) incorre sobre aqueles que reconhecem a variante “aula particular” e relacionam essa forma de falar tanto a mineiros quanto a baianos teixeirenses. A frequência intermediária (25%) converge para aqueles que conhecem e/ou usam a variante “aula particular” e associam seu emprego apenas ao falar mineiro.

Diante do exposto, depreende-se que a maior parte dos informantes considera “reforço” como uma variante mineira; e “banca”, como baiana teixeirense, ambas utilizadas para fazer

menção à complementação de estudos feita por um estudante sob mentoria de um professor suplementar.

5.2.1.10 **Questão 10:** “Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários?”

Respondida a pergunta, era feita a subquestão 10.1: “Há outro termo que você usa?”

Os dados relativos à questão 10 e à subquestão 10.1 são visualizados a seguir:

Quadro 50 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| MRTF-F-1 | mandioca | aipim |
| MRTF-M-2 | mandioca | não |
| MRTF-F-3 | mandioca | não |
| MRTF-F-4 | mandioca | aipim |
| MRTF-M-5 | mandioca | aipim |
| MRTF-F-6 | mandioca | não |
| MRTF-F-7 | mandioca | aipim |
| MRTF-F-8 | mandioca | aipim |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 39 - Frequência das variantes expressas pelos informantes MRTFs perante a Questão 10 do QSL.

| Variante | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|------|
| mandioca | 8 | 61,5 |
| aipim | 5 | 38,5 |
| Total | 13 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os dados evidenciam 2 variantes empregadas pelos mineiros habitantes de Teixeira de Freitas para designar a raiz tuberosa utilizada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários. Em um total de 13 ocorrências dessas lexias nas respostas, a maior frequência (61,5%) incide sobre a variante “mandioca”; e a menor (38,5%), sobre a variante “aipim”.

A depender do que foi respondido às questões 10 e 10.1, foram realizadas estas subperguntas aos informantes:

“Quanto à palavra ‘mandioca’, falante de qual origem usa esse termo? “Quero dizer, quem você acha que fala assim?”.

“Já ouviu o termo ‘aipim’?”. Se fosse positiva a resposta, questionava-se: “Quem fala assim?”.

As respostas estão organizadas no quadro 51 e estruturadas na tabela a seguir.

Quadro 51 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas pelos informantes para as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL.

| Lexias presentes nas subperguntas 10.2, 10.3 | | |
|--|---------------------------------------|----------------------------|
| Informante | Respostas para 10.2 | Respostas para 10.3 |
| MRTF-F-1 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-2 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-3 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-4 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-M-5 | sim – mineiros | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-6 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-7 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |
| MRTF-F-8 | sim – mineiros e baianos teixeirenses | sim – baianos teixeirenses |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 40 - Frequência das respostas dos informantes MRTFs perante as subperguntas 10.2 e 10.3 da Questão 10 do QSL.

| Respostas | Ocorrências | % |
|---|-------------|----|
| Já ouviu a variante “aipim” – baianos teixeirenses | 8 | 50 |
| Já ouviu ou usa a variante “mandioca” – mineiros | 4 | 25 |
| Já ouviu ou usa a variante “mandioca” – mineiros e baianos teixeirenses | 4 | 25 |
| Total | 16 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por meio dessas projeções, verifica-se que, de 16 ocorrências de respostas, a maior frequência (50%) concentra-se na afirmação daqueles que já ouviram a variante “aipim” e relacionam o emprego dessa lexia à variedade linguística baiana teixeirense. As menores frequências (25%) incorrem, proporcionalmente, em duas asserções: aquela que corrobora o reconhecimento e/ou uso da variante “mandioca”, associando-a à variedade linguística mineira, bem como aquela que confirma o reconhecimento e/ou emprego dessa mesma lexia, relacionando seu emprego, porém, tanto à variedade linguística mineira quanto à baiana teixeirense.

Diante disso, conclui-se que, para os mineiros residentes em Teixeira de Freitas, a variante “aipim” é tipicamente baiana teixeirense, ao passo que a variante “mandioca” é sinalizada como tipicamente mineira, ao mesmo tempo em que é determinada tanto como mineira quanto como mineira e baiana teixeirense.

Em resposta ao inquérito, duas das mineiras residentes em Teixeira de Freitas relatam o seguinte:

MRTF-F-6: *Aqui não é igual em Minas, que a gente só fala mandioca, pelo menos lá a gente só falava mandioca. Mas o povo daqui fala mandioca e aipim, mandioca quando é venenosa e só serve pra produção de farinha ou de polvilho. Para*

eles, a de comer é aipim e, se a gente fala mandioca quando é pra comer, eles falam que tá errado.

MRTF-F-7: *Lá em Minas eu usava só o termo mandioca, porque é assim que a minha família falava, aliás fala ainda. Quando vim pra Teixeira eu falava mandioca, só que às vezes as pessoas me corrigiam e diziam que era aipim, então me explicaram que aipim é a raiz que você pode comer, porque não faz mal pra gente. Pras pessoas daqui a mandioca é a raiz que só serve pra fazer polvilho ou farinha, e essa eles dizem que a gente não pode comer, porque é brava, entendeu? É venenosa. Então aqui eles falam tanto mandioca quanto aipim, mas existe uma diferença entre os dois termos nesse aspecto.*

Diante dessas falas, compreende-se que “mandioca” e “aipim”, na comunidade teixeirense, denotam a referida raiz, no entanto o emprego de uma lexia ou outra se diferencia quanto ao aspecto em que tal alimento pode ser consumido.

O item a seguir faz uma análise das respostas proferidas pelos informantes do grupo de controle (baianos teixeirenses e genitores baianos) durante a aplicação do QSL.

5.3 Grupo de controle

Esta seção traz os resultados dos inquéritos realizados em entrevistas com a aplicação do QSL aos informantes que constituem o grupo de controle deste estudo: primeiramente, habitantes de Teixeira de Freitas filhos de baianos; posteriormente, os genitores (ou mãe, ou pai) desses indivíduos. Esses informantes atuam, nesta pesquisa, como representantes legítimos da comunidade local, sendo, portanto, baianos teixeirenses (os filhos) e baianos do Sul da Bahia (os genitores).

Nesse contexto, a função desse grupo é servir como referência para a identificação e legitimação da variedade linguística local, em aspecto semântico-lexical. Diz-se “legitimação”, porque, nos inquéritos já realizados com os informantes que constituem tanto a célula principal quanto a célula secundária, os informantes haviam apontado suas impressões quanto às lexias representativas da variedade linguística mineira e às lexias representativas da variedade

linguística baiana teixeirense. O que se verá aqui, por conseguinte, será a confirmação ou não dos pareceres emitidos pelos grupos anteriores.

5.3.1 Habitantes de Teixeira de Freitas filhos de baianos

Constituem o grupo de controle 2 (dois) indivíduos habitantes de Teixeira de Freitas filhos de baianos, um sexo feminino, outro do sexo masculino.

O QSL ao qual esses informantes foram submetidos é o mesmo aplicado aos participantes que compõem as células principal e secundária, todavia a estes apenas uma subpergunta foi realizada, visto que não havia necessidade de investigar as impressões destes quanto ao que seria representação de variante linguística mineira ou de variante linguística baiana teixeirense. Isso porque, nesta pesquisa, as respostas apresentadas pelos informantes desse grupo serão utilizadas apenas como um parâmetro do falar baiano na cidade de Teixeira de Freitas.

Neste caso, os códigos TFB-F e TFB-M representam, respectivamente, o informante teixeirense filho de baiano, de sexo feminino; e o informante teixeirense filho de baiano, de sexo masculino.

A seguir, quadros e tabelas contribuem, respectivamente, para a demonstração dos dados coletados e a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias presentes nas respostas desses indivíduos.

5.3.1.1 *Questão 1: “Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê?”*

Emitida a resposta, a subquestão 1.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 52 exhibe as respostas coletas, e a tabela 41 expõe a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 52 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | danada | malina |

| | | |
|--------|--------|-----|
| TFB -M | malina | não |
|--------|--------|-----|

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 41 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| malina | 2 | 67 |
| danada | 1 | 33 |
| Total | 3 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

No quadro, a coluna intitulada como “1ª Resposta” mostra as lexias que foram apresentadas de imediato perante a pergunta, já a coluna intitulada como “2ª resposta” apresenta as lexias que os informantes apresentaram perante a subpergunta 1.1: “Há outro termo que você usa?”.

Conforme os dados organizados no quadro, as lexias “malina” e “danada” são empregadas por teixeirenses filhos de baianos quando tais indivíduos caracterizam uma criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Dentre essas lexias, a maior frequência de uso, de acordo com a tabela, incide sobre a variante “malina”, com 67% das ocorrências.

5.3.1.2 Questão 2: “Qual é o nome da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon?”

Dada a resposta, a subquestão 2.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 53 exhibe as respostas coletas, e a tabela 42 expõe a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias proferidas:

Quadro 53 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | franbacon | não |
| TFB-M | franbacon | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 42 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 2 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|-----|
| franbacon | 1 | 100 |
| Total | 1 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

“Franbacon”, segundo os dados dispostos no quadro 52, é a lexia que os teixeirenses filhos de baianos utilizam para designar a carne do peito de frango envolta em fatias de bacon. De acordo com a tabela, essa variante é dominante entre esses falantes, resultando em uma frequência percentual de 100% das ocorrências.

5.3.1.3 *Questão 3: “Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos?”*

Apresentada a resposta, a subquestão 3.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exhibe as respostas coletas, e a tabela 43 expõe a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 54 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | brasinha | geladinho |
| TFB-M | brasinha | geladinho |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 43 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 3 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| brasinha | 2 | 50 |
| geladinho | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observa-se, por meio do quadro, que “brasinha” e “geladinho” são as lexias empregadas pelos teixeirenses filhos de baianos para designar o suco de frutas ou o achocolatado congelado em saquinhos plásticos. Conforme a tabulação dos dados, ambas as variantes são linguisticamente marcantes na comunidade, visto que a frequência percentual de ocorrências está igualmente distribuída entre as duas lexias: 50% para cada uma delas.

5.3.1.4 *Questão 4: “Qual é o nome daquele prato doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, normalmente servido em Festas Juninas?”*

Manifestada a resposta, a subquestão 4.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 55 exhibe as respostas coletas, e a tabela 44 expõe a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias apresentadas pelos informantes:

Quadro 55 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | mungunzá | não |
| TFB-M | mungunzá | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 44 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 4 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|-----|
| mungunzá | 1 | 100 |
| Total | 1 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Analisando o quadro 55, verifica-se que a lexia “mungunzá” é empregada pelos teixeirenses filhos de baianos quando esses indivíduos se referem à iguaria de sabor doce feita com milho cozido ao leite, como amendoim ou coco ralado, habitualmente servida em Festas Juninas. A tabulação dos dados evidencia que tal variante é dominante entre esses falantes, visto que a frequência percentual de ocorrências dessa lexia é de 100%.

5.3.1.5 Questão 5: “Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente, usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola?”

Respondida a pergunta, a subquestão 5.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exhibe as respostas coletas, e a tabela expõe a quantificação das lexias emitidas em resposta:

Quadro 56 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | uniforme | farda |
| TFB-M | uniforme | farda |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 45 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 5 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| uniforme | 2 | 50 |
| farda | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme os dados sintetizados no quadro, “uniforme” e “farda” são lexias utilizadas pelos teixeirenses filhos de baianos para nomear a vestimenta padronizada, habitualmente, usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola. Na tabela, a quantificação dos dados demonstra que essas duas variantes são igualmente frequentes no uso que os informantes fazem delas, havendo uma distribuição de 50% de cada nas ocorrências registradas.

5.3.1.6 *Questão 6: “Que palavra você usa para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos?”*

Dada a resposta, a subquestão 6.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 57 exibe as respostas coletas, e a tabela 46 explicita a quantificação das frequências percentuais das ocorrências das lexias respondidas:

Quadro 57 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | biba | lagartixa |
| TFB-M | lagartixa | biba |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 46 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 6 do QSL.

| Variante | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| biba | 2 | 50 |
| lagartixa | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A síntese dos dados projetados no quadro evidencia que “biba” e “lagartixa” são lexias que os teixeirenses filhos de baianos utilizam para se referirem aos pequenos répteis quadrúpedes que normalmente aparecem nas paredes das residências à procura de insetos. Conforme a tabela de frequências percentuais, as duas variantes são igualmente recorrentes na prática linguística de tais indivíduos, haja vista que foram registradas ocorrências de 50% para cada uma delas.

5.3.1.7 *Questão 7: “Quais palavras você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você?”*

Apresentada a resposta, a subquestão 7.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 58 mostra as respostas coletas, e a tabela 47 expõe a quantificação das frequências percentuais no que se refere às ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 58 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |

| | | |
|-------|---------------|-----------------|
| TFB-F | mãe e pai | mainha e painho |
| TFB-M | mamãe e papai | mainha e painho |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 47 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 7 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|-----------------|-------------|----|
| mainha e painho | 2 | 50 |
| mãe e pai | 1 | 25 |
| mamãe e papai | 1 | 25 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com o quadro 58, “mainha e painho”, “mãe e pai”, bem como “mamãe e papai” são variantes empregadas pelos teixeirenses filhos de baianos quando tais indivíduos se referem ou se dirigem à mulher e ao homem que os geraram e/ou os criaram. A tabulação dos dados, porém, evidencia que as variantes “mainha e painho” registram a maior frequência percentual de ocorrências (50%), enquanto as outras duas variantes aparecem com frequências inferiores, 25% cada uma.

5.3.1.8 Questão 8: “Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio?”

Emitida a resposta, a subquestão 8.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 59 expõe as respostas coletas, e a tabela 48 apresenta a quantificação das frequências percentuais das lexias proferidas:

Quadro 59 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | casaco | capote |
| TFB-M | capote | casaco |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 48 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 8 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| casaco | 2 | 50 |
| capote | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observando o quadro, constata-se que os teixeirenses filhos de mineiros fazem uso das lexias “casaco” e “capote” para designarem a peça de roupa usada da cintura para cima quando a temperatura climática está fria. Conforme a tabela de quantificação dos dados, essas duas

variantes são proporcionalmente usuais na prática linguística desses sujeitos, havendo um registro de 50% de ocorrências para cada uma delas.

5.3.1.9 *Questão 9: “Quando um estudante precisa complementar os estudos com um professor extra e individual, você diz que esse estudante precisa de quê?”*

Respondida a pergunta, a subquestão 9.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exhibe as respostas coletas, e a tabela expõe a quantificação das frequências percentuais no que diz respeito às ocorrências das lexias emitidas:

Quadro 60 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | banca | reforço |
| TFB-M | banca | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 49 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 9 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| banca | 2 | 67 |
| reforço | 1 | 33 |
| Total | 3 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme os dados organizados no quadro 60, “banca” e “reforço” são lexias empregadas pelos teixeirenses filhos de baianos quando tais indivíduos se referem ao serviço personalizado que alguns estudantes contratam para complementar seus estudos com um professor extra e individual. Todavia, a tabela de frequências percentuais registra uma incidência maior de ocorrências da variante “banca” (67%), contra a outra variante, que contabiliza apenas 33%.

5.3.1.10 *Questão 10: “Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários?”*

Expressada a resposta, a subquestão 10.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir mostra as respostas coletas, e a tabela revela a quantificação das frequências percentuais no tocante às ocorrências das lexias pronunciadas:

Quadro 61 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| TFB-F | aipim | mandioca |
| TFB-M | aipim | mandioca |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 50 - Frequência das variantes expressas pelos informantes TFBs perante a Questão 10 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| aipim | 2 | 50 |
| mandioca | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A partir da leitura do quadro de exposição dos dados coletados, verifica-se que “aipim” e “mandioca” são lexias que teixeirenses filhos de baianos empregam para fazer menção à raiz tuberosa usada na fabricação de farinha e polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários. Segundo a tabela de frequências percentuais, as duas variantes são utilizadas de forma proporcional na prática linguística desses indivíduos, apresentando uma ocorrência de 50% para cada uma.

É preciso esclarecer, porém, que o informante TFB-M, ao responder às questões 10 e 10.1, explicou que o termo “aipim” refere-se à raiz que pode ser consumida cozida, assada ou frita, enquanto a “mandioca”, por conter toxina, só pode ser consumida em forma de farinha e polvilho. Em suma, para os teixeirenses filhos de baianos, ambas as lexias respondem à pergunta, embora cada lexia defina uma variedade específica da referida raiz.

O item 6.3.2, adiante, traz a análise das respostas apresentadas pelos baianos residentes em Teixeira de Freitas, genitores dos informantes cujas respostas foram analisadas no item 6.3.1.

5.3.2 Habitantes baianos de Teixeira de Freitas

Esta célula é constituída por 2 (dois) indivíduos baianos residentes em Teixeira de Freitas, um sexo masculino, outro do sexo feminino. Tais indivíduos são genitores dos informantes apresentados na seção 6.3.1, integrantes do grupo de controle.

Neste caso, para tratar dos informantes, serão utilizados estes códigos: BGT-M e BGT-F. As quatro letras iniciais, antepostas ao hífen, representam: “habitante baiano de Teixeira de

Freitas”. Já as letras M e F, pospostas ao hífen, representam, respectivamente, o sexo do informante, sendo o primeiro masculino; e o segundo, feminino. Os genitores são apresentados aqui, na mesma ordem em que seus filhos foram apresentados na subseção anteriormente. Isso significa que BGT-M é pai de TFB-F, e BGT-F é mãe de TFB-M.

O QSL aplicado a estes informantes é o mesmo que fora aplicado a seus filhos, sem qualquer distinção ou adaptação.

Quadros e tabelas são recursos utilizados para fazer a demonstração dos dados coletados mediante a aplicação do QSL, bem como a quantificação das frequências percentuais referentes às ocorrências das lexias manifestadas nas respostas dos informantes.

5.3.2.1 *Questão 1: “Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê?”*

Respondida à questão, a subquestão 1.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 62 mostra as respostas coletas, e a tabela 51 projeta a quantificação das frequências percentuais inerentes às ocorrências das lexias pronunciadas:

Quadro 62 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 1 e à subpergunta 1.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | malina | traquina |
| BGT-F | malina | danada |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 51 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 1 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| malina | 2 | 50 |
| traquina | 1 | 25 |
| danada | 1 | 25 |
| Total | 3 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observando o quadro, a coluna intitulada como “1ª Resposta” exibe as lexias que foram apresentadas imediatamente perante a pergunta, já a coluna intitulada como “2ª resposta” revela as lexias que os informantes apresentaram à subpergunta 1.1: “Há outro termo que você usa?”.

Verifica-se, mediante o quadro em que os dados coletados foram sintetizados, que os habitantes baianos de Teixeira de Freitas fazem uso das lexias “malina”, “traquina” e “danada” para caracterizar uma criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Conforme a tabela de frequências percentuais, a maior frequência de ocorrência (50%) incide

sobre a variante “malina”; as demais apresentaram frequência inferior, 25% de ocorrência para cada uma delas.

5.3.2.2 Questão 2: “Qual é o nome da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon?”

Pronunciada a resposta, a subquestão 2.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 63 exibe as respostas coletas, e a tabela 52 explicita a quantificação das frequências percentuais referentes às ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 63 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 2 e à subpergunta 2.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | franbacon | não |
| BGT-F | franbacon | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 52 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 2 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|-----|
| franbacon | 1 | 100 |
| Total | 1 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

De acordo com as informações do quadro 63, a lexia “franbacon” é empregada pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas para nomear a carne do peito de frango envolto em tiras de bacon. A tabulação dos dados aponta que 100% desses indivíduos empregam essa variante quando fazem referência a tal alimento.

5.3.2.3 Questão 3: “Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos?”

Apresentada a resposta, a subquestão 3.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 64 demonstra as respostas coletas, e a tabela 53 faz a projeção da quantificação das frequências percentuais relativas às ocorrências das lexias pronunciadas:

Quadro 64 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 3 e à subpergunta 3.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | brasinha | geladinho |
| BGT-F | brasinha | geladinho |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 53 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 3 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| brasinha | 2 | 50 |
| geladinho | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Segundo o quadro informativo de número 64, “brasinha” e “geladinho” são as lexias utilizadas pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas em denominação a um tipo de picolé caseiro feito em saquinhos plásticos. Conforme a tabela de quantificação dos dados, as duas variantes estão proporcionalmente presentes na prática linguística desses sujeitos, havendo uma frequência de ocorrência de 50% para cada uma delas.

5.3.2.4 Questão 4: “Qual é o nome daquele prato doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, normalmente servido em Festas Juninas?”

Proferida a resposta, a subquestão 4.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exibe as respostas coletas, e a tabela demonstra a quantificação das frequências percentuais inerentes às ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 65 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 4 e à subpergunta 4.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | mungunzá | não |
| BGT-F | mungunzá | não |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 54 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 4 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|-----|
| mungunzá | 1 | 100 |
| Total | 1 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observa-se, por meio do quadro 65, que a lexia “mungunzá” é empregada pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas quando estes se referem à iguaria de sabor doce feita à base de milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, normalmente servida em período de Festas Juninas. Nota-se, por meio da tabulação dos dados, que essa variante tem uma frequência de 100% das ocorrências na prática linguística de tais indivíduos.

5.3.2.5 *Questão 5: “Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente, usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola?”*

Respondida a pergunta, a subquestão 5.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 66 revela as respostas coletas, e a tabela 55 evidencia a quantificação das frequências percentuais no tocante às ocorrências das lexias proferidas:

Quadro 66 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 5 e à subpergunta 5.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | farda | uniforme |
| BGT-F | farda | uniforme |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 55 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 5 do QSL

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| farda | 2 | 50 |
| uniforme | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme o quadro, “farda” e “uniforme” são as lexias empregadas pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas para nomear a vestimenta padronizada que membros de determinada organização, instituição ou grupo usam. Verifica-se, na tabela de quantificação dos dados, que as duas variantes têm uma adesão proporcional desses indivíduos, haja vista que foi registrada uma frequência de 50% das ocorrências para cada uma delas. Vale observar, no entanto, que a variante “farda” aparece como a primeira resposta dos dois informantes, enquanto a variante “uniforme” foi a segunda resposta nos dois casos. Isso pode sugerir uma preferência àquela variante por parte desses sujeitos.

5.3.2.6 *Questão 6: “Que palavra você usa para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos?”*

Declarada a resposta, a subquestão 6.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exhibe as respostas coletas, e a tabela expõe a quantificação das frequências percentuais das ocorrências referentes às lexias verbalizadas:

Quadro 67 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 6 e à subpergunta 6.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | biba | taruíra |
| BGT-F | taruíra | biba |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 56 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 6 do QSL.

| Variante | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| biba | 2 | 50 |
| taruíra | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Nota-se, consoante os dados organizados no quadro 67, que “biba” e “taruíra” são as lexias de que os habitantes baianos de Teixeira de Freitas fazem uso para designar os pequenos répteis quadrúpedes habitualmente vistos nas paredes das residências à procura de insetos. De acordo com a tabulação dos dados, essas duas variantes são igualmente recorrentes na prática linguística desses sujeitos, uma vez que foram computados 50% de ocorrências para cada uma dessas lexias.

5.3.2.7 Questão 7: “Quais palavras você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você?”

Apresentada a resposta, a subquestão 7.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 68 exibe as respostas coletas, e a tabela 57 revela a quantificação das frequências percentuais referentes às ocorrências das lexias enunciadas:

Quadro 68 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 7 e à subpergunta 7.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-----------------|---------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | mainha e painho | não |
| BGT-F | mainha e painho | mamãe e papai |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 57 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 7 do QSL.

| Variante | Ocorrências | % |
|-----------------|-------------|----|
| mainha e painho | 2 | 67 |
| mamãe e papai | 1 | 33 |
| Total | 3 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro 68 evidencia a síntese dos dados coletados e, a partir dele, verifica-se que as lexias “mainha e painho”, bem como “mamãe e papai” são empregadas pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas quando estes se referem ou se dirigem à mulher e ao homem que os geraram e/ou os criaram. Analisando a tabela de quantificação dos dados, constata-se que as variantes “mainha e painho” têm uma incidência maior de uso por esses indivíduos, somando um total de 67% das ocorrências. A outra variante aparece em frequência inferior, com apenas 33% das ocorrências.

5.3.2.8 *Questão 8: “Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio?”*

Emitida a resposta, a subquestão 8.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 69 informa as respostas coletas, e a tabela 58 projeta a quantificação das frequências percentuais referentes às ocorrências das lexias respondidas:

Quadro 69 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 8 e à subpergunta 8.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | capote | casaco |
| BGT-F | capote | casaco |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 58 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 8 do QSL.

| Variante | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| capote | 2 | 50 |
| casaco | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme o quadro informativo de número 69, “capote” e “casaco” são as lexias empregadas pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas em designação da peça de roupa usada da cintura para cima quando a temperatura climática está fria. De acordo com a tabela de quantificação dos dados, essas duas variantes são proporcionalmente presentes na prática linguística desses indivíduos, uma vez que se verifica uma frequência de 50% das ocorrências para cada uma delas.

5.3.2.9 *Questão 9: “Quando um estudante precisa complementar os estudos com um professor extra e individual, você diz que esse estudante precisa de quê?”*

Declarada a resposta, a subquestão 9.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro a seguir exhibe as respostas coletas, e a tabela 59 expõe a quantificação das frequências percentuais relacionadas às ocorrências das lexias verbalizadas:

Quadro 70 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 9 e à subpergunta 9.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | banca | não |
| BGT-F | banca | reforço |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 59 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 9 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| banca | 2 | 67 |
| reforço | 1 | 33 |
| Total | 3 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro de sintetização dos dados explicita que as lexias “banca” e “reforço” são empregadas pelos residentes baianos de Teixeira de Freitas em referência ao serviço personalizado a que alguns estudantes recorrem quando precisam complementar seus estudos com um professor extra e individual. De acordo com a tabulação dos dados, a variante “banca” apresenta maior incidência de ocorrência na prática linguística desses sujeitos, registrando um total de 67% das ocorrências, contra 33% de incidência da variante “reforço”.

5.3.2.10 *Questão 10: “Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários?”*

Proferida a resposta, a subquestão 10.1 era feita: “Há outro termo que você usa?”.

O quadro 71 mostra as respostas coletas, e a tabela 60 revela a quantificação das frequências percentuais referentes às ocorrências das lexias enunciadas:

Quadro 71 - Representação, em quadro, das respostas apresentadas à Questão 10 e à subpergunta 10.1 do QSL.

| LEXIAS UTILIZADAS | | |
|-------------------|-------------|-------------|
| Informante | 1ª Resposta | 2ª Resposta |
| BGT-M | aipim | mandioca |
| BGT-F | aipim | mandioca |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 60 - Frequência das variantes expressas pelos informantes FTBs perante a Questão 10 do QSL.

| Variantes | Ocorrências | % |
|--------------|-------------|----|
| aipim | 2 | 50 |
| mandioca | 2 | 50 |
| Total | 4 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme as informações do quadro 71, “aipim” e “mandioca” são as lexias empregadas pelos habitantes baianos de Teixeira de Freitas em denominação daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou utilizada como acompanhamento em pratos culinários.

Antes de analisar a frequência percentual dos dados referentes a esta questão, um esclarecimento se faz necessário: ao proferirem as respostas 1 e 2, ambos os informantes (BGT-M e BGT-F) relataram que compreendem “aipim” e “mandioca” como variedades distintas da mesma raiz, conforme a funcionalidade alimentícia de cada uma. Segundo eles, a “mandioca” se diferencia do “aipim” no sentido de que o “aipim” pode ser ingerido cozido ou frito, sendo utilizado para comer junto às refeições ou no café da manhã. Já a “mandioca”, de acordo com os informantes, é amarga e tóxica, servindo apenas para a produção de farinha e polvilho, o que, inclusive, é bastante comum na região.

De acordo com a tabela de quantificação dos dados, as variantes “aipim” e “mandioca” são proporcionalmente recorrentes na prática linguística dos baianos teixeirenses, haja vista que a frequência percentual dos dados acusou 50% das ocorrências para cada uma delas, no entanto cada lexia se refere a uma variedade específica da mencionada raiz.

No próximo item, coloca-se, lado a lado, os resultados da análise de cada célula de informantes, estabelecendo uma comparação desses resultados para que se possa verificar as constatações desse método e, finalmente, chegar às conclusões da pesquisa.

5.4 Comparação e balanço geral dos dados

Tendo por base a exposição sintetizada dos dados e a quantificação das frequências percentuais de ocorrências das lexias coletas por células no inquérito, realiza-se, nesta seção, a comparação e o balanço geral dos dados, buscando compreender o que os resultados desse

processo indicam, tendo por base os preceitos sociolinguístico-dialetológicos abordados neste estudo.

Para facilitar a visualização geral dos resultados dos inquéritos, bem como a comparação destes, recorre-se à tabela 61.

Tabela 61 - Representação paralela dos dados gerais conforme a predominância das frequências percentuais de ocorrência, por célula.

| Lexias (variantes) predominantes nas respostas dos informantes, por grupo | | | | |
|--|--|---------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Questões | Célula principal | Célula secundária | Grupo de controle: filhos | Grupo de controle: genitores |
| Questão 1 | sapeca 23% | custosa 31% | malina67% | malina50% |
| Questão 2 | franbacon 70% | franbacon 61,5% | franbacon100% | franbacon100% |
| Questão 3 | brasinha 50% | chup-chup 50% | brasinha geladinho 50% cada | brasinha geladinho 50% cada |
| Questão 4 | canjica 88,9% | canjica 80% | mungunzá 100% | mungunzá 100% |
| Questão 5 | uniforme 80% | uniforme 67% | uniforme farda 50% cada | farda uniforme 50% cada |
| Questão 6 | lagartixa 63,6% | biba 41,2% | biba lagartixa 50% cada | biba taruíra 50% cada |
| Questão 7 | mãe e pai 57% | mãe e pai 73% | mainha e painho ... 50% | mainha e painho .. 67% |
| Questão 8 | blusa de frio casaco ... 45,5% cada | blusa de frio 53,5% | casaco capote 50% cada | capote casaco 50% cada |
| Questão 9 | reforço 61,5% | reforço 57% | banca 67% | banca 67% |
| Questão 10 | mandioca 80% | mandioca 61,5% | aipim mandioca50% | aipim mandioca50% |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

| | |
|--|--|
| | Residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros (célula principal) |
| | Mineiros residentes em Teixeira de Freitas (célula secundária) |
| | Residentes de Teixeira de Freitas filhos de baianos (grupo de controle – filhos) |
| | Habitantes de Teixeira de Freitas baianos (grupo de controle – genitores) |

Mediante os dados organizados paralelamente no quadro informativo, verifica-se que os informantes da célula principal, habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, para designar uma criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar (questão 1), predominantemente fazem uso da lexia “sapeca”, não recebendo, neste caso, influência linguística parental, tampouco da comunidade originariamente baiana local, que respectivamente fazem uso predominante das variantes “custosa” e “malina”. Vale destacar que, das questões que compõem o QSL, a questão 1 foi a que obteve maior quantidade de variantes nas respostas, por isso o percentual da variante predominante na prática linguística da célula principal — e até mesmo o da célula secundária — é baixo, 23%.

Quanto à designação que os residentes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, majoritariamente, apresentaram para a iguaria feita da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon (questão 2), constata-se que tais indivíduos, ao fazer uso da lexia

“frabacon” sofreram influência linguística da variedade linguística baiana teixeirense, havendo uma considerável adesão desses indivíduos a tal variante, 70%. Mas não apenas isso chama a atenção, pois a quantificação dos dados apontou que também os genitores desses sujeitos, ou seja, os mineiros residentes em Teixeira, igualmente a seus filhos, receberam influência da comunidade local, uma vez que a frequência de adesão a essa variante na célula secundária foi 61,5%. Isso justifica algumas observações realizadas por alguns informantes mineiros quando estes, em entrevista, alegaram ter deixado de fazer uso de algumas variantes características de sua região de origem para serem melhor compreendidos ou para não serem mal interpretados pelos habitantes nativos de Teixeira de Freitas e do Extremo Sul da Bahia.

Na ocasião, exemplos de variantes que os informantes mineiros residentes em Teixeira apresentaram como termos tipicamente mineiros que já despertaram reações adversas ou má interpretação por parte de ouvintes da comunidade teixeirense foram as lexias “siririca” e “mandioca”. Os informantes explicaram “siririca” como uma variante usada em algumas regiões mineiras para nomear os cupins alados, porém desconhecida nessa acepção pelos baianos e, por outro lado, compreendida como gíria que conota a “masturbação feminina”. Já a lexia “mandioca”, os informantes relataram ser uma variante habitualmente empregada em Minas Gerais para designar a raiz comestível (atóxica), entendida pelos baianos teixeirenses como “aipim”, diferente da raiz tóxica, que os baianos da comunidade chamam de “mandioca”.

Referentemente à questão 3 do QSL, nota-se que os residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, ao apresentarem, na sua maioria, a lexia “brasilha” como termo que designa o suco de frutas ou o achocolatado congelado em saquinhos plásticos, revelaram ter sofrido influência linguística da comunidade baiana teixeirense, pois se aderiram mais ao termo utilizado por pessoas nativas da região, em detrimento do uso da variante mineira “chup-chup”, ainda predominantemente utilizada por seus genitores, os mineiros residentes em Teixeira de Freitas.

Por outro lado, ao designar a iguaria de sabor doce feita à base de milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, tradicionalmente servido em período de Festas Juninas (questão 4), os residentes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros demonstraram se aderir à variante empregada por seus pais (mineiros residentes em Teixeira), fazendo uso predominante da lexia “canjica”, em vez da variante utilizada pela comunidade nativa do Extremo Sul baiano, a qual utiliza a variante “mungunzá” para se referir a tal preparado culinário.

Ao responderem à questão 5 do QSL, os informantes da célula principal majoritariamente mencionaram a lexia “uniforme” para denotar a vestimenta padronizada usada por funcionários de empresas ou de instituições, bem como por estudantes. A adesão desses

falantes ao referido termo está mais condizente com a variante empregada por seus genitores (mineiros residentes em Teixeira de Freitas), que também revelaram fazer uso predominante dessa variante; todavia é importante destacar que a comunidade nativa de Teixeira de Freitas demonstrou também fazer uso dessa variante, porém, com frequência de ocorrência proporcional ao uso da variante “farda”, ficando esta comunidade, portanto, dividida quanto à adesão das lexias “uniforme” e “farda”.

Tratando-se da lexia que os residentes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros empregam para se referir aos pequenos répteis quadrúpedes que comumente aparecem nas paredes das casas à procura de insetos para se alimentarem (questão 6), a quantificação dos dados demonstrou que os falantes da célula principal não sofrem influência linguística nem da fala de seus genitores mineiros, nem da comunidade de Teixeira, uma vez que aqueles fazem uso majoritário da variante “lagartixa”, termo habitualmente ensinado nas escolas, enquanto os falantes das demais células demonstraram maior adesão a uma variante popular comum na comunidade baiana teixeirense: “biba”.

Ainda sobre as respostas apresentadas à questão 6, vale observar que os informantes da célula secundária, os mineiros residentes em Teixeira de Freitas, diferentemente de seus filhos, revelaram sofrer influência linguística da comunidade local; pois, dentre outras variantes por eles pronunciadas, a menção predominante foi da lexia “biba”, termo por eles mesmos associado ao falar dos baianos teixeirenses.

Importa destacar, ainda, que “biba” foi a variante primeiramente apresentada nas respostas dos baianos teixeirenses (filhos e genitores); no entanto, como lexias opcionais, variantes de que também fazem uso, os baianos teixeirenses identificados como filhos (TFBs) citaram a lexia “lagartixa”, assim como os informantes da célula principal (FMs), já os baianos teixeirenses identificados como genitores (BGTs) expuseram, em suas respostas, a variante “taruíra” como termo opcional utilizado.

Diante dessas observações, infere-se que, ao fazer uso da variante “lagartixa”, os falantes da célula principal, assim como os falantes do grupo de controle identificados como filhos têm suas falas influenciadas pelo fator escolaridade, sendo este um dos condicionadores que constituem a variação diastrática. Essa constatação se faz condizente com a perspectiva de Chambers e Trudgill (1998) quando estes endossam haver sempre uma relação entre os aspectos regional e social no fenômeno da variação linguística, haja vista que, para esses linguistas, os falantes, de modo geral, apresentam sempre experiências regionais e sociais, indissociavelmente.

Outra hipótese que poderia justificar a predominância da variante “lagartixa” entre os FMs e os TFBs é o condicionador faixa etária, visto que os informantes desses dois grupos têm idade entre 23 e 38 anos, enquanto os grupos que englobam os genitores (tanto mineiros quanto baianos) são constituídos por indivíduos com faixa etária mais avançada, de 46 a 67 anos de idade. Analisando esse aspecto, a predominância da variante “lagartixa” na prática linguística dos grupos mais jovens, e a predominância da variante “biba” nos grupos de idade mais avançada levantam evidências de haver, neste caso, a variação diageracional.

Acerca das respostas emitidas à questão 7 do QSL, que indagava quais termos o informante usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que o geraram e/ou o criaram, a quantificação e a comparação dos dados revelaram que os habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, ao fazerem uso das variantes “mãe e pai”, sofreram influência linguística da fala de seus genitores mineiros, uma vez que estes também demonstraram fazer uso majoritário dessas mesmas variantes, diferentemente dos informantes que integram o grupo de controle (filhos e genitores), os quais, conforme os resultados da análise, fazem uso predominante das lexias “mainha e painho”, variantes que tanto os participantes da célula principal quanto os da célula secundária associaram à variedade linguística baiana teixeirense.

Em designação da peça de roupa usada da cintura para cima quando o clima está frio (questão 8), de acordo com a quantificação, a análise e a comparação dos dados, os residentes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros — revelando fazer uso proporcional tanto da variante “blusa de frio” quanto da variante “casaco” — sofrem influência linguística tanto de seus genitores mineiros quanto da comunidade baiana teixeirense, haja vista que a expressão lexical “blusa de frio” é a variante predominantemente empregada pelos mineiros residentes em Teixeira de Freitas, e a lexia “casaco” é uma das variantes de maior uso entre os baianos teixeirenses, os quais — em substituição a tal lexia — usam, na mesma proporção, a variante “capote”, termo ao qual os informantes da célula principal revelaram não se aderir.

Concernente à lexia empregada para se referir ao serviço personalizado que alguns estudantes contratam na finalidade de complementar seus estudos com um professor extra e individual (questão 9), os residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros revelaram fazer emprego predominante da variante “reforço”, sendo, neste caso, linguisticamente influenciados pela fala de seus genitores mineiros, os quais também demonstraram fazer uso predominante dessa variante, diferentemente dos falantes que constituem o grupo de controle (filhos e genitores), cujas respostas evidenciaram maior adesão à variante “banca”, forma lexical que tanto os participantes da célula principal quanto os da célula secundária associaram à variedade linguística baiana teixeirense.

Finalmente, quanto às respostas apresentadas à questão 10 do QSL, que indagava o nome da raiz tuberosa utilizada para fazer farinha e polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários, os residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, conforme os resultados e a comparação dos dados, sofreram influência linguística de seus genitores mineiros, uma vez que tanto os informantes da célula principal quanto os da célula secundária expuseram o emprego prevaente da variante “mandioca”, sem qualquer observação de distinção semântica em relação ao referente. Diferentemente, os informantes que representam a comunidade baiana teixeirense (constituintes do grupo de controle) apresentaram, em suas respostas, duas variantes com frequência proporcional de uso: “aipim” e “mandioca”, sobre as quais houve, da parte destes sujeitos, observações semânticas associadas ao emprego e ao entendimento desses termos em referência a tal alimento na comunidade baiana teixeirense.

Ao fim dessa análise comparativa, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, é relevante a visualização da tabela abaixo, a qual expõe, em frequência percentual, a demonstração das influências linguísticas mineira e baiana teixeirense sobre a linguagem dos residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, informantes principais deste estudo, tendo em consideração os itens que constituíram o QSL aplicado nas entrevistas, bem como o enfoque semântico-lexical deste estudo.

Tabela 62 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos informantes da célula principal

| Variedade linguística | Ocorrências | % |
|---|--------------------|----------|
| mineira – oriunda de variantes empregadas pelos genitores | 5 | 50 |
| baiana teixeirense – oriunda de variantes usadas pela comunidade teixeirense nativa | 2 | 20 |
| nem mineira, nem baiana teixeirense | 2 | 20 |
| Tanto mineira quanto baiana teixeirense | 1 | 10 |
| Total | 10 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Verifica-se, por meio da tabulação dos dados, que a célula principal, ou seja, os habitantes de Teixeira de Freitas filhos de migrantes mineiros, no que se refere à linguagem espontânea, sofrem influência linguística predominantemente (50%) da variedade linguística mineira, associada à origem geográfica de seus genitores mineiros. A quantificação dos dados evidencia frequências inferiores de influência sobre a fala desses indivíduos, sendo 20% delas resultantes do contato com a variedade linguística baiana teixeirense; outros 20% não são relacionados nem à variedade linguística mineira, nem à baiana teixeirense; e 10% de influência simultaneamente proveniente tanto da variedade linguística mineira quanto da baiana teixeirense.

Quanto à estratificação por sexo, feminino e masculino, observa-se o seguinte quadro informativo:

Quadro 72 - Representação, em quadro, da identificação das variantes que os FMs apresentaram às questões de 1 a 10 do QSL, sob a estratificação sexo.

| Questões | Informantes de sexo FEMININO | | Informantes de sexo MASCULINO | |
|----------|--------------------------------|---|--------------------------------|---|
| | Influência da variante mineira | Influência da variante baiana teixeirense | Influência da variante mineira | Influência da variante baiana teixeirense |
| 1 | — | — | 1 | 2 |
| 2 | 1 | 3 | 2 | 2 |
| 3 | 3 | 1 | 1 | 3 |
| 4 | 4 | — | 4 | 1 |
| 5 | 4 | — | 3 | 1 |
| 6 | — | — | — | — |
| 7 | 4 | — | 3 | 2 |
| 8 | 2 | 2 | 1 | 3 |
| 9 | 4 | 2 | 4 | 1 |
| 10 | 4 | — | 4 | 2 |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 63 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos FMs, sob a estratificação sexo: feminino.

| FMs – sexo FEMININO | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Influência da variedade linguística mineira | 26 | 76,5 |
| Influência da variedade linguística mineira baiana teixeirense | 8 | 23,5 |
| Total | 34 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 64 - Demonstração da frequência percentual de influência linguística sobre a fala dos FMs, sob a estratificação sexo: masculino.

| FMs – sexo MASCULINO | Ocorrências | % |
|--|-------------|------|
| Influência da variedade linguística mineira | 23 | 57,5 |
| Influência da variedade linguística mineira baiana teixeirense | 17 | 42,5 |
| Total | 40 | |

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Levando em conta a estratificação dos informantes da célula principal por sexo, verifica-se, por meio do quadro informativo de número 72 e das tabelas de quantificação de frequência percentual, que os habitantes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, corroborando o que já foi constatado anteriormente, em geral, têm sua linguagem predominantemente influenciada pela variedade linguística proveniente de seus genitores mineiros, haja vista que 76,5% das respostas apresentadas por informantes do sexo feminino comprovaram a adesão desses indivíduos a variantes mineiras, contra 23,5% de adesão à variedade linguística baiana teixeirense. De modo semelhante, 57,5% das respostas emitidas por informantes do sexo masculino ratificaram uma maior adesão desses sujeitos a variantes mineiras, contra 42,5% de adesão à variedade linguística baiana teixeirense.

Esses resultados são bastante coerentes com as asserções de Chambers e Trudgill (1998), mencionados no capítulo teórico deste estudo (pág. 21-22), onde se destacou que esses autores defendem a ideia de que as pessoas, em aspecto linguístico, são comumente mais influenciadas por questão de proximidade com indivíduos com os quais tenham contato mais frequente, neste caso com sujeitos da rede familiar, uma constatação da variação diastrática.

Além disso, recorda-se que, ainda de acordo com Chambers e Trudgill (1998), quando pessoas mais integradas a determinada rede social são comparadas a outras que estejam mais periféricas, aquelas demonstrarão estar mais suscetíveis a influências linguísticas dos falantes que constituem tal rede do que aqueles que se encontram mais periféricos. Isso significa que, voltando aos resultados por estratificação sexual, as mulheres residentes de Teixeira de Freitas filhas de migrantes mineiros demonstram-se um pouco mais integradas à rede familiar do que os homens desse mesmo grupo, haja vista que a frequência percentual de influência da linguagem dos genitores é mais elevada entre elas do que entre eles.

Esses mesmos dados, por outro lado, revelam que — levando em consideração o sexo dos informantes — os homens residentes em Teixeira de Freitas filhos de mineiros têm sua linguagem mais influenciada por variantes da comunidade baiana teixeirense do que as mulheres, visto que, dentre as respostas apresentadas por aqueles 42,5% são lexias apontadas tanto pelos informantes da célula principal quanto pelos da célula secundária como variantes baianas teixeirenses, o que, posteriormente, foi confirmado mediante as respostas proferidas pelos participantes do grupo de controle.

No caso das mulheres residentes em Teixeira de Freitas filhas de migrantes mineiros, apenas 23,5 das lexias apresentadas em respostas são representativas da variedade linguística da comunidade nativa de Teixeira de Freitas. Infere-se, a partir dessas observações, que os homens residentes de Teixeira de Freitas filhos de mineiros, linguisticamente, são mais adeptos da variedade linguística baiana teixeirense do que as mulheres da mesma célula e, por consequência, um pouco menos influenciados linguisticamente pela variedade linguística de seus genitores do que elas, embora a variedade mineira ainda seja prevalecente nos dois sexos. Verifica-se, portanto, a presença não só da variação diastrática como também da diagenérica (ou diassexual) nos casos discutidos.

O próximo capítulo faz as considerações finais deste estudo sociolinguístico-dialetológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sociolinguístico-dialetológica teve como foco a variação linguística na fala de habitantes de Teixeira de Freitas, Bahia, particularmente na linguagem dos filhos de migrantes mineiros. Teixeira de Freitas, uma cidade com 39 anos de emancipação, destaca-se como um centro urbano em rápido desenvolvimento, o qual tem atraído uma população diversificada, incluindo indivíduos oriundos de diferentes municípios de Minas Gerais. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como a variação semântico-lexical se manifesta na linguagem dessa população específica.

Localizada no Extremo Sul da Bahia, Teixeira de Freitas faz divisa com Minas Gerais e Espírito Santo, sendo um ponto de confluência cultural e linguística. A diversidade de sua população, oriunda de diferentes localidades, é um fator relevante para a análise da variação linguística. A pesquisadora, também mineira e residente nessa cidade baiana, teve suas experiências pessoais como motivação para investigar a linguagem da comunidade mineira residente na cidade.

A pesquisa fundamentou-se nos preceitos da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia, utilizando como base teórica os estudos de William Labov e de Chambers e Trudgill. Esses autores fornecem um entendimento profundo sobre a variação linguística, considerando-a um fenômeno natural da linguagem humana. O embasamento teórico orientou tanto a formulação da questão de pesquisa quanto a seleção dos métodos de coleta e análise dos dados.

A seleção dos informantes constituiu um desafio, com dificuldades na disponibilidade de participantes, especialmente entre os homens. A metodologia de coleta de dados incluiu entrevistas informais com mineiros residentes em Teixeira de Freitas por 10 anos ou mais. Um questionário semântico-lexical (QSL) foi elaborado, com 30 questões, para identificar lexis aprendidas e usadas pelos informantes principais. As entrevistas foram realizadas em suas residências ou em locais de trabalho, utilizando tecnologia para gravação e transcrição dos diálogos.

Os dados coletados foram organizados e tabulados para uma análise qualitativa e quantitativa. A comparação das variantes lexicais entre os grupos de informantes — filhos, pais e um grupo de controle — possibilitou observar a influência da variedade mineira e da variedade baiana na linguagem dos filhos de migrantes mineiros.

A análise revelou que, em termos semântico-lexicais, a linguagem dos filhos de migrantes mineiros é marcada, predominantemente, pela variedade mineira, ou seja, os informantes da célula principal tendem a usar termos que refletem a influência de seus genitores mineiros, como “canjica”, para designar a iguaria doce à base de milho e leite, comum nas Festas Juninas; “blusa de frio”, para falar da peça de roupa usada no inverno; “reforço”, para designar o tipo de ensino individualizado em que um professor ou tutor oferece instruções personalizadas a um aluno; e o uso exclusivo de variante “mandioca” em referência à planta de raízes tuberosas usadas como alimento ou como insumo para a fabricação de farinha e polvilho. Por outro lado, também se constatou uma adesão desses indivíduos a certas variantes baianas, como “franbacon”, para falar da iguaria feita com peito de frango envolto em fatias de bacon; e “brasinha”, para fazer referência ao suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos.

De maneira mais exata, os resultados mostraram que 50% das variantes lexicais dos informantes filhos de migrantes mineiros foram identificadas como características do falar mineiro, enquanto 20% foram associadas à variedade baiana teixeirense. Tais dados evidenciaram a presença das variações diastrática e diatópica. Além dessas descobertas, a análise dos dados constatou que 10% das variantes lexicais empregadas por esses indivíduos são de influência simultaneamente proveniente tanto da variedade linguística mineira quanto da baiana teixeirense. Reitera-se, ainda, que outros 20% das variantes não demonstraram ter relação nem com a variedade linguística mineira, nem com a baiana teixeirense, podendo estar relacionados à influência de outros condicionadores, hipótese que abre margem para a realização de outros estudos.

A pesquisa também identificou presença da variação diageracional, com diferenças entre as lexias utilizadas por gerações mais jovens e mais velhas. Não obstante, esse dado não havia sido considerado como variável, logo torna-se difícil a corroboração dessa conclusão por meio da análise de cada pergunta. Além disso, notou-se uma distinção significativa na influência da linguagem mineira sobre as mulheres em relação aos homens, indicando que as mulheres estão mais integradas à rede familiar e, portanto, mais suscetíveis à influência linguística dos genitores mineiros. Constatou-se, nesse aspecto, presença também das variações diagenérica e diastrática.

Os achados sugerem que a linguagem dos habitantes de Teixeira de Freitas, filhos de migrantes mineiros, é um reflexo da interação entre a cultura mineira e a baiana. O processo de adaptação linguística dos migrantes mineiros ao novo ambiente social e linguístico é

evidenciado pela substituição de algumas variantes mineiras por lexias da comunidade baiana, com o objetivo de facilitar a comunicação e evitar mal-entendidos.

A pesquisa contribui para o entendimento das dinâmicas de variação linguística em contextos de migração e diversidade cultural. Ao documentar as particularidades linguísticas de uma parcela dos habitantes de Teixeira de Freitas, o estudo não apenas enriquece os campos da Sociolinguística e da Dialectologia, mas também abre espaço para futuras investigações sobre a linguagem de outros grupos migratórios na região. A pesquisa enfatiza a importância de compreender as alterações linguísticas que ocorrem em comunidades formadas por diferentes origens, contribuindo para a valorização das identidades culturais e linguísticas locais.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira (Orgs.). **Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia brasileira**. Londrina: Eduel, Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34398>> Acesso em: 24 de jan. de 2024.

ALÉCIO, Priscila Ferreira de. **Análise dos usos, percepções e atitudes de sulistas residentes no município de Cláudia: estudo da variação “tu” e “você”**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop, 2021.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil**. João Pessoa-PB: Graphos, v. 12, n. 2, Dez./2010.

BANDEIRA, Gabriela. **Marcos de desenvolvimento da fala: quais são e quando procurar ajuda?** Genial Care. 2022. Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/desenvolvimento-da-fala/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

BERGAMINI, Claudia. **Aspectos Semântico-Lexicais da Língua Portuguesa falada por universitários de Maputo – Moçambique**. São Paulo: 2011. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30082011-152606/>>. Acesso em: 4 maio 2024.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia: análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia**. São Paulo: 2012. Tese (doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40: 27-46, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/295/42>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BORIN, Maísa Augusta et al. **Sociolinguística**: 3º semestre. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2010. Disponível em: < <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413>>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: a sociolinguística na sala de aula. Nós chegemu na escola, e agora?. São Paulo: Parábola, 2004.

CARAMORI, Iana. Dia do pão francês: saiba curiosidades da iguaria que nasceu no Brasil no século 20. **G1**, Distrito Federal, 21 mar. 2023. Notícia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/21/dia-do-pao-frances-saiba-curiosidades-da-iguaria-que-nasceu-no-brasil-no-seculo-20.ghtml>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **Revista Delta**, São Paulo, v.17. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/F9qxnq4DV6XTVMYdXJB89Sd/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. Léxico. In: **Glossário Ceale**: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2014, s/p. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/apresentacao>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CENSO 2022: Salvador lidera ranking de cidade mais populosa da Bahia. **BN – Bahia Notícia**, 2023. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/281682-censo-2022-salvador-lidera-ranking-de-cidade-mais-populosa-da-bahia>>. Acesso em: 05 maio 2024.

CERQUEIRA NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de. O Extremo Sul da Bahia que não pertence a Bahia: da fragmentação estadual à busca de uma identidade regional. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 307-319, mar. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16566/9228>>. Acesso em: 09 set. 2023.

_____. **Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2014.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística: 6º período.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

_____. **Sociolinguística: 6º período.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

CONHECE esses apelidos do pão no Brasil? Como você chama?. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/webstories/2023/07/5111814-conhece-esses-apelidos-do-pao-no-brasil-como-voce-chama.html>>. Acesso em: 24 mar. 2023

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista,** (12), 51–60. 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/Bd8RzXHhGJBXMnSx4cYjCRg/?lang=pt>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

DIAS, Marcelo Pires. **Variação Linguística e Ensino de Língua Portuguesa.** 27 nov. 2015. Apresentação do Power Point. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/marcelopiresdias/variao-e-ensino-de-Ingua-portuguesa>>. Acesso em: 28 out. 2022.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em mar. 2024.

DOXSEY, Jaime Roy; DE RIZ, Joelma. Metodologia da pesquisa científica. **Escola Superior Aberta do Brasil,** 2003. Disponível em: <https://cafarufrij.files.wordpress.com/2009/05/metodologia_pesquisa_cientifica.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

DPOPULAR. **DPopular**. 67 gírias mineiras e expressões mais famosas. Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/girias-mineiras/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

EBC. **EBC**, 2017. Entenda algumas expressões do português angolano. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/jikulumessu/2017/05/entenda-algumas-expressoes-do-portugues-angolano>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

ESTADO de Minas Gerais meso e microrregiões do IBGE. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/sites/default/files/paginas/arquivos/2016/ligminas_10_2_04_listame_somicro.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

ETAPAS do desenvolvimento do vocabulário da criança. **Neurosaber**, 2023. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/etapas-do-desenvolvimento-do-vocabulario-da-crianca-de-0-a-6-anos/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ETTO, Rodrigo Mazer. **Sociolinguística: o papel do social na língua**. 2017. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, Universidade Estadual de Ponta Grossa. São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile/444/414>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

EXPLORE o que é, tipos e principais usos do Papel Tissue. Blog Klabin, 2024. Disponível em: <<https://blog.klabin.com.br/-/papel-tissue>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

FOUQUET, Christina Benini Gimenes. **A influência no dialeto nordestino frente ao dialeto paulista**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.8.2013.tde-07112013-122227>> Acesso em: 10 de fev. de 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Régis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4731>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

HISTÓRIA de Teixeira de Freitas. Câmara Municipal de Teixeira de Freitas. Teixeira de Freitas. Disponível em: <<https://www.camaratf.ba.gov.br/historia-de-teixeira-de-freitas/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

HOFF, Erika. Desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos de vida: mecanismos de aprendizagem e resultados do nascimento aos cinco anos de idade. *In*: Enciclopédia sobre Desenvolvimento na Primeira Infância. Universidade Florida Atlantic, EUA, 2009/2011. Disponível em: <<https://www.encyclopedia-crianca.com/desenvolvimento-da-linguagem-e-alfabetizacao/segundo-especialistas/desenvolvimento-da-linguagem-nos>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

IBGE. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, c2022. Brasil – BA– Teixeira de Freitas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/teixeira-de-freitas/panorama>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LAGARTIXA: fatos e características. ecycle: fauna terrestre. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/lagartixa/>>. Acesso em: 8 out. 2024.

LEAL, Roberto. Dicionário de Angolês. **Revista Òmnira**, Luanda, abr. 2020. Disponível em: <<http://www.fundacaoomnira.com.br/2020/04/dicionario-de-calaoangolano.html>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LÉXICO. *In*: Houaiss, Dicionário Online da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1>. Acesso em: 24 mar. 2024.

LEXEMA. *In*: Portal da Língua Portuguesa. Lisboa: Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC). Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1398>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

LIMA, Francisco Denílson Santos de. **A violência e o medo em Teixeira de Freitas-BA e seus reflexos nas formas de uso e consumo dos espaços livres públicos (elp's) pela juventude.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27118/1/TESE%20Francisco%20Den%c3%adilson%20Santos%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2024.

LUCENA, Isabella Cristina Amorin de; CASTEDO, Tatiana Maranhão de. **Inter-relações entre a sociolinguística e a dialetologia.** *In*: Congresso Internacional da Abralin, 6, 2009, João Pessoa. Anais eletrônicos [...] João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1896. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/prin_total.htm>. Acesso em: 25 set. 2022.

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. **A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia:** cartas léxicas gerais e de subáreas. Salvador: 2012. Tese (doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27350>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MUNICÍPIOS e regiões da Bahia. Scribd, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/105943629/Municipios-e-regioes-da-Bahia>>. Acesso em: 8 set. 2024.

NASCIMENTO, Lorena Cristina Ribeiro. **A variação pronominal na Bahia**: condicionadores de *tu* e *você* na fala popular de Salvador e Amargosa. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26660/1/LORENANascimento_DISSERTA%c3%87%c3%83O_COMPLETA_DEFINITIVA.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

NOVAES, Adriana Esteves Gama. **Inovações tecnológicas em sistemas de informações contábeis: um estudo em Teixeira de Freitas/ Bahia**. São Mateus: 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré. Disponível em: <<https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/958>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

OBSERVATÓRIO da Língua Portuguesa. **Observatório da Língua Portuguesa**, 2023. Dicionário de Angolano. Disponível em: <<https://observalinguaportuguesa.org/dicionario-de-angolano/>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. 160 p.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Filologia e Lexicologia: a edição e o estudo do vocabulário de Autos de Defloração. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão - GO, vol. 16, n. 2, p. 15-28, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314709034_filologia_e_lexicologia_a_edicao_e_o_estudo_do_vocabulario_de_autos_de_defloramento>. Acesso em: 24 mar. 2024.

RODRIGUES, Ermínio. Português do Brasil e português de Portugal: diferenças. **Alfa**, São Paulo, 25: 69-96, 1981.

ROMANO NETO, Luciana F. de C. KIMIE, Juliana. SILVA, Sabrina. O dialeto baiano. 2009. 7º Simpósio de Ensino de Graduação — **7ª Mostra Acadêmica UNIMEP**. Disponível em: <<file:///D:/Users/ml821/Desktop/AAAA/simp%C3%B3sio%20...%20o%20falar%20baiano.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SANCHES, Romário Duarte. Da dialetologia geral à dialetologia contatual. **Work. Pap. Linguíst.**, 23(1), Florianópolis, p. 16-37, 2022. Disponível em: <<http://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e75436>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SANTOS, Ivonete da Silva. **A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8228>>. Acesso em: 09 out. 2023.

SANTOS, Renata Livia de Araújo. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. Maceió: 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: Teoría y análisis**. Madri: Alhambra, 1988.

SUZANO inicia operação de nova ETE na unidade Mucuri. **Bahia de Valor**, 2017. Disponível em: <<https://badevalor.com.br/suzano-inicia-operacao-de-nova-ete-na-unidade-mucuri/>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SUZANO na Bahia. **Suzano**. Disponível em: <<https://www.suzano.com.br/sustentabilidade/pessoas/comunidades-vizinhas/bahia>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TEIXEIRA de Freitas (BA). **Municípios e Saneamento Beta**. Disponível em: <

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction**. Great Britain, Penguin Books, 1974.

_____. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. 2.ed. London: Penguin Books, 1983.

VALGAS, Adriana de. **Desenvolvimento em Santa Catarina e sua relação com a construção da BR 101**. Florianópolis: 2001. Monografia (Ciências Econômicas). UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/108753>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

VOCÁBULO. In: Portal da Língua Portuguesa. Lisboa: Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC). Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2291>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

ZACHARIAS, Romy Schmidt Brock. **Primeiras palavras: quando a criança começa a falar? Como é possível estimular?**. Hospital Israelita Albert Einstein. 2020. Disponível em: <<https://vidasaudavel.einstein.br/primeiras-palavras-quando-a-crianca-comeca-a-falar-como-e-possivel-estimular/#:~:text=J%C3%A1%20aos%209%20meses%2C%20come%C3%A7ar%C3%A1,p,or%20um%20profissional%20de%20fonoaudiologia.>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

APÊNDICE I

Ficha cadastral utilizada em entrevistas com os informantes da célula principal: habitantes de Teixeira de Freitas (BA), filhos de migrantes mineiros.

FICHA CADASTRAL – 1

Inf. Nº: _____ Data: ___/___/___ Sexo: () Masculino () Feminino

1) Nome: _____

2) Local de nascimento (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando se mudou para Teixeira): _____

3) Data de nascimento: ___ / ___ / ___

4) Naturalidade do genitor (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando se mudou para essa cidade): _____

Profissão do pai: _____

5) Naturalidade da genitora (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando se mudou para essa cidade): _____

Profissão da mãe: _____

6) Nível de Escolaridade: _____

7) Profissão (ou atividade exercida): _____

8) Com quem mora: Esposa () / Esposo () / Mãe () / Pai () Filhos () / Outro (especificar):

9) Se é/ já foi casado(a), ou tiver companheiro(a), apresentar seus dados:

Naturalidade: _____ (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando mudou para a cidade): _____

Nível de Escolaridade: _____ Tempo de Convivência:

_____ Profissão do(a) Companheiro(a) (ou atividade exercida):

10) Filhos: () Sim () Não

Se sim, dizer quantos, a idade e a escolaridade deles:

11) Parentes em Minas Gérias: () Sim () Não

Se sim, dizer em qual (quais) cidade(s) residem: _____

Dizer a frequência em que realiza viagens para visitar os parentes em Minas:

() Uma vez ao ano () duas ou mais vezes ao ano () Raramente () Nunca

12) Residência local:

13) Telefone para contato: _____

14) Grau de intimidade com o inquiridor: () Grande () Médio () Pequeno () Nenhum

15) Outras Informações:

APÊNDICE II

Ficha cadastral utilizada em entrevistas com os informantes da célula secundária: mineiros residentes em Teixeira de Freitas (BA), genitores dos informantes principais.

FICHA CADASTRAL – 2

Inf. Nº: _____ Data: ___/___/___ Sexo: () Masculino () Feminino

1) Nome: _____

2) Local de nascimento (cidade mineira): _____

3) Data de nascimento: ___ / ___ / ___

4) Nível de Escolaridade: _____

5) Profissão (ou atividade exercida): _____

6) Dizer o ano em que se mudou para Teixeira de Freitas: _____

7) Tempo de vivência em Teixeira de Freitas: _____

8) Com quem mora: Esposa () / Esposo () / Mãe () / Pai () Filhos () / Outro (especificar): _____

9) Dados do cônjuge:

Naturalidade: _____ (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando mudou para a cidade): _____

Nível de Escolaridade: _____ Tempo de Convivência:

_____ Profissão do(a) Companheiro(a) (ou atividade exercida): _____

10) Dizer se os filhos nasceram em Teixeira: () Sim () Não

Se não, dizer quantos anos os filhos tinham quando a família mudou-se para Teixeira de Freitas:

11) Parentes em Minas Gérias: () Sim () Não

Se sim, dizer em qual (quais) cidade(s) residem: _____

Dizer a frequência em que realiza viagens para visitar os parentes em Minas:

Uma vez ao ano duas ou mais vezes ao ano Raramente Nunca

12) Residência local:

13) Telefone para contato: _____

14) Grau de intimidade com o inquiridor: Grande Médio Pequeno Nenhum

15) Outras Informações:

APÊNDICE III

Ficha cadastral utilizada em entrevistas com os informantes do grupo de controle: Teixeiraenses filhos de baianos.

FICHA CADASTRAL – 3

Inf. Nº: _____ Data: ___/___/___ Sexo: () Masculino () Feminino

1) Nome: _____

2) Local de nascimento: _____

3) Data de nascimento: ___ / ___ / ___

4) Nível de Escolaridade: _____

5) Profissão (ou atividade exercida): _____

6) Origem geográfica da mãe: _____

7) Origem geográfica do pai: _____

8) Com quem mora: Esposa () / Esposo () / Mãe () / Pai () Filhos () / Outro (especificar): _____

9) Dados do cônjuge (ou companheiro(a)), caso o tenha:

Naturalidade: _____ (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando mudou para a cidade): _____

Nível de Escolaridade: _____ Tempo de Convivência:

_____ Profissão do(a) Companheiro(a) (ou atividade exercida): _____

10) Filhos: () Sim () Não

Se sim, dizer quantos, a idade e a escolaridade deles:

11) Residência local:

12) Telefone para contato: _____

13) Grau de intimidade com o inquiridor: () Grande () Médio () Pequeno () Nenhum

14) Outras Informações:

APÊNDICE IV

Ficha cadastral utilizada em entrevistas com os informantes do grupo de controle: baianos residentes em Teixeira de Freitas (BA), genitores de filhos nascidos e residentes em Teixeira.

FICHA CADASTRAL – 4

Inf. Nº: _____ Data: ___/___/___ Sexo: () Masculino () Feminino

1) Nome: _____

2) Local de nascimento (cidade baiana): _____

3) Data de nascimento: ___ / ___ / ___

4) Nível de Escolaridade: _____

5) Profissão (ou atividade exercida): _____

6) Tempo de vivência em Teixeira de Freitas: _____

7) Com quem mora: Esposa () / Esposo () / Mãe () / Pai () Filhos () / Outro (especificar): _____

8) Dados do cônjuge:

Naturalidade: _____ (caso não seja de Teixeira de Freitas, dizer quando mudou para a cidade): _____

Nível de Escolaridade: _____ Tempo de Convivência:

_____ Profissão do(a) Companheiro(a) (ou atividade exercida): _____

9) Dizer se os filhos nasceram em Teixeira de Freitas: () Sim () Não

Se não, dizer quantos anos os filhos tinham quando a família mudou-se para Teixeira de Freitas:

10) Residência local:

11) Telefone para contato: _____

12) Grau de intimidade com o inquiridor: () Grande () Médio () Pequeno () Nenhum

13) Outras Informações:

APÊNDICE V



QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

| Número da questão | Questão |
|-------------------|--|
| 1. | <p>Pense numa criança que faz peraltices, não para quieta e é difícil de controlar. Você diz que essa criança é o quê?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>criança custosa</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>criança malina</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 2. | <p>Qual é o nome da carne do peito de frango envolta em fatias de bacon?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>medalhão</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>franbacon</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |

| | |
|----|---|
| | |
| 3. | <p>Como se chama aquele suco de frutas ou achocolatado congelado em saquinhos plásticos, tipo picolé?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>chup-chup</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>geladinho</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 4. | <p>Qual é o nome daquele prato de sabor doce feito com milho cozido ao leite, com amendoim ou coco ralado, normalmente servido em Festas Juninas?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>canjica</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>mungunzá</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 5. | <p>Qual é o nome daquela vestimenta padronizada, normalmente usada por funcionários de uma empresa, instituição ou estudantes de uma escola?</p> |

| | |
|----|--|
| | <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>uniforme</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>farda</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| 6. | <p>Qual é o nome daquele mosquito que normalmente sai à noite para picar as pessoas, e que faz um zumbido chato nos nossos ouvidos?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>mariçoca</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>muriçoca</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu “<i>jatium</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| 7. | <p>Qual é o nome daquele item de papelaria, com zíper, normalmente usado pelos estudantes para guardar lápis, borracha e canetas?</p> <p>_____</p> |

| | |
|----|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>bolsinha</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>estujo</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 8. | <p>Que palavra ou expressão você diz quando se espanta com algo?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>Nossa senhora!</i>”? _____ • Já ouviu: “<i>Ave Maria!</i>”? _____ • Já ouviu: “<i>Nuh!</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>Misericórdia!</i>”? _____ • Já ouviu: “<i>Ôxe!</i>”? _____ • Já ouviu: “<i>Vixe!</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 9. | <p>Quando você está em busca de alguma coisa não específica na internet ou em gavetas, você costuma dizer que está fazendo o quê?</p> <p>_____</p> |

| | |
|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>fuçando</i>”? _____ Quem fala assim? _____ • Já ouviu: “<i>futucando</i>”? _____ Quem fala assim? _____ |
| <p>10.</p>  | <p>Qual palavra ou termo você usa para se referir aos cupins alados, que, após a chuva em dias quentes, fica voando ao redor das lâmpadas?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>siririca</i>”? _____ Quem fala assim? _____ • Já ouviu: “<i>formiga voadora</i>”? _____ Quem fala assim? _____ • Já ouviu: “<i>siriri</i>”? _____ Quem fala assim? _____ |
| <p>11.</p>  | <p>Que nome você usa para se referir àqueles bichinhos pequenos (répteis) que normalmente aparecem nas paredes de nossas casas à procura de insetos?</p> |

| | |
|-----|---|
| | <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>catengo</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>biba</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| 12. | <p>Que palavra você usa para se referir ou se dirigir à mulher e ao homem que geraram e/ou criaram você?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>mainha</i>” e “<i>painho</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| 13. | <p>Quando alguma coisa se danifica, por exemplo uma garrafa de vidro que cai ao chão, o que você diz que aconteceu com essa garrafa?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>espatifou</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>pocou</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |


| | |
|-----|---|
| | |
| 14. | <p>Que palavra você usa para se referir a terrenos acidentados com fortes desníveis?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>serra</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>montanha</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 15. | <p>Que nome você usa para se referir àquele biscoito doce frito, feito de polvilho?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>biscoito de doce frito</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>bananinha</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 16. | <p>Que palavra você usa para se referir à peça de roupa usada da cintura para cima quando está fazendo frio?</p> <p>_____</p> |

| | |
|-----|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>blusa de frio</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> • Já ouviu: “<i>casaco</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> • Já ouviu: “<i>capote</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 17. | <p>Quando a pessoa não gosta de gastar dinheiro de jeito nenhum, você diz que essa pessoa é o quê?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>mão de vaca</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> • Já ouviu: “<i>mão fechada</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 18. | <p>Quando você, de qualquer jeito, insere algo dentro de alguma coisa, por exemplo uma escova de dente na mochila, você costuma dizer que fez o quê?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> |

| | |
|-----|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>enfiei</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>botei</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 19. | <p>Quando você vai à praia e desfruta da água do mar, você diz que fez o quê?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>nadei</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>tomei banho de mar</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 20. | <p>Quando você vai se lavar no banheiro, você diz que vai fazer o quê?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>vou tomar banho</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>vou banhar</i>”? _____ |

| | |
|-----|--|
| | <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 21. | <p>Que palavra você usa ou usaria para se referir ao local onde as prostitutas são encontradas?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “zona”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “puteiro”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “brega”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 22. | <p>Quando amigos saem para jogar futebol como forma de diversão, você diz que eles foram fazer o quê?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “jogar bola”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “bater uma pelada”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “ir pro baba”? _____ |

| | |
|-----|---|
| | <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 23. | <p>Se você fosse chamar alguns amigos para tomar uma bebida alcoólica qualquer, você diria o quê?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>vamos tomar uma</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>vamos comer água</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 24. | <p>Que palavra você usa para se referir à secreção que junta nos nossos olhos enquanto dormimos?</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>remela</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>meleca</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 25. | <p>Quando você precisa voltar a uma consulta médica, você diz que tem o que agendado?</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>retorno</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>revisão</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| <p>26.</p>  | <p>Que palavra você para se referir àquele réptil quadrúpede, de mais ou menos um palmo de comprimento, que anda pelo chão ou nos muros das residências?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>calango</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>taruíra</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>lagarto</i>”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| <p>27.</p> | <p>Quando um estudante precisa complementar o estudo com um professor extra e individual, você diz que esse estudante precisa de quê?</p> |

| | |
|-----|--|
| | <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>aula particular</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “fazer <i>banca</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 28. | <p>Quando você chama alguém para ir ali ou a um lugar qualquer, o que você diz?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>vamo lá</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Já ouviu: “<i>bora lá</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |
| 29. | <p>Qual é o nome daquela raiz tuberosa usada para fazer farinha, polvilho ou usada como acompanhamento em pratos culinários?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há outro termo que você usa? _____ • Já ouviu: “<i>mandioca</i>”? _____ <p style="text-align: center;">Quem fala assim? _____</p> |

| | |
|-----|--|
| | <ul style="list-style-type: none">• Já ouviu: “aipim”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |
| 30. | <p>Qual termo você usa para se referir àquela fruta cítrica que descascamos com as mãos para comer os gomos?</p> <p>_____</p> <ul style="list-style-type: none">• Há outro termo que você usa? _____• Já ouviu: “mexerica”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> <ul style="list-style-type: none">• Já ouviu: “pocã”? _____ <p>Quem fala assim? _____</p> |